

NAOR FRANCO DE CARVALHO

**BIBLIOTECA TRAUMANN:
Memória, cultura material e construção identitária**

**ASSIS
2016**

NAOR FRANCO DE CARVALHO

**BIBLIOTECA TRAUMANN:
Memória, cultura material e construção identitária**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientadora: Lúcia Helena Oliveira Silva

ASSIS
2016

C331b Carvalho, Naor Franco de
Biblioteca Traumann: Memória, cultura material e construção
identitária. / Naor Franco de Carvalho - Assis 2016.
98 f: il.

Orientadora Lúcia Helena Oliveira Silva.
Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Ciências e Letras de
Assis, Universidade Estadual Paulista.

1. História Regional do Brasil. 2. Memória. 3. História
Arquivística. 4. Rolândia- Paraná I. Helena Oliveira Silva, Lúcia,
orient. II. Título.

CDD 981.62

NAOR FRANCO DE CARVALHO

BIBLIOTECA TRAUMANN: memória, cultura material e
construção identitária

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a
obtenção do título de Mestre em HISTÓRIA
(Área de Conhecimento: HISTÓRIA E
SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 30/11/2016

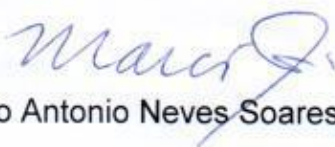
COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROFA. DRA. Lucia Helena Oliveira Silva - UNESP/ASSIS



Membros: PROFA. DRA. Cacilda Maesima - UEL/LONDRINA



PROF. DR. Marco Antonio Neves Soares - UEL/LONDRINA

AGRADECIMENTOS

Sou grato ao tempo e ao vento, pois ambos me trazem vida.

Sou grato ao metal e a espada, porque com eles abro meus caminhos.

Sou grato a minha família, por me transmitirem amor.

Sou grato aos meus amigos, porque me acolheram.

Agradeço a CAPES por possibilitar esta pesquisa.

CARVALHO, Naor Franco de. **Biblioteca Trauman: memória, cultura material e construção identitária**. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

A presente dissertação visa a análise das construções identitárias e de memória de Michael Traumann e sua família, por meio da Biblioteca Traumann, a observar as práticas culturais e visões de mundo que ela manifesta. Essas questões são problematizadas a partir de seu enquadramento social e histórico, no qual desenvolveu o conjunto das vivências da família. Por meio de seu microcosmo, foi observado o esforço e a tentativa de (re)construir, em seu exílio, uma cultura alemã e europeia juntamente com a brasileira. Portanto, esta pesquisa apoia-se na análise da materialidade da Biblioteca, entendendo-a como expressão do contexto social em que ela foi formada. Dessa forma, a enquadraremos como produto e produtora de cultura, e como lugar de memória. A partir dos livros presentes em sua composição, problematizamos o relacionamento entre suas leituras e seu contexto social. Além disso, por meio da investigação da Biblioteca Cidadã e de algumas produções textuais serão questionados os posicionamentos de Michael Traumann como guardião de uma cultura que temia a decadência e de uma memória familiar voltada ao elitismo cultural.

Palavras-chave: Biblioteca. Memória. Cultura material. Vivências.

CARVALHO, Naor Franco de. **Traumann Library**: memory, material culture, identity construction 2016. 97 p. MSc Dissertation – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT

This research tries to analyze the identity and memory constructions of Michael Traumann and his family, through the Traumann's Library, and to observe the cultural practice and world visions that it shows. These questions will be problematized from his social and historical place, in which he has developed his family context. Through his microcosm, we will observe his effort and his try to (re)build, in his volunteer exile, a German, European and Brazilian culture. Therefore, we will consider as acculturated/acculturating and as a memory place. Next, will be questioned Michael Traumann's positions as a keeper of a culture that was afraid of a decadency and of a family memory turned to the culture elitism.

Keywords: Library. Memory. Material Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – <i>Ex-libris</i> Frederich Traumann.....	15
Figura 02 – Biblioteca I.....	36
Figura 03 – Biblioteca II	37
Figura 04 – <i>Ex-libris</i> manuscrito de Mendes de Aguiar.....	39
Figura 05 – <i>Ex-libris</i> (gravura) de Emil August Göldi	39
Figura 06 – Etiqueta tipográfica do General Olympio Silveira.....	40
Figura 07 – <i>Ex-Libris</i> heráldico de Viscode do Rio Branco	41
Figura 08 – <i>Ex-libris</i> simbólico de Elvino Pocai	41
Figura 09 – <i>Ex-libris</i> faunístico de Júlio Pinto Barata	42
Figura 10 – Primeiro ensaio de <i>ex-libris</i> para Frederich Traumann.....	43
Figura 11 – <i>Ex-libris</i> Frederich Traumann.....	44
Figura 12 – <i>Gedichte</i> (1919).....	46
Figura 13 – <i>Ex-libris</i> na folha de rosto do livro <i>Gedichte</i>	46
Figura 14 – Contra capa de <i>Gedichte</i>	47
Figura 15 – Eurípides - Biblioteca Traumann	48
Figura 16 – Exterior do livro <i>Salomon Maimon Lebensgeschichte</i> (1911).....	59
Figura 17 – <i>Ex-libris</i> no livro <i>Salomon Maimon Lebensgeschichte</i> (1911).....	60
Figura 18 – Coleção Walter Scott	63
Figura 19 – <i>Ex-libris</i> de Marta Carst nas obras de Walter Scott	63
Figura 20 – <i>Die Fabeln</i>	78
Figura 21 – Ilustração no miolo do livro <i>Die Fabeln</i>	79
Figura 22 – <i>Hansel und Gretel</i>	79
Figura 23 – Folha de rosto do livro <i>Hansel und Gretel</i>	80
Figura 24 – Ilustração no corpo do texto.....	80
Figura 25 – <i>Titus Andronicus</i> de William Shakespeare (1964).....	81
Figura 26 – <i>Homers Odyssee</i> [s.d.]	82
Figura 27 – Folha de rosto de <i>Homers Odyssee</i> [s.d.].....	83
Figura 28 – Grifos no corpo do texto de <i>Homers Odyssee</i> [s.d.].....	83
Figura 29 – Foto e frase de Michael Traumann na Biblioteca Cidadã.....	85
Figura 30 – Floresta Encatada	87
Figura 31 – Floresta Encantada II	87
Figura 32 – Interior da Biblioteca Cidadã	88

Figura 33 – Exterior da Biblioteca Cidadã.....	88
Figura 34 – Painel em Homenagem a Michael Traumann.....	89
Figura 35 – Antiga sede da fazenda Gilgalla.....	90
Figura 36 – Interno da antiga sede	90
Figura 37 – Interno da antiga sede II.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 TRAUMANN: CONTEXTO HISTÓRICO E FAMILIAR	10
1.1 CULTURA MATERIAL	10
1.2 UM PASSEIO PELA BIBLIOTECA TRAUMANN	21
2 EX-LÍBRIS	38
2.1 CONCEITO DE <i>BILDUNG</i>	52
2.2 A AFINIDADE ELETIVA	60
3 PRESERVAÇÃO DA BIBLIOTECA: INSTINTOS E CAMINHOS	65
3.1 COMUNIDADE EXILADA: MEMÓRIA E RESITÊNCIA	66
3.2 A BIBLIOTECA E O SEU CONTEXTO SOCIAL	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

A proposta de estudo aqui é a análise das construções identitárias de Michael Traumann e sua família, por meio da Biblioteca Traumann. São observadas ainda as práticas culturais e visões de mundo que elas manifestam. A problematização se deu a partir de seu enquadramento social e histórico, no qual desenvolveu o conjunto das vivências da família. Dessa forma, neste trabalho, entende-se o sujeito como produtor de uma formação sociocultural, e a formação sociocultural como produtora do sujeito.

Visamos a análise das construções identitárias de Michael Traumann, bem como questionamos sua postura enquanto guardião de uma memória familiar a ser manifesta em sua Biblioteca. Partimos da compreensão de que o acervo em análise é fruto de um enquadramento da memória e da preocupação de preservação de uma memória familiar dos Traumann. Portanto, problematizamos a Biblioteca como lugar de memória (NORA, 1993).

O intuito de preservar algo, no caso uma memória familiar, pode levar a construção de uma narrativa tendo em vista a procura de significar as vivências, significações que acabam por ser *a posteriori*. Essa narrativa retórica cria uma ilusão que, se não observada pelo pesquisador, pode levar a uma perspectiva beirando ao inverossímil, como aborda Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 1996, p. 186).

Para nos esquivarmos desta ilusão retórica, os relatos de vida analisados nesta pesquisa serão contextualizados por meio da ótica historiográfica de que “a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 2006, p. 25). Logo, compreendemos que o indivíduo não só é fruto de seu contexto, mas também é agente dele, pois constrói sua identidade a partir de sua vivência no meio social.

Partindo das relações cotidianas e da problematização das memórias mantidas por Michael Traumann, visamos compreender como elas se organizam e reorganizam, bem como se expressam no cotidiano e nas relações externas estabelecidas por ele e sua família. Uma vez que a memória, entendida como objeto constitutivo das identidades, transforma-se e reorganiza-

se no presente, está em constante construção e reflete a forma do indivíduo observar, digerir e se manifestar no mundo externo:

Segundo esta perspectiva, através de conceitos “antropológicos”, como imaginário, sensibilidade e troca simbólica, tornar-se-ia plausível articular não somente os fios e as tramas complexas que compõem as relações entre o individual e o coletivo ao “[...] apresentar de modo menos esquemático os mecanismos pelos quais se constituem redes de relações, estratos e grupos sociais”, como também enfatizar as singularidades e as ações de indivíduos e grupos dentro de diferentes contextos históricos (PAZINI, 2010, p. 152).

Buscar as práticas, noções e experiências desse grupo, a família Traumann, significa transitar em um espaço de possibilidades e não de explicações conclusivas. Ao utilizar a Biblioteca como objeto, foi possível indagá-la, desconstruí-la e observar o seu constante relacionamento para as construções identitárias. Tanto a memória quanto as identidades estão em constantes mutações, sendo moldadas e readaptadas, logo os sentidos atribuídos *a posteriori* sempre são mutáveis (POLLAK, 1991; MENESES, 1992).

Regina Abreu, em seu livro *A Fabricação do Imortal* (1996), trabalhou com a construção da memória de Miguel Calmon, efetuada por sua esposa, Alice da Porciúncula, após a morte do marido. Para tal, ela escolheu o Museu Histórico Nacional (MHN), no Rio de Janeiro. Ao findar a república velha, o MHN é formado com um caráter didático para a nação brasileira, com a intenção de guardar os grandes acontecimentos e desenvolvimentos do Brasil Imperial e da República. Assim, mostrou seus heróis como Calmon, que foi julgado como um desses exemplos pela sua desenvoltura na vida pública brasileira durante a república velha. Para a realização do trabalho, Abreu partiu da compreensão de que:

Numa perspectiva, antropológica, história banais ou extraordinárias encerram significados. Significados que não se encontram imediatamente revelados ao nível da experiência sensível, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação [...] Por meio da problematização desse fenômeno é possível desvendar aquilo que lhe é subjacente: crenças, valores e visões de mundo singulares (ABREU, 1996, p. 28).

A autora afirma que a decodificação das ações, que são inatas a problematização das experiências, conduz o pesquisador às visões de mundo do indivíduo a ser analisado. Ao trabalhar com o acervo Calmon, ela não só problematizou a vida de Miguel Calmon como figura pública, como de sua esposa que organizou o acervo e também do museu, que se tornou seu guardião.

Regina Abreu, ao decodificar a doação de Alice da Porciúncula ao MHN, conseguiu questionar e analisar como se deu a imortalização da figura de Miguel Calmon. Por meio da preservação memorial, indagamos, com Biblioteca Traumann, as construções identitárias e manutenções dadas à memória da família, a partir da materialidade e de seu relacionamento frente ao seu contexto, ou seja, problematizamos como provável ponto de interação entre os membros da família e o grupo social da qual fez parte. Investigamos também suas produções textuais, sob o intuito de analisá-las enquanto resultados de sua paixão por livros e leituras, tendo em vista que, por meio deles, produziu e externalizou suas visões de mundo.

A presente pesquisa foi viabilizada pela Biblioteca Traumann, pois ela nos oferece uma quantidade significativa de fontes e caminhos a serem traçados. Dando-nos autonomia e o desafio de trabalhar com um objeto pouco trabalhado, que contribuirá para a constante problematização do conceito de memória. Possibilitando, dessa forma, a ampliação da área do saber sobre memória e acervo familiar, além de investigar as teias de relacionamento no exílio dos judeus emancipados, refugiados em Rolândia. Será demonstrada, portanto, que a historiografia não pertence somente aos grandes casos ou personagens associados as identidades nacionais, pelo contrário, a todos diz respeito e a todos pode representar.

A cultura material é de grande utilidade para a pesquisa histórica, pois ela nos proporciona fragmentos do contexto social na qual está inserida, expressa sinais das visões de mundo dos indivíduos que com ela interagiu:

Isto é, os objetos materiais têm uma trajetória, uma biografia. Se as observações acima expostas continuarem válidas, para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los 'em situação', nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social (MENESES, 1998, p. 04).

A integridade física do documento histórico não se transforma, sua “natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura, dureza etc.” (MENESES, 1998, p. 03) transmite sua objetividade, o sentido atribuído a ele é que muda constantemente. Por exemplo, o livro, sua composição e estrutura física, expressam o objetivo para o qual foi produzido, mas o significado dado a ele está em constante transformação, isso segundo a subjetividade dos indivíduos e do valor simbólico atribuído a ele pela sociedade. É importante ressaltarmos então que a materialidade do documento não fala por si só, o diálogo estabelecido entre o historiador e seu objeto se dá internamente, ou seja, ele mesmo questiona e responde a questão:

O que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático. E, pois, a questão do conhecimento que cria o sistema documental. O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala (MENESES, 1998, p. 07).

Nesse sentido, esta pesquisa, possibilitada pela materialidade da Biblioteca Traumann, irá procurar problematizá-la frente ao seu contexto social. Dessa forma, a enquadraremos como aculturada e aculturante (CHARTIER, 2003), como lugar de memória (NORA, 1993). Investigaremos o posicionamento de Michael Traumann como guardião de uma cultura que temia a decadência e de uma memória familiar voltada ao elitismo cultural, problematizaremos ainda o enquadramento da memória oficializada pela cidade de Rolândia, ao recortar o que lhe era útil sobre a imagem de Traumann.

1 TRAUMANN: CONTEXTO HISTÓRICO E FAMILIAR

A pesquisa historiográfica possibilita a análise dos relacionamentos culturais e fronteiras étnicas, contribuindo para a problematização das interações entre grupos e contextos culturais distintos. O acervo Michael Traumann, localizado no NDPH/UEL¹, pode ser visto como uma importante fonte para a construção do saber sobre as interações étnico-culturais.

Michael Traumann foi um judeu emancipado² de nacionalidade alemã que, juntamente com seus pais, refugiou-se em Rolândia - PR em 1937, quando tinha 12 anos, durante a ascensão do Nazismo em sua terra natal, a Alemanha. Ao chegar em Rolândia, a família Traumann encontrou dificuldades comuns a imigrantes em novas terras como uma vida rural e os cuidados com a fazenda. Também havia a dificuldade na comunicação em uma língua desconhecida e a adaptação em um novo contexto social. Antes de saírem da Alemanha, Frederich e Else Traumann, pais de Michael Traumann, atuavam respectivamente como advogado em Düsseldorf e como cantora lírica³, em um meio urbano de classe média, o que acentuava ainda mais as dificuldades, devido a mudança extrema de contexto.

A história da família Traumann é contada neste trabalho a partir de sua Biblioteca. Por meio dela, podemos observar como se deram as construções identitárias da família e problematizar o que a sua materialidade expressa sobre a família, portanto a compreenderemos como aculturada e aculturante (CHARTIER, 2003), ou seja, ao mesmo tempo em que produz cultura é produto dela. O acervo contém uma extensa Biblioteca com obras em alemão, português, inglês, francês e latim, uma discoteca composta tanto por discos clássicos e eruditos quanto populares, além de correspondências, diários, adaptações teatrais, cartões postais, livros de viagens e fotografias.

Michael Traumann quando fez morada no interior paranaense assumiu os cuidados da fazenda, juntamente com sua mãe, devido a inabilidade, de seu pai, com assuntos práticos relacionados a fazenda (TRAUMANN, 2008, p, 05). Devido ao seu novo trabalho, e as dificuldades de morar na zona rural de uma cidade em construção, ele não pode dar

¹ Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina.

² O judeu emancipado é fruto dos movimentos sociais *Haskalah* e Aperfeiçoamento Civil Judaico, uma das características da emancipação é a transformação do cotidiano judaico, com o uso do alemão como língua, a secularização do ensino e comunhão cultural com as culturas alemã/europeia, a diminuir a exclusão social do judeu (SOARES, 2012; GUINSBURG, 1970).

³ Entrevista concedida ao projeto Etnicidade e Morte - NDPH/UEL por Michael Traumann.

continuidade ao ensino secular, instruindo-se por meio da Biblioteca de seus pais e das reuniões culturais que ocorreriam em Gleba Roland⁴ (TRAUMANN, 2008; IPAC, 1995).

1. 1 CULTURA MATERIAL

Definir de forma exata a extensão da Biblioteca Traumann ainda não nos é possível, os livros até aqui catalogados e trabalhados são aqueles já catalogados pelo NDPH e não correspondem a totalidade da mesma. Boa parte da Biblioteca ainda se encontra presente na casa dos livros, cômodo existente na antiga fazenda da família Traumann. Atualmente a propriedade que se constitui em uma fazenda foi vendida para uma transportadora de grãos.

A parte catalogada da Biblioteca Traumann está dividida em três séries: Literatura; Filosofia; Obras Gerais. A série “Literatura” contém duzentos e trinta e sete exemplares, a grande maioria dos volumes foi publicada entre 1930 e 1969, por exemplo, o *Über die Demokratie in Amerika* (1956), “Democracia na América”, de Tocqueville. Em segundo lugar, temos os livros publicados entre 1970 e 1996, como *The Mousetrap e Other* (1986), “A ratoeira e outras”, de Agata Christie, e em menor quantidade estão os livros publicados entre 1884 e 1929, *Briefe 1740-1762* (1884) de Christian F. Gellerts. Na série “Filosofia”, estão presentes cento e vinte e quatro impressos, entre eles sessenta e nove foram publicados entre as décadas de 1930 e 1960, dezoito entre 1970 e 1990, e onze entre os anos 1874-1929, os vinte e seis exemplares restantes não possuem data de publicação.

Já a série “Obras Gerais” é composta por cento e sessenta e cinco livros, oitenta e seis publicados entre as décadas de 1930 e 1960, trinta e quatro entre 1970 e 1990 e dez foram publicados entre os anos de 1909 a 1928, o restante estão sem datas. Na totalidade do catálogo, estão presentes na Biblioteca, duzentos e sessenta e seis volumes em língua alemã, mas nem todos produzidos em território alemão. Por exemplo, o livro *Die Konsequenz* “A Consequência” (1975), do suíço Alexander Ziegler, feito em Zurique-Suíça. Em língua inglesa, temos cento e oitenta e três volumes, sendo cento e quarenta e sete dos Estados Unidos e trinta e seis da Inglaterra. Em francês, encontramos quatorze volumes, por fim vinte e dois volumes em português.

Michael Traumann teve uma educação notadamente erudita e, devido a esta herança, ele contribuiu na manutenção da Biblioteca com obras diversas que poderíamos

⁴ Nome atribuído a zona rural de Rolândia no início do desenvolvimento da cidade.

chamar de cosmopolita, ou seja, universalista com livros de variadas partes do mundo. Tudo isso em um ponto de interação pouco provável, uma fazenda no interior do Paraná.

O cosmopolitismo de Michael Traumann está intimamente ligado a *Bildung*, pensamento alemão que contribuiu para a unificação da Alemanha. A *Bildung* é o processo de construção do ser, ela tem como tradução as palavras “cultura” e “formação”. Logo, na compreensão alemã a *Bildung*⁵ seria uma cultura de formação. Por ela, o indivíduo se autoconstrói por meio de suas vivências no mundo (WEBER, 2011). A manutenção desta atitude contribuiu para a unificação dos Estados Alemães, pois a instrução não era possível sem as artes, das quais se alimentava. Tudo isto resulta na valorização da arte e filosofia alemã e produções culturais em alemão, como afirma Marco Soares:

Os campos da literatura, da filosofia e das artes em geral foram tidos como importantes forças de aglutinação. Goethe, Schiller, Kant, Beethoven tornaram-se amalgamadores deste fenômeno de construção identitária e considerados patrimônios nacional alemão (SOARES, 2012, p. 40).

Mesmo com a saída prematura de sua terra natal, Michael Traumann nunca deixou de cultivar-se no espírito alemão, ao contrário, esse foi seu ponto de referência para a construção da sua identidade. Sempre manteve a preocupação de alimentar-se nas artes, na filosofia alemã e cultura europeia. Segundo Traumann, sua cultura era europeia, suas leituras eram em alemão, em inglês, como ele afirma:

Eu sou da opinião que não existe uma cultura alemã, existe uma cultura europeia com um ramo alemão por assim dizer. A cultura nossa é Shakespeare e Tolstoi, é Dostoievski é Cervantes e Goethe e Schiller, e os alemães então quer dizer, a cultura europeia né, a gente quando eu me casei com a minha esposa pra mim era praticamente uma aventura de conhecer os grandes romancistas ingleses e americanos, era realmente uma coisa maravilhosa de ler⁶ (TRAUMANN, 2008, p. 09).

O sentido que Michael Traumann deu à sua trajetória ao fazer esse relato (BOURDIER, 1996), foi a crença de que ele, mais do que alemão, era cidadão do mundo. No entanto, como ele teria construído e quais ferramentas foram utilizadas para a construção desta ideia? Nosso ponto de partida para tal investigação é a Biblioteca. A partir do *corpus* da

⁵ O conceito *Bildung* é de grande importância para o cidadão alemão, devido a sua contribuição para a formação do Estado. A compreensão desta cultura, de formação, influenciou diversas áreas do pensamento alemão, como a filosofia com Nietzsche e sua concepção trágica de *Bildung*, e a literatura com os *bildungsroman*, sendo Goethe um de seus precursores (WEBER: 2011, p. 52-54).

⁶ Michael Traumann em entrevista ao Projeto Etnicidade e Morte- ETN 2003-2009.

Biblioteca, podemos aprofundar nas discussões sobre as construções identitárias expressas por meio dela. Chartier afirma que:

a pluralidade das leituras, que permite, da crença na realidade da descrição à compreensão da ficção como ficção- uma pluralidade que não discrimina necessariamente diferentes classes de leitores, mas que pode indicar as atitudes contraditórias ou sucessivas do mesmo leitor. (CHARTIER, 2003, p. 379).

É importante considerar que os livros contribuem para a construção identitária, mas não de forma determinante. O livro impresso é estruturado e arbitrário, ele estabelece uma narrativa já editada e pronta para seu leitor. O autor/editor estabelece os caminhos a serem seguidos, mas a forma como o escrito será recepcionado, não é necessariamente da forma que lhe foi proposta por eles (CERTEAU, 1998, p. 267). A utilidade do livro transcende a função que lhe foi atribuída, suas formas de uso são distintas e múltiplas, seja esta multiplicidade presente na imaterialidade, formas de ler, ou na materialidade dele (CHARTIER, 2003, p. 173).

Ao pensarmos a Biblioteca Traumann, devemos nos atentar para alguns detalhes. Ela tem seu início com Frederich Traumann e muitos dos livros acompanham a família desde antes da sua vinda ao Brasil, presentes desde a infância até a velhice de Michael Traumann. A criação de Michael Traumann o incentivou a ter gosto pela leitura e, não somente o gosto por ler, mas também por ter e dar manutenção ao impresso. O cultivo de uma extensa Biblioteca pode demonstrar culto ao livro por parte de Frederik e Michael Traumann. O livro é posto como o guardião do conhecimento, que é transmitido por meio do ato de ler. Portanto, o impresso e seu texto são sagrados. Michael Traumann, em sua entrevista ao projeto Etnicidade e Morte (ETN, 2009), ao relatar sobre seu casamento, afirmou que sua paixão ao se casar com uma inglesa estava na aventura de conhecer novos universos literários. Considerar o potencial poético da afirmativa do senhor Traumann, não invalida sua compreensão sobre o livro e a leitura como fontes do saber e a prática de ler como sagrada.

Roger Chartier, ao trabalhar com a circulação do impresso na França do Antigo Regime, compreendeu que:

O caso parisiense permite também estabelecer duas regras, que suportam apenas pequenas exceções: quanto mais a fortuna média de uma categoria é elevada, maior é a porcentagem de seus membros possuidores de livros; dentro de uma mesma categoria, a proporção dos proprietários de livros cresce com a elevação dos níveis de fortuna (CHARTIER, 2003, p. 178).

A análise de Chartier sobre o relacionamento entre fortuna e posse de livro, em uma Paris do século XVIII, nos possibilita a percepção da ligação estreita entre o livro e o dinheiro. Segundo Chartier, o tamanho das Bibliotecas particulares francesas estava proporcionalmente interligado com a fortuna de seu proprietário. Por mais que no final do século XVIII as diferenças diminuam entre os mais favorecidos e os desfavorecidos, a posse do impresso continua maior nas Bibliotecas mais ricas (CHARTIER, 2003, p. 180). Esse relacionamento direto entre o dinheiro e o livro transcende o fator de compra. Claro que não podemos desconsiderar que a preocupação em manter uma extensa Biblioteca é possível somente quando não há motivos para se preocupar com o que colocar na mesa, no momento da refeição. Juntamente com o poder de compra, a intenção de possuir uma grande quantidade de livros está relacionada ao valor simbólico do livro e da leitura (CERTEAU, 1998). Sendo assim, a grande extensão da Biblioteca pode ser vista como afirmativa intelectual de uma elite.

Essas considerações podem ser aplicadas à Biblioteca Traumann, bem como a preocupação com a constante manutenção feita pela família intimamente ligada ao valor simbólico do impresso e da leitura. A presença de *ex-libris*⁷ na Biblioteca nos permite esta análise, já que a criação do selo próprio demonstra a importância do livro para seu possuidor. O *ex-libris* não demonstra só posse, mas também carinho pelo volume no qual está inserido. Segundo Soares, a construção do *ex-libris* de Frederich Traumann não se deu de forma aleatória, o *ex-libris* é composto:

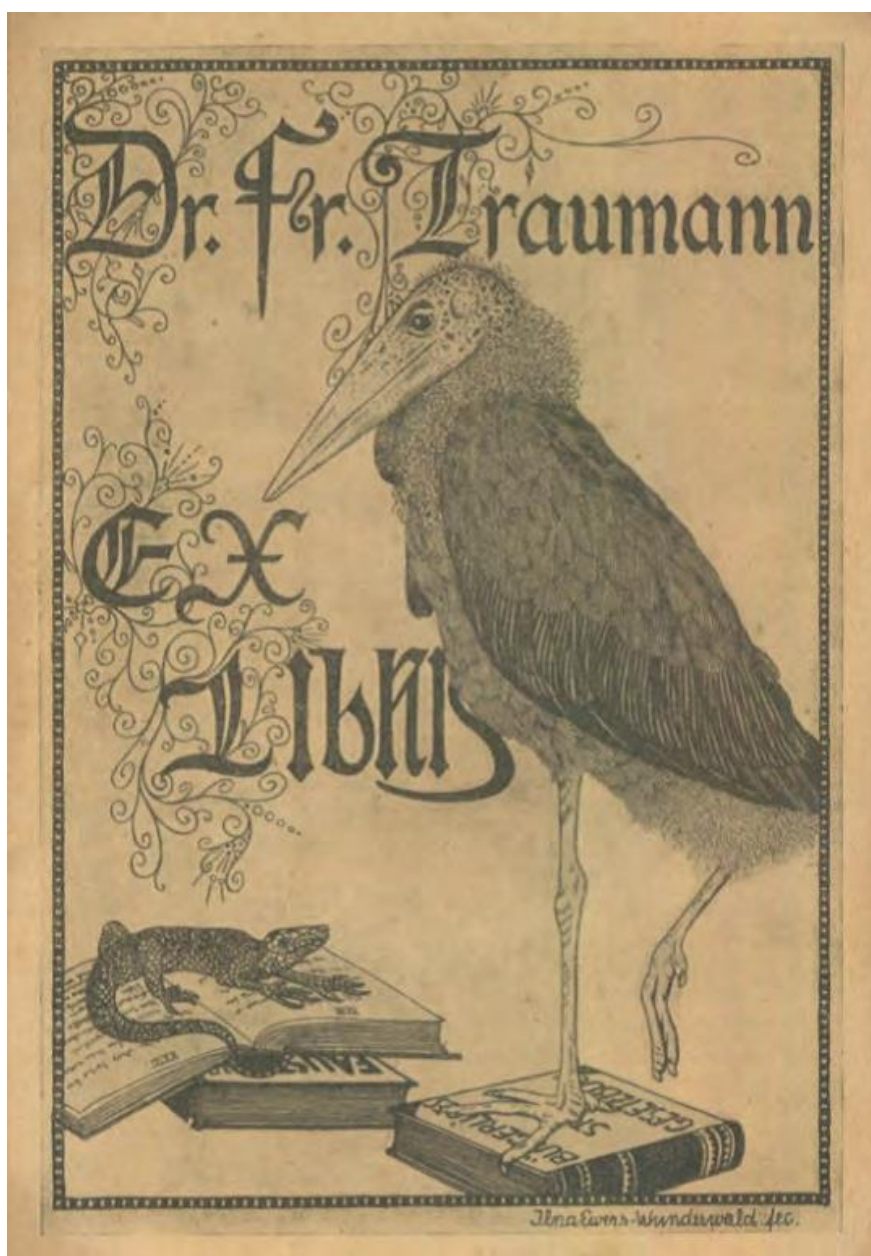
Por uma cegonha, que está apoiada com sua perna esquerda sobre o *Bürgerlichs Gesetzbuch*, o Código Civil, em vigor desde 1900. O pássaro, que representa a piedade filial e a capacidade migratória (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 218), se sustenta no corpus legal que garantiu a emancipação, estabelecendo um dialogismo com a origem judaica de Friedrich Ernst e sua formação em direito, o que lhe outorgou a vigilância do cumprimento dos dispositivos legais (SOARES, 2015, p. 691).

Além da cegonha, está presente no *ex-libris* uma salamandra, abaixo dela está o livro *Faust*, de Goethe. Para Soares, o *ex-libris* de Frederich Traumann remonta a sua visão sobre si, sua herança e emancipação judaica representada no Código Civil, sua capacidade de adaptação vista na cegonha, sua habilidade prática expressa na salamandra e seu espírito alemão presente em Fausto de Goethe (SOARES, 2015, p. 692). Em seu *ex-libris*, Traumann expressou

⁷ Selos pessoais com estética própria para demarcar posse. O *ex-libris* será trabalhado com maior profundidade no próximo capítulo.

suas identidades, deixou sinais de como construiu e significou sua trajetória, ao mesmo tempo em que judeu, era cidadão do mundo e intelectual alemão.

Figura 01 - *Ex-libris* Frederich Traumann



Fonte: SOARES (2015)

Frederich Traumann manifestou em seu selo alguns dos elementos que utilizou para a construção de suas identidades. Para tal, fez uso dos livros, não somente de seu texto, mas também do seu poder simbólico. Sua Biblioteca o representava, e ainda representa como elite intelectual, seja em Düsseldorf ou em Rolândia. O que a Biblioteca Traumann reflete em uma primeira análise é o apreço de Frederich Traumann pelo livro, pela leitura e pelo conhecimento. Seu fervor pelo universo literário não era alimentado somente pelo texto do livro, mas também o impresso o encantava, assim como o valor simbólico que existe ao possuí-lo. Portanto, a Biblioteca Traumann deve ser enquadrada em uma Biblioteca de elite, não pela composição de seus títulos, mas sim pela forma como seu mantenedor se relacionava com ela. As identidades presentes no *ex-libris* são construídas a partir do livro e da leitura. Ao expressá-las, Frederich Traumann reivindica para si uma identidade intelectual e uma das formas de manter essa construção identitária foi por meio da Biblioteca (CERTEAU, 1998; CHARTIER, 2003; POLLAK, 1992).

Para que ocorram as construções identitárias, a memória é utilizada como ferramenta: “é coletiva, individual, seletiva e estabelece como ponte ao passado, mas é filha do presente” (MENESES, 1992, p. 10). Segundo Michael Pollak (1992), a memória transcende o espaço-tempo e também é fruto de construção:

Esse último elemento da memória- a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p. 05)

A organização da memória resulta na formação das identidades. O passado é constantemente reconstruído no presente – no ato de rememorar ocorre a transformação da própria memória, ela é ressignificada e reorganizada a todo instante. Disso, vem a constante maleabilidade das identidades: as formas como indivíduo compreende-se são mutáveis. Logo, estão sempre em construção e manutenção, mesmo que isso se dê inconscientemente (MENESES, 1992; POLLAK, 1992). A partir dessas compreensões, podemos questionar quais identidades estão expostas na Biblioteca Traumann, e quais memórias são reivindicadas por meio dela. O *ex-libris* de Frederich Traumann expõe sua preocupação em representar-se

enquanto intelectual, mas quais elementos foram utilizados para a construção dessa identidade? Para começarmos a responder tal questão, devemos atentar o olhar para a Alemanha em seu processo de unificação.

Os Estados Alemães, antes de passarem por uma unificação associando-se nos campos das artes, literatura e filosofia (SOARES, 2012), consolidaram-se culturalmente compartilhando a mesma língua, principal fator de unificação. Para a união, fizeram uso de autores que escreviam em alemão, ouviam músicas em alemão. Assim a língua delimitou as fronteiras da cultura alemã, construindo o que viria a ser a Alemanha. Ao mesmo tempo em que a língua e as práticas culturais começavam a delinear o cidadão alemão, elas também excluía quem não as partilhava.

O judeu era aquele que não partilhava no universo alemão, sua língua era o *yídiche*⁸ e sua cultura estava intimamente ligada aos ensinamentos da *Torah*. Devido a esse afastamento, os judeus não comungavam dos espaços alemães, permaneciam assim habituados ao antissemitismo e restritos em seus bairros étnicos:

A limitação dos direitos mantinha o judeu europeu atrelado aos estereótipos que lhe foram criados, como o prestame e o comércio ambulante. Tais limitações sustentavam o imaginário que fundava a prática antissemita de associação da figura do judeu como usuário, e/ou vendedor sagaz, ou de espertalhão e farrista que devia ser extirpado do convívio público, sendo lhe reservado, como espaço de interação, apenas o gueto (SOARES, 2012, p. 38).

Esse afastamento entre culturas que dividiam um mesmo território físico, era visto por muitos pensadores alemães do século XVIII como empecilho para a plenitude e soberania da língua e cultura alemã. Os meios encontrados para a derrubada dessas fronteiras foram o aperfeiçoamento civil judaico e a *Haskalah*. O aperfeiçoamento civil judaico foi elaborado por Cristian Wilhelm von Dohm que, por meio de seu livro *Über die bürgerlich Verbesserung der Juden 1781* (Sobre o aperfeiçoamento civil dos judeus), difundiu o assimilacionismo nos meios não-judeus, que seria a integração dos judeus enquanto cidadãos dos Estados Alemães. A proposta elaborada por Dohm era retirar os judeus de suas comunidades e ampliar o campo de relacionamento entre o judeu e o alemão, inserindo-os no cotidiano alemão, a possibilitar o pleno gozo e interação dos judeus na sociedade alemã, a partir de medidas sociais. Para que ocorresse essa assimilação, a proposta visava a educação secular dos jovens judeus (SOARES, 2012).

⁸ Língua indo-europeia escrita em hebraico, na Alemanha do século XVIII o *yídiche* era utilizado pelos judeus em todas suas transações, sejam elas culturais, sociais e econômicas (GUINSBURG, 1970).

A *Haskalah* nasce no contexto da *Aufklärung*, iluminismo alemão. Esse movimento pode ser visto como modernizador do judaísmo nos Estados Alemães e em diversas regiões da Europa, devido ao abandono do *iídiche* e adesão do ensino secular. A *Haskalah* teve como precursor Moses Mendelssohn que, a partir do conhecimento da falta de direitos e cidadania do povo judeu, optou por dialogar entre esses contextos distintos. De criação judaica, instruiu-se também na ciência e filosofia alemã. Mendelssohn estabelece-se como referência tanto nos grupos acadêmicos dos Estados Alemães, quanto nas comunidades judaicas e sugere, então, o abandono das Leis Cerimoniais criadas pela tradição e não por Moisés (GUINSBURG, 1970), pois elas que limitavam o contato entre os judeus e os “ímpios”, os não-judeus.

Com o sucesso da *Haskalah* e o do aperfeiçoamento civil judaico, o judeu alemão do século XIX compartilha plenamente da cultura alemã, após a queda da barreira linguística e social existente entre os judeus e os germânicos. Com a assimilação, os judeus conquistaram mais direitos sociais, tornaram-se indivíduos reconhecidos por seus governantes. A exclusão que não era somente cultural, mas também social começa a ter fim, os Estados Alemães ganharam mais cidadãos, contribuindo para uma futura unificação dos estados. Segundo Soares, o conceito de pátria, para os germânicos pré-unificação, era representado em duas palavras, *Vaterland e Heimat*:

Ambos os termos, *Vaterland e Heimat*, designam a ideia de pátria. Porém, o primeiro está ligado à questão territorial, a entidade física da nação, suas paisagens e fronteiras, enquanto o outro se relaciona com os valores tidos por espirituais, como a língua, a literatura e as artes (SOARES, 2012, p. 155).

Essa separação terminológica sobre um mesmo conceito demonstra a preocupação em uma unificação plena, pois pátria não é somente aquilo que se encontra unido por fronteiras físicas, mas também aquilo que está unido por valores espirituais. Nesse sentido, a assimilação do judeu na sociedade alemã foi de extrema importância para a unificação e criação da Alemanha. No período de pós-assimilação, os judeus produziram cultura alemã, muitos se converteram ao cristianismo, tornaram-se advogados, juízes, acadêmicos, professores e médicos. Ocuparam todos os espaços sociais que o cidadão alemão tinha direito, mesmo com a constante presença do antissemitismo, contribuíram para a propulsão da língua e cultura alemã. Os judeus que se refugiaram em Rolândia, no Paraná, são frutos desses processos que tiveram início no século XVIII. As famílias judias que chegaram à cidade são tidas como plenamente assimiladas à cultura europeia e, fugiram da Alemanha com pesar de deixar para trás sua pátria (SOARES, 2012).

Frederich Traumann fez uso da memória sobre a assimilação judaica como construtora de suas identidades. É ao assimilacionismo judaico que o Código Civil presente em seu *ex-libris* faz referência, bem como a sua presença em seu selo demonstra sua preocupação com a herança. Por mais que seja luterano, é de origem judaica e, como judeu, ele é emancipado, o Código Civil é a justificativa da plena inserção de Frederich Traumann como cidadão alemão. A elaboração do *ex-libris* foi anterior à imigração da família (SOARES, 2015, p. 689) e demonstra que a herança judaica e cidadania alemã que ele evoca para si foi manifesta antes do choque de partida, sendo elemento significativo de suas construções identitárias. A considerar que a manutenção a essas identidades tenha se intensificado em terras brasileiras, com o intuito de manter a ligação com a cultura europeia, no qual a alemã faz parte (POLLAK, 1992; TRAUMANN, 2008).

Por reconhecer-se como cidadão da Alemanha que Frederich Traumann cultivou-se nas artes e literatura, manteve leituras clássicas para o pensamento alemão, associado a *Bildung*. Sua Biblioteca é fruto dessa manutenção e é moldada por meio das identidades que constrói e manifesta. A Biblioteca é “portadora de identidades culturais” (CHARTIER, 2003, p. 128), passíveis de constantes transformações nos signos que expõem. Se para Frederich Traumann a Biblioteca foi fruto das construções identitárias que se deram através de sua memória social, tanto individual quanto coletiva, para Michael Traumann ela é o lugar onde parte das identidades construídas por seu pai está guardada. Em uma família que valoriza a leitura e tem o livro impresso como ouro, a Biblioteca é um tesouro e, para Michael Traumann um tesouro a ser preservado.

O relacionamento da família Traumann com a leitura e a Biblioteca pode ser observado por meio dos relatos de vida dos moradores da zona rural da então Gleba Roland. Esses relatos que serão utilizados aqui foram encontrados no NDPH e fazem parte do conjunto documental sobre a cidade de Rolândia-PR. Compreendemos que os relatos de vida são estruturas organizadas e construídas por seu narrador. O sentido para a trajetória é dado posteriormente à construção da narrativa, exclui e reafirma segundo o interesse de quem a constrói, seja essa ação consciente ou inconscientemente (BOURDIEU, 1996, p. 186). Contudo, também é a partir dos relatos de vida que o contexto social do indivíduo é exposto, sendo passível de desconstrução e análise por parte do historiador (SCHMIDT, 1996).

Max Hermann Maier, judeu emancipado, jurista e advogado de Frankfurt chegou ao Brasil juntamente com sua esposa Mathilde Maier em dezembro 1938, refugiou-se em Rolândia-PR e deu início a fazenda Jaú. Como os outros imigrantes que chegaram à cidade, a

compra e a vinda para o país foi intermediada pela companhia inglesa CTNP⁹. A imigração de judeus para a recente formada Gleba Roland tem início em 1935, devido ao “crescimento do nazismo e antissemitismo na Alemanha” (SOARES, 2012, p. 127). No relato de vida de Maier, ele se atentou em discorrer sobre sua vizinhança mais próxima e sobre seus amigos íntimos. Na página vinte e oito de sua transcrição, ao falar sobre Frederich Traumann, diz: “O colega de Düsseldorf distingue-se por seus profundos conhecimentos de Literatura e de História. Ele deu o nome de Gilgala a sua fazenda”. Maier descreve Frederich Traumann como homem letrado e sempre preocupado em adquirir e propagar o conhecimento que a leitura oferece:

Esse fazendeiro se ocupa também da fazenda Gilgala com o estudo da literatura clássica, principalmente de Goethe, Heine e Shakespeare; sendo um homem de caráter muito sociável, fazia participar seus vizinhos, homens e mulheres, de sua sabedoria e dos seus pensamentos e sentimentos. (MAIER, 1977, p. 28)

Para Max Maier, o que se destacava na personalidade de Frederich Traumann era sua erudição. O contato com seus vizinhos estava sempre intermediado por assuntos relacionados à literatura, à Alemanha e à história, expressando isso até em sua fazenda. Por exemplo, ele (Traumann) tinha um grande porco chamado Xerxes que faz referência ao imperador da Pérsia, que também governou sobre o povo judeu. Sua história é contada no livro judaico “Esther”, presente no *Tanakh*, livro que seria o equivalente ao Antigo Testamento da bíblia cristã. Outro animal que faz referência histórica é uma vaca com o nome de Hatschepsut, que foi rainha regente no Egito Antigo XV a. C (MAIER, 1976; CALDENHOF, 1976).

O ato de nomear seus animais com nomes históricos de personagens da antiguidade não demonstra somente carinho pela história, deixa claro uma autoafirmação elitista. Esse elitismo da família também é expresso por meio da Biblioteca e outros elementos de sua fazenda. Para saber quem é Xerxes ou Hatschepsut, é necessário que haja leitura e conhecimento histórico, portanto, ao alcunhar seus bichos com estes nomes, os integrantes da

⁹ A Companhia de Terras Norte do Paraná foi criada em 1925 pela *Brazil Plantations Syndicate Limited* (BPSL), ela surgiu como resposta aos prejuízos da BPSL no investimento em terras brasileiras para a plantação de algodão (1924). A CTNP visava a execução de um plano imobiliário no norte paranaense, sua sede encontrava-se em São Paulo e relacionava-se com a Paraná Plantations LTD, sediada em Londres, empresa também criada pela BPSL (1925) (TOMAZI, 1997, 186). A partir de seu intermédio o norte paranaense tornou-se como porto seguro para diversos alemães que enfrentavam as dificuldades financeiras de uma Europa falida, e de uma Alemanha instável, situações que antecederam a Segunda Guerra Mundial. Com as diversas limitações impostas pelo governo alemão para aqueles que desejavam sair do país, a CTNP tornou-se um meio seguro fugir da crise com garantia de um refúgio. Os alemães forneciam dinheiro para a compra de matérias que seriam utilizados na construção de uma ferrovia que ligava os estados de SP e PR, em troca recebiam marcos de terra no norte paranaense. (IPAC, 1995, P. 11).

família expressavam características intelectuais e procuraram demonstrar conhecimento histórico por meio de sua fazenda.

Outro relato importante de Maier é sobre algo que parecia ser cotidiano na fazenda:

Na fazenda Gilgala houve muitas reuniões de rolandenses, com boas conversações e discursos eruditos. A patroa de Gilgala tinha sido na Alemanha uma afamada cantora e era quem alegrava os rolandenses com seu canto, tocando um piano que ela trouxera consigo da Alemanha (MAIER, 1977, p. 28)

Em outro relato de um imigrante alemão da época, Ricardo Loeb Caldenhof, as reuniões na fazenda Gilgala também são citadas, mas com uma nota de pesar: “nos anos cinquenta, morreu Dr. Traumann, uma perda para todos nós, porque sua casa foi o centro intelectual e artístico, por anos para todos nós na primeira década da selva ou mais” (1977). Os vizinhos descreviam a família Traumann e seu anfitrião Frederich Traumann como eruditos, sempre voltados às artes.

Foi nesse contexto que Michael Traumann cresceu e formou-se, não frequentou escolas seculares e não teve formação acadêmica. Sua escola era sua casa e as leituras possibilitadas pela Biblioteca de seus pais. As reuniões onde se discutiam política, literatura clássica, além de óperas e concertos tocados e cantados por sua mãe Else Traumann foram sua escola. A paixão que expressou em sua entrevista (TRAUMANN, 2008, p. 09) pela cultura europeia, pela literatura e artes começou a ser cultivada nessas reuniões na fazenda Gilgala. Ali estudava na presença de seus pais e, muitas vezes, de seus vizinhos, ouvindo Schubert, lendo Goethe, Thomas Mann e Dostoiévski (MAIER, 1977).

1.2 UM PASSEIO PELA BIBLIOTECA TRAUMANN

A Biblioteca Traumann apresenta vestígios que corroboram com a afirmação de Max Maier e Michael Traumann sobre seu cultivo na cultura alemã. Estão presentes na Biblioteca três obras de Thomas Mann, elas se encontram na série de literatura. O livro mais antigo, *Buddenbrooks*, foi publicado em 1920 pela editora S. Fisher. Os outros dois foram publicados pela mesma editora S. Fisher, *Der Erwählte* com edição de 1951 e *Leiden und Grösse der Meister* de 1957. O impresso com publicação em 1957 encontra-se bem desgastado,

o que pode indicar manuseamento constante. A brochura¹⁰ está com sua capa em estado de deterioração, incompleta e o livro não possui mais contracapa. Já o *Der Erwählte* está mais conservado, o livro é um hardback¹¹, talvez esse seja o motivo de sua maior conservação, afinal uma capa mais resistente protege melhor o impresso de desgastes de manuseamento.

Além das obras de Thomas Mann, encontramos na Biblioteca Traumann três livros de Dostoievsky, *The Idiot*, publicado em 1953 na cidade de Londres pela editora J. M. Dent & Sons LTD, *Die Bruder Karamazov*, com publicação em 1916 da editora R. Piper & Co, em München-DE e, por fim, *The Brothers Karamazov*, lançado em Nova York com edição da Random House, sem data de publicação. O impresso *The Idiot* é um *hardback* e encontra-se em bom estado de conservação, suas páginas estão levemente amareladas e com pequenas marcas de umidade. Na segunda capa, é possível visualizar um carimbo com a inscrição “Jane e Michael Traumann”, demarcando posse sobre o livro, acima do carimbo tem o selo da Livraria Brasiliense (SP), indicando o provável local de compra.

É importante observarmos que há uma mesma obra de Dostoievsky com duas publicações distintas e em línguas diferentes, sendo os livros *Die Bruder Karamazov* e *The Brothers Karamazov*. A presença da mesma produção em idiomas distintos muito pode falar sobre o cosmopolitismo apresentado na Biblioteca. É sabido que Michael Traumann era fluente em alemão, inglês, português e sua sede pela leitura não se limitava a uma só língua. Já sobre Jane Traumann, sua esposa, não temos esta informação, logo a presença da obra em inglês e alemão pode indicar o compartilhamento de leituras entre o casal em sua língua de conforto ou a intenção de ambos de se aprofundarem em novos idiomas por meio das mesmas leituras. Mesmo com esta incógnita, as duas obras nos possibilitam ampliar a investigação sobre o cosmopolitismo da família Traumann.

A Biblioteca aqui analisada apresenta diversos sinais universalistas, a demonstrar preocupação por parte dos integrantes da família, primeira e segunda gerações no Brasil, em cultivar-se em outros universos culturais além do europeu. Como já apresentado aqui, ela possui volumes em diversas línguas, o que por si só já indica erudição e interesse em demais idiomas, mas além desses existem obras de autores estrangeiros publicados em alemão. Por exemplo, temos o famoso livro de Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão* (1967) publicado em

¹⁰ Folheto, livro de pequenas dimensões, revestido com capa de papel ou cartolina colada na lombada. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/brochura>>. Acesso em: 31 maio 2016.

¹¹ São livros de capa dura que não possuem jacket por já conter as informações e a arte da capa impressas na própria. A jacket é uma sobrecapa com as informações do livro, ela pode ser retirada e recolocada, ela geralmente acompanha os hardcovers, livros com capa dura de cor lisa com o mínimo de informações. Disponível em: <<https://Bibliotecaucs.wordpress.com/2013/01/03/anatomia-do-livro/>>. Acesso em: 31 maio 2016.

alemão (1982) pela editora Kiepenheuer & Witsch, com o título *Hundert Jahre Einsamkeit*. A brochura está bem conservada com pequenas marcas de corrosão, capa e páginas amareladas.

Outra obra que se enquadra nesta discussão são as obras *Tote See* (1952) “Mar Morto” (1936) e *Gabriela Wie Zimt und Nelken* (s.d) “Gabriela Cravo e Canela” (1958), do brasileiro Jorge Amado, ambas publicadas pela editora Rowohlt. O impresso de 1952 é uma brochura com seu exterior sujo, a capa apresenta sinais de desgaste, mas está com boa conservação. O miolo do livro encontra-se levemente amarelado e na terceira capa¹² contém um manuscrito com o nome Ranke. *Träume* (1979) de Harold Robbins, autor estadunidense, está incluso no hall de livros estrangeiros consumidos pela família juntamente com *Eros von Paris*¹³ (1936), de Jules Romains, e *Die Kleinwelt unserer Zeit*¹⁴ (s.d), do italiano Antonio Fogazzaro.

Os autores apontados são referências literárias em suas respectivas nações, Harold Robbins (1916-1997) publicou trinta e cinco obras e cerca de vinte foram traduzidas para trinta e dois idiomas, Jules Romains (1885-1972) além de poeta era dramaturgo, filósofo e membro da academia francesa. O italiano Antonio Fogazzaro (1842-1911) foi indicado ao Nobel de Literatura em 1901, apesar de não ter conquistado o prêmio foi um poeta de renome em seu país. O colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), é uma grande expressão da literatura latino-americana e já foi premiado com o Nobel de Literatura de 1982. Suas obras tiveram grande repercussão na Europa na década de 1970 devido ao seu estilo de escrita que mescla realismo com ficção. E, por fim, o brasileiro Jorge Amado (1912-201), seus romances foram publicados em quarenta e nove idiomas e no Brasil foi o autor com o maior número de adaptações do cinema e da televisão.

A presença desses escritores na Biblioteca Traumann demonstra diversidade de interesse por parte de seus mantenedores que apreciavam literatura estrangeira, anseio aparentemente mantido pela primeira e segunda gerações no Brasil, já que as obras vão desde 1936 a 1982. A exemplo de *Eros von Paris* (1936), um hardback de tecido que está bem desgastado, com marcas de umidade em todas as suas capas, seu miolo está levemente amarelado, mas bem conservado e *Hundert Jahre Einsamkeit* de 1982. O período entre as publicações abarca a primeira e segunda gerações, Frederich Traumann e Michael Traumann respectivamente, mas devemos considerar que o impresso mais antigo possa ter sido adicionado à Biblioteca pela segunda geração, já que não possui sinais que indicam quando, onde e por

¹² Parte de trás da contracapa/quarta capa.

¹³ Título original: *Les Hommes de Boné Volontè* (1946).

¹⁴ Título original: *Piccolo Mondo Antico* (1895).

quem foi comprado. Mesmo com estas incertezas o cosmopolitismo apresentado na Biblioteca Traumann não é algo que se restringe somente a uma geração ou aos membros desta família.

Os exemplos aqui citados são recortes de uma Biblioteca extensa e diversa, não só pela curiosidade cultural da família, mas também por ter sido mantida no mínimo duas gerações distintas. Apesar da dificuldade em analisar um conjunto extenso, o recorte dessa pesquisa nos possibilita averiguar vestígios identitários presentes na Biblioteca. Observamos por meio dos livros de Thomas Mann e Goethe, o interesse da família em cultivar obras alemãs. Percebemos que seu interesse transcende a Alemanha, mas dela não escapa. Algumas das obras estrangeiras presentes na Biblioteca Traumann são de grande importância para cultura alemã¹⁵, como o escritor russo Dostoievsky, ou o autor clássico grego Eurípides¹⁶. E mesmo quando se é possível ler um escrito estrangeiro em outra língua, neste caso enquadrados especificamente a segunda geração, é escolhido o texto escrito em alemão.

O universalismo apresentado por Michael Traumann pode não ser só fruto de sua criação nuclear, mas como também dos movimentos sociais do século XIX que possibilitaram a assimilação judaica na Alemanha. No período pós assimilação o judaísmo alemão passou por grandes transformações, uma das mais marcantes foi a separação, por parte dos assimilados, entre o judaísmo cultural e o religioso, tendo como crença que a manifestação religiosa era de foro íntimo do judeu. Para Soares (2012), quando os judeus emancipados chegaram ao Brasil, foi construída em Rolândia uma comunidade híbrida onde o judaísmo ora era manifesto culturalmente, ora religiosamente e muitas das vezes caminhava juntamente com o cristianismo ou outras expressões religiosas (SOARES, 2012).

Os judeus alemães emancipados, mesmo antes do exílio no Paraná, já eram cidadãos de dois mundos. O nível de assimilação de muitas famílias foi tão grande que seus descendentes só descobriram sua ascendência judaica no governo Hitler. Entretanto, muitas famílias mantiveram tradições judaicas ou resquícios delas, mesmo com a mudança de fé. Neste grupo enquadra-se a família Traumann. Mesmo com sua assimilação, a família manteve a memória judaica e foi constituída hibridamente, Else Traumann era ariana de tradição luterana e Frederich tinha ascendência judia, mas teve como base religiosa o cristianismo (TRAUMANN, 2008).

Os filhos de Else e Frederich Traumann foram frutos de universos distintos, eles nasceram em uma família mestiça, e foram criados como alemães por um lado de origem

¹⁵ Compreendemos a Cultura como heterogênea, nunca homogênea.

¹⁶ Estão presentes na Biblioteca três volumes de Eurípides com *ex-libris*. Este tema será amplamente discutido no próximo capítulo.

judaica, mas plenamente assimilado na cultura alemã, e por uma mãe ariana de fé luterana. Mesmo com a plena assimilação do judeu na Alemanha, o antissemitismo nunca deixou de existir. Ele era vivenciado por qualquer cidadão que expressasse sua judeidade, situação essa que piorou durante a ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Devido a sua formação, Michael Traumann compreendeu desde cedo o que era ser participante de universos distintos¹⁷, característica também presente na comunidade judaica de Rolândia. Para Soares, as expressões judaicas manifestas em Gleba Roland, são frutos da *Haskalah*, logo segue a tendência de separação entre expressão religiosa e cultural do judaísmo (SOARES, 2012). Ou seja, a formação híbrida experienciada pela família Traumann e por sua comunidade favoreceram o cosmopolitismo apresentado pelo grupo familiar.

A criação em um universo bicolor pode conduzir a curiosidade de quais outras cores estão presentes no universo. Michael Traumann, em sua infância, foi apresentado a leituras de clássicos alemães e europeus, e no exílio lhe foi apresentada sua ancestralidade judaica, além das dificuldades postas em seu caminho devido a sua mestiçagem. Tudo isso lhe possibilitou observar um novo horizonte social e cultural, que aumentou o tamanho seu mundo e de sua sede por conhece-lo (TRAUMANN, 2008).

Prática comum presente na comunidade rural de Gleba Roland era o empréstimo de livros. As Bibliotecas dos refugiados tinham uma grande circulação de seus impressos como afirma Soares: “Esses livros foram (e ainda são) objetos que estabeleceram profundos traços de interação, uma vez que circulavam, mediante empréstimos, nas fazendas e na cidade de Rolândia” (SOARES, 2012, p. 139). O livro estabelece-se então como ponto de interação entre os refugiados, possibilitando dessa forma uma transição cultural e diálogo entre as distintas leituras. Este novo dado amplia a compreensão sobre as leituras da família Traumann, pois como afirma Chartier:

Mas tanto quanto hoje, nos séculos XVII e XVIII, o possível acesso ao livro não pode ser reduzido apenas à posse particular de uma Biblioteca. O livro lido nem sempre é um livro possuído, longe disso, e dos anos 1660 aos anos 1780 multiplicaram-se no reino as instituições e as práticas que facilitam a leitura de livros não possuídos pessoalmente. Para além das coleções particulares (CHARTIER, 2003, p. 196).

As leituras efetuadas pela família transcendem os impressos presentes na Biblioteca, da mesma forma que possuir o livro não implica leitura. Ler um livro não indica

¹⁷ Michael Traumann nasceu em 1925, e cresceu durante a ascensão do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, sabendo que era mestiço (TRAUMANN, 2008).

posse do mesmo. Ou seja, as leituras não são limitadas pelos exemplares presentes na Biblioteca. Vários aspectos escapam aos catálogos como a circularidade do impresso na comunidade rural de Rolândia e a presença de livros com outros carimbos e *ex-libris* na Biblioteca Traumann.

A circulação do impresso é uma característica marcante das práticas de leitura. Muitos dos livros que passam pela vida de um indivíduo não são da posse do mesmo, mas sim de Bibliotecas, arquivos, amigos e igrejas, sendo incontáveis seus caminhos de trânsito. Dessa forma, as leituras de determinado indivíduo também se entrelaçam com as leituras de seu contexto social, reforçado quando a troca se dá em um grupo, oficial ou não, onde existe intimidade entre seus participantes (CHARTIER, 2003). Assim, torna-se necessário atentar sobre essa prática no objeto discutido, pois como afirma Roger Chartier: “toda uma parcela da circulação do livro escapa, portanto, ao mercado e ao seu corolário, a posse particular: como na Idade Média ou no século XVI, os livros são objeto de presentes apreciados, de empréstimos rebuscados” (CHARTIER, 2003, p. 198).

Em uma análise inicial da Biblioteca Traumann, foi percebida a presença de diversos impressos com indicações de posse de terceiros, não integrantes da família Traumann. A maioria dos livros da Biblioteca que estão marcados com alguma assinatura ou carimbo demarcam a posse de Frederich e Else Traumann, Michael e Jane Traumann, mas existem muitos livros com carimbos da Biblioteca Municipal de Rolândia ou de outros proprietários como Paul J. Wade, Max Roser, Rudolf Baer, dentre outros.

Entre os livros assinados por terceiros, em relação à família Traumann, Eugenio Ranke destaque-se do total de livros catalogados, cinco eram de sua posse e um livro de viagem de sua esposa Margot Ranke, todos em língua alemã. Entre os livros de Ranke na Biblioteca, temos uma obra de Schopenhauer e Hans Ruesch, indicando temas variados de circulação, já que um é filósofo e outro literário.

Em 1939 Eugenio Ranke, que era agricultor juntamente com sua esposa Margot Ranke (botânica), deixam Dantzig na Alemanha e refugiam-se em Rolândia, assim nasce à fazenda Marta (IPAC, 1995, p. 22). A família Ranke, ao refugiar-se em Rolândia, compartilha da mesma memória de seus vizinhos, o abandono de sua amada pátria, por causa da Segunda Guerra Mundial devido a sua ancestralidade. Esse sentimento resulta na criação de monumentos e memoriais que reconstroem uma Alemanha idealizada (POLLAK, 1992). As manutenções, dadas aos monumentos de memória, são por meio das práticas culturais. No livro *A casa dos alemães*, publicado pela editora UEL (IPAC, 1995), ao discorrer sobre a fazenda Marta, corrobora com as afirmativas encontradas nos relatos de vida discutidos acima. Klaus Ranke,

filho de Eugênio Ranke, ao descrever sua infância, não deixou de lembrar as reuniões que ocorriam na comunidade rural de Rolândia, sendo sua fazenda uma das sedes para elas:

Num dos concertos tinha umas duzentas pessoas. Vinha gente de todo lugar: de Rolândia, de Londrina. Os moradores da região como Koch Weser, Traumann, Breslau. Vinham a cavalo, de charrete e de carro. *Klaus Ranke* (IPAC, 1995, p. 24).

Essa lembrança de Klaus Ranke evidencia a importância dessas reuniões para sua família, comunidade, a demonstrar a preocupação em cultivar-se na cultura alemã e em tudo aquilo que lhes era caro, sempre na procura de construir para si uma identidade intelectual. Os encontros narrados por Klaus Ranke e pelos outros membros da comunidade ganham destaque também na mídia local. Isso pode ser observado por meio de um excerto do Jornal Gazeta de Londrina, em 07 de julho de 1946, no artigo de José de Oliveira Rocha:

Creaturas envelhecidas pela idade quando não pelos desenganos, cujas esperanças perdidas aquela música divina fazia ressurgir... Dramas terríveis, lutas tremendas, esquecidas ao som daquelas notas... A pátria, a religião e a família perdidas por um capricho do destino... A aclimatação em terra "inhospita": - Outros usos e outros costumes... O esplendor de uma civilização que começa- tudo se confundia e misturava ao influxo poderoso daquela música extraordinária. Ali estavam, além dos mais, juristas, literatos, professores, engenheiros, pintores e musicistas (IPAC, p. 24).

O encontro narrado pelo jornalista José Rocha, na fazenda Marta, demonstra a importância dessas reuniões na comunidade rolandiense a ponto de chamar a atenção da Gazeta de Londrina. Além do registro desse evento, na narrativa do jornalista as identidades mantidas pela comunidade, o sentimento de abandono, a dificuldade em novas terras, a distância e perda de familiares, eram assuntos nas reuniões. Como disse José Rocha, tudo isso se misturava ao som de músicas extraordinárias, e não só a elas, todos esses sentimentos se misturavam às suas leituras, peças teatrais e ao cotidiano da comunidade.

Na narrativa de Klaus Ranke sobre os encontros em sua fazenda, ele exemplifica quem frequentava sua casa e o ato de relembrar as famílias citadas ao invés de outras, pode demonstrar um grau maior de proximidade entre sua família e as quatro descritas por ele. A presença dos livros com assinatura de Eugênio Ranke, família Ranke ou simplesmente Ranke, evidenciam esta afirmação. A circulação do livro na comunidade rural rolandiense se deu de forma intensa entre as famílias de Gleba Roland. A constante troca de livros entre as famílias Ranke e Traumann pode ser resultado da proximidade entre as fazendas Marta e Gilgala,

descrita por Max Maier em seu relato de vida. A fazenda Gilgala era vizinha ao norte da fazenda Jaú e a fazenda Marta era vizinha ao sul (MAIER, 1977). Além da proximidade física entre as fazendas, existe o elo gerado pelo compartilhamento de experiências parecidas. Ambas as famílias deixaram a sua terra natal por causa do nazismo, fugiram por serem judias, essa marca em seus sangues era promessa de morte na Alemanha da década da década de 30 e 40.

Muitas foram as dificuldades encontradas pela família Traumann para se estabelecer em novo território. Em um grupo em que a leitura e o livro são objetos de grande importância, e estão constantemente presentes no cotidiano de seus integrantes, a mudança de ares afetará também as leituras, a modificar também o corpo físico da Biblioteca, aumentando seu contingente. Por mais que não seja possível dimensionar ampla e precisamente o impacto do exílio sobre a Biblioteca, podemos averiguar a presença de livros que demonstre algumas alterações. Para começar essa discussão podemos analisar a presença do livro *Ich Suche Land in Südbrasilien* (1936) “Estou à procura de terras no Sul do Brasil”. Este livro de viagem escrito por Felix Moeschlin, escritor sueco, é fruto de sua visita ao país, sendo lançado em 1936. Esse livro pode indicar a preocupação da família em conhecer o Brasil, principalmente o estado do Paraná. Não é possível afirmar quando o livro se tornou parte da Biblioteca Traumann, mas a sua presença pode contribuir com diversas informações.

Em primeiro lugar, a simples presença do livro na Biblioteca. Ele é um *hardback*, apesar de desgastado encontra-se em bom estado de conservação e não possui marcas de leitura, como grifos ou apontamentos, mas a falta delas não significa que o livro nunca foi lido ou manuseado. O fato dele constar como possível leitura da família demonstra preocupação, por parte de algum Traumann em conhecer melhor o interior do Paraná. A data de publicação do livro (1936) pode indicar que esse livro foi comprado ainda em território alemão, uma vez que o exílio da família teve início em 1937. Mesmo com a falta de informação da data de compra da obra de Moeschlin, é provável que se ela não ocorreu ainda em território alemão, foi logo no início da chegada no Brasil.

O que possibilita essa indagação é que o livro possui em sua contracapa um mapa do estado do Paraná, além de fotos de determinadas regiões, inclusive Rolândia. As imagens acabam por atribuir ao livro um caráter didático, pois apresenta juntamente com o texto outros tipos de informações que enriquecem o conhecimento do leitor sobre o Paraná. Devido a essas características do impresso e a falta de conhecimento da família Traumann sobre o território brasileiro, principalmente o interior do Paraná, o livro pode ser enquadrado como guia de conhecimento e adaptação em novo território.

Michael Traumann, em entrevista ao ETN, ao ser questionado pelo entrevistador, afirma que quem escolheu Rolândia foi a CTNP:

A escolha não era nossa, era a maneira de transferir dinheiro para comprar terra, quem comprou a terra então veio para Rolândia. A companhia tinha o plano de ter uma colônia alemã aqui, não tinha de fato uma colônia, poucos alemães então a gente poderia aqui começar num grupo onde uma parte das pessoas era alemã (TRAUMANN, 2008, p. 5).

A família Traumann chegou em Rolândia por intermédio de Erich Koch Weser e Johannes Schauff (IPAC, 1995). A compra da fazenda Gilgala se deu a partir da intermediação da CTNP. O judeu não podia sair da Alemanha com o próprio dinheiro, dessa forma para conseguir sair do país sem perder todos os seus bens, a família Traumann optou por comprar letras de terras no Brasil por intermédio da CTNP. A companhia inglesa, com os marcos alemães, comprava ferro para as estradas ferroviárias do Brasil e o país sedia as terras para as novas colônias alemãs. Nesse sistema de troca todos saíam beneficiados: a Inglaterra movimentava sua economia enfraquecida pela Primeira Guerra Mundial, o governo brasileiro sanava suas dívidas com a Inglaterra e modernizava o país com as estradas de ferro e os judeus conseguiam fugir do nazismo com o necessário para dar início a uma nova vida (SOARES, 2012; IPAC, 1995).

Outro livro que corrobora com essas impressões, é a obra do dramaturgo e escritor alemão Wolfgang Hoffmann-Harnisch, *Wunderland Brasilien* (1938) – a tradução para o português seria algo próximo de *Brasil, o país das maravilhas*. O livro de Hoffmann-Harnisch fala sobre as maravilhas do Brasil e possui também um caráter descritivo, presente nos livros de viagem. Como ilustração da obra, na contracapa figura um mapa do Brasil, e pelo título do livro podemos apreender que o país é visto como um local de encantos e maravilhas. A presença da obra de Harnisch na Biblioteca fortalece as informações discutidas acima sobre a preocupação da família em conhecer seu novo lar. Talvez por falta de conhecimento prévio sobre o Brasil, a necessidade da vinda resultou em estranhamento e curiosidade. Isso pode explicar a presença de dois livros com o novo país como temática na Biblioteca, sendo a publicação deles próximas a chegada da família em Rolândia (1937).

Em Düsseldorf (Alemanha), a família Traumann não tinha que se preocupar em como manter uma plantação de milho ou como cuidar de um galinheiro e ordenhar vacas. As preocupações cotidianas eram outras, os relacionamentos sociais eram diferentes. O exílio em novo território transforma o cotidiano familiar e essas transformações podem ser expressas na

Biblioteca, como já discutido acima. Os Traumann vieram para o Brasil em 1937 quando o governo totalitário de Hitler se encontrava instaurado na Alemanha e a família já vivenciava as primeiras políticas nacionais antisemitas, mas ainda assim a situação era mais branda (TRAUAMNN, 2008, p. 3) e o acesso a serviços mínimos ainda estava garantido, como auxílio médico e escola, por exemplo.

No Brasil, a família encontra dificuldades de acesso a serviços básicos, como escolas e hospitais. Eles retiraram-se de um centro urbano e de uma vida estabilizada, mesmo com as dificuldades, para habitar no interior de um estado com predominância de fazendas em meio a uma mata nativa, longe da urbanidade a qual estavam acostumados:

É... Difícil, muito difícil, os meus pais eram muito mais velhos que eu né, eu era filho de segundo casamento, minha mãe tinha 40 anos quando eu nasci e meu pai 50 anos, então quando nós emigramos meu pai tinha mais de 60 anos. [...] Dificílima, difícil pra ele né, isso levou muito tempo para mim compreender como a situação dele era diferente da minha, para mim era uma aventura, eu tinha doze anos, eu achei entrar no mato era uma grande aventura, mas para ele era perder tudo (TRAUMANN, 2008, p. 2).

A família foi forçada a adaptar-se em um espaço com novas regras, formatos e relacionamentos distintos daqueles experimentados por eles em Düsseldorf. A fazenda Gilgala estava localizada na zona rural de Rolândia, uma cidade nova em uma região em desenvolvimento. Logo, as dificuldades em encontrar serviços como escolas e hospitais tornaram-se parte do cotidiano familiar dos Traumann.

Por algum tempo, as escolas que os judeus refugiados frequentavam na zona rural de Rolândia eram aquelas montadas por eles mesmos. A comunidade sanava certas dificuldades entre eles como foi o caso das escolas, dos centros culturais, informações sobre plantio e serviços médicos. Como afirma Michael Traumann:

Tinha vizinhos que ajudavam isso era uma grande coisa eu nunca vou esquecer quanto os vizinhos ajudaram, mais tarde quando todo mundo tinha dinheiro, não aconteceu assim mais não. Então a gente podia procurar, procurar um médico, tinham os médicos alemães aqui que não tinham direito de fazer assim cursos profissionais, mas logicamente a gente ia lá quando doente e íamos consultar com um dos médicos alemães. Eu quebrei o braço quando eu caí do cavalo e um médico alemão naquele tempo sem raio-x sem nada juntou o osso e amarrou e colocou faixas e não usou gesso, porque então não podia ver como o braço ia ficar dentro do gesso, então todo dia ele veio tirar a faixa e colocar de novo né, e ficou, ficou bom (TRAUMANN, 2008, p. 6).

Os judeus refugiados em Rolândia encontraram no companheirismo a força para vencer as primeiras dificuldades de adaptação no campo. Apesar da entrevista de Michael Traumann não especificar sobre a distância de sua fazenda até o hospital, é de se considerar que ela deveria ser longa o suficiente para seus pais considerarem resolver o problema do braço quebrado de Michael Traumann com seus vizinhos. Não podemos ignorar a familiaridade existente entre o médico e a família Traumann, pois ambos compartilham as experiências do exílio. No entanto, além disso, o atendimento caseiro pode representar grande distância entre as fazendas e o hospital.

A Biblioteca Traumann apresenta sinais desse afastamento. Entre os livros catalogados pelo NDPH, na listagem de obras gerais existem cinco impressos que falam sobre o corpo humano e cuidados básicos de saúde. Os livros relacionados a saúde têm edições que vão de 1942 até 1973. A presença desses livros corrobora com a fala de Michael Traumann e indicam que, devido às ações diárias da família com a fazenda, houve a necessidade de eles saberem lidar com primeiros socorros. A possibilidade de machucar-se cuidando de uma fazenda é muito maior do que quando se atua como cantora ou advogado.

Dois dos cinco livros sobre saúde foram publicados na década de 1940. Em 1942 foi publicado o *Seja seu próprio médico*, com autoria de Victor Heiser, e *Principles of Pediatrics and Pediatric Nursing* (1947), de Celia M. Knox. Esses dois primeiros livros foram publicados nos primeiros dez anos da família Traumann em Rolândia e demonstram a necessidade inicial da família em se autogerir nessas questões. O livro publicado em 1947 trata sobre os princípios e cuidados da pediatria. Já o livro de Victor Heiser indica a preocupação com cuidados gerais relacionados à saúde, não restrito somente a uma faixa etária. É necessário ponderar também que os livros estejam presentes na Biblioteca não somente para questões emergenciais, mas também como informações preventivas.

Posterior a essas edições, existem o *Medical Dictionary and Health Manual* (1962) e dois volumes do *Conselheiro Médico do Lar*, ambos de 1973. A presença desses exemplares na Biblioteca Traumann não significa que a família sofria com total falta de atendimento médico em sua fazenda, mas representa a necessidade de prevenir-se com informações sobre os cuidados com o corpo e a saúde. Seja pelo afastamento entre zona rural e centro urbano, dificultando o acesso a serviços hospitalares, ou pela preocupação em manter leituras preventivas sobre medicina, esses exemplares e a constante manutenção dessas leituras, indicadas pelos anos de publicações dos impressos, demonstram que a família se preocupou em manter conhecimento sobre cuidados médicos, preocupação que talvez não fizesse parte de seu cotidiano em Düsseldorf.

Dando continuidade à investigação, encontramos elementos que possibilitam questionar a recepção da Segunda Guerra Mundial no âmbito da família. Na Biblioteca existem três impressos que nos instigam a levantar esta questão. Os primeiros são os volumes dois e três da *Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial*, publicados em 1982, ambos são brochuras e encontram-se bem conservados. O terceiro livro é a obra com autoria de Adolf Hitler, *Mein Kampf*, um *hardback* de capa azul lisa em bom estado de conservação, publicado em 1926. As presenças desses livros na Biblioteca indicam interesse, por parte da família, em problematizar de alguma forma aquilo que vivenciaram. Os dois volumes da *Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial* foram publicados em 1982. Nesta época, Frederich Traumann já havia falecido – morreu na idade de 76 anos no início da década de 1950 (MAIER, 1977) – e Michael Traumann estava com 57 anos. Apesar de não constar informações de posse nesses dois exemplares, a sua existência entre os demais títulos da Biblioteca indica a necessidade de algum Traumann em aprofundar-se, para além da vivência, naquilo que foi experienciado pela família.

Em entrevista, Michael Traumann afirma que a primeira reação de sua família e dos demais judeus emancipados foi de choque. A assimilação, mesmo com o corrente antissemitismo na Alemanha, havia provocado nas famílias judias um sentimento de segurança, uma vez que que comungavam plenamente da cultura alemã. Quando se tem a ascensão do Partido Nacional Socialista e de Hitler ao poder, em 1933, e os direitos aos cidadãos judeus começam a ser negado, o espanto é muito grande entre as famílias assimiladas, tanto que em terras brasileiras os mais antigos veem a necessidade em ensinar aos os mais jovens porque eram judeus e o que isto se significava (SOARES, 2012; TRAUMANN, 2008).

Segundo Michael Traumann, o choque causado pelo nazismo é fruto da segurança gerada pelas políticas assimilacionistas, perceptível quando ele fala sobre sua família:

Meu pai naturalmente se considerava alemão, tinha casado com uma “ariana”. Minha mãe era do norte da Alemanha, que eles consideravam a melhor parte para ser nascida, né, e um tipo bem alemão né, e as irmãs de meu pai, todas três casaram com cristãos, né, para eles o problema do judaísmo parecia de ter acabado, estavam todos perdidos para a comunidade judaica né, pelo que eu sei não era uma grande perda, eram grandes intelectuais (TRAUMANN, 2008, p. 3).

Michael Traumann descreve sua família como alemã e intelectual, talvez por isso o “choque para eles de repente ser considerados judeus de novo né” (TRAUMANN, 2008, p. 4). Para ele, sua família encontrava-se em perfeita comunhão com a cultura alemã quando se vê obrigada a abandonar a Alemanha, o que resulta em estranhamento. É provável que esse

estranhamento tenha resultado no interesse de saber mais sobre o que aconteceu na Alemanha, no período da Segunda Guerra Mundial. A presença das crônicas sobre a guerra na Europa, ainda mais com a publicação na década de 1980, sinaliza que o tema não deixou de estar presente na família a ponto de trinta anos depois, ser necessário obter leituras sobre este acontecimento que não só impactou sua família, mas também boa parte da humanidade.

O livro *Mein Kampf* foi publicado em 1926, neste livro Hitler defende seus ideais. Nesse sentido, seria um ótimo canal para compreender a visão de mundo do líder de um governo totalitário que afetou o cotidiano de milhões de pessoas. O exemplar presente na Biblioteca Traumann tem assinatura de Eugênio Ranke e a data de 1933 abaixo dela. Provavelmente essa data indica quando o livro se tornou posse do senhor Ranke, ano este que marca na sociedade alemã a ascensão de Hitler ao poder.

Os sinais presentes no livro indicam que o primeiro proprietário foi Eugênio Ranke, posteriormente transmitido para algum integrante da família Traumann. Seja essa transferência um empréstimo ou não, *Mein Kampf* tornou-se integrante permanente da Biblioteca. O interesse, por parte dos Traumann em conhecer a mente de Adolf Hitler, pode ser tentativa de compreender melhor os acontecimentos e o sistema de ideias que acabaram por resultar no exílio de diversas famílias judias. A preocupação em contextualizar-se foi motivo suficiente para tomar o livro como empréstimo. Os relatos de vida já apresentados sinalizam que o relacionamento entre a família Traumann e Ranke teve início no Brasil, logo a obra entrou em contato com os Traumann em terras brasileiras. Talvez a dificuldade em adquirir livros alemães, no interior do Paraná, tenha priorizado o empréstimo do que a compra, ato que não invalida o interesse pelo livro.

É incerto afirmar a quem foi emprestado o livro *Mein Kampf*, mas é provável que tenha sido a Frederich Traumann, a data de posse do livro pelo senhor Ranke indica essa possibilidade (1933). Por meio do livro *A casa dos Alemães* (1995), pudemos observar que as grandes reuniões culturais que envolviam concertos musicais e peças teatrais, deram-se na infância de Klaus Ranke e Michael Traumann, sendo esse momento¹⁸ o mais provável para a troca intensa de manuscritos. Ainda mais a obra de Hitler, assunto recente na memória

¹⁸ Segundo os relatos de vida o relacionamento entre os Traumann e Ranke começou logo no início de suas estadias em Rolândia, entre as primeiras gerações Frederich Traumann e Eugênio Ranke (TRAUMANN, 2008; IPAC, 1995). A circularidade entre as Bibliotecas das duas famílias demonstra que este relacionamento permaneceu ao longo dos anos e alcançou a segunda geração, pois as publicações dos livros que pertenciam a família Ranke vão desde 1924 até 1971. Ou seja, a linha do tempo perceptível através das datas de publicação demonstra que, as trocas de livros tiveram início desde a chegada da família Traumann em 1937 e tenha durado no mínimo até a década de 1970.

individual e coletiva dos refugiados, pois as reuniões também tinham como objetivo a troca de informações sobre os acontecimentos da guerra (MAIER, 1977).

Analisar a coletânea de livros dos Traumann nos possibilitou observar elementos identitários manifestos nela pela primeira e segunda gerações de Traumann, identidades estas também expressas em seu cotidiano. Ao enquadrarmos a Biblioteca enquanto objeto histórico, partimos da compreensão de que ela não fala por si só, ou que suas informações estão prontas em um simples catálogo. Pelo contrário, a problematizamos como elemento sempre em construção e transformação pertencente a um contexto social, como afirma Meneses:

(Observe-se, pois, que o documento sempre se define em relação a um terceiro, externo a seu horizonte original). O que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade, provisoriamente indisponível, até que o ósculo metodológico do historiador resgate a Bela Adormecida de seu sono programático (MENESES, 1998, p. 96).

Ao investigarmos a Biblioteca Traumann, nos preocupamos em ampliar a discussão para além de uma análise catalogal, decidimos fazer outras perguntas além de quais e quantos livros estão presentes em seu corpo. Procuramos questioná-la frente ao contexto social do grupo familiar Traumann, com o intuito de averiguar quais identidades são manifestas por Michael Traumann e sua família. Para que fosse possível essa investigação, não pudemos escapar dos relacionamentos efetuados pela família em seu grupo social, pois:

A identidade pessoal, como todo processo de construção ou reforço de identidade, não remete a uma essência, mas a uma situação de interação: o 'eu' se define, sempre, diante do 'outro', de preferência na escala de grupos ou sociedades (MENESES, 1998, p. 97).

Portanto, para que fosse possível perquirir sobre as possíveis identidades da família expressas na Biblioteca, o local onde se encontrava e como interagiu com o mesmo foram de extrema importância para realização da pesquisa. Nessa análise inicial, foi perceptível que a Biblioteca Traumann se encontra estabelecida como um dos pontos de interação da família, tanto dentro de seu núcleo quanto fora. Em primeiro lugar, está sua diversidade, em um mesmo local encontramos obras de renome da literatura e filosofia, mas há alguns livros de distância, temos um conto infantil, um caderno de receitas ou um livro de latim que ao mesmo tempo que tem grifos de leitura tem rabiscos infantis. Como uma Biblioteca doméstica, é natural que ela

apresente leituras variadas e interações improváveis, esta característica amplia-se ao considerarmos que ela alcançou a terceira geração da família no Brasil, logo interagiu em contextos e períodos distintos com os integrantes do enredo familiar.

Em segundo lugar, está sua posição frente os relacionamentos externos dos Traumann. Observamos por meio dos relatos de vida que a família era tida como erudita, seu anfitrião Frederich e Else Traumann como pessoas cultas e Michael Traumann se apresentou como curioso pelo universo intelectual. Na investigação dos relacionamentos sociais da família Traumann com sua comunidade, foi perceptível que em algum nível da interação o universo literário se manifestava, como é o caso da interação entre os Traumann e os Ranke, que variou entre o plantio de milho e circulação de livros, resultando na adição de novos impressos na Biblioteca. Visível também no contato com os Maier que, além de serem vizinhos de fazenda, compartilhavam de leituras em conjunto, apresentações teatrais e musicais na sede da Gilgala.

Discutimos aqui que a Biblioteca teve seu início com Frederich Traumann e o legado foi deixado ao seu filho Michael Traumann, por isso que a enquadrámos como um bem familiar e não pessoal. As identidades que expressam não são de um só indivíduo, mas uma construção familiar, como é o caso da intelectualidade que despontou no cotidiano da família, a exemplo dos nomes atribuídos aos animais da fazenda, ou dos títulos em variadas línguas. Frederich Traumann apresentou-se enquanto intelectual frente a sua comunidade, o que pode ser observado pelos relatos de vida e principalmente por sua Biblioteca.

Sua criação em cidade europeia, sua formação como advogado contribuíram para a construção dessas identidades, por mais que elas necessitassem de reconstrução, já que o contexto de sua vida mudou drasticamente ao chegarem em Rolândia. É nesta reconstrução que se apresenta Michael Traumann: se anteriormente ao exílio, a funcionalidade da Biblioteca, além de ser uma coletânea de livros, era preservar uma identidade intelectual, após a vinda ao Brasil, uma nova característica lhe é atribuída. Ela agora é também guardiã de tempos passados, de livros e obras que talvez fossem difíceis de encontrar devido ao afastamento de seu antigo centro cultural, ou por causa das deteriorações causadas pela guerra.

Ela carrega consigo signos que lhes foram atribuídos e é portadora de representações e, por intermédio de uma ótica historiográfica, é possível sua decifração e a construção do saber histórico, afinal a materialidade não está dissociada da cultura:

E justamente por não se limitarem aos seus ingredientes materiais que as coisas têm um papel que excede ao de quadro físico da vida social. Tal distinção seria, aliás, inconcebível. O universo material não se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele,

como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as ideias, as relações sociais', as instituições. Eis aí a fortuna do termo cultura material além das ambiguidades possíveis: ele denota que a matéria tem matriz cultural e, inversamente, que a cultura possui uma dimensão material (REDE, 1996, p. 274).

É sabido que ao longo dos tempos da sociedade ocidental, a leitura e o domínio do texto foram atributos das elites financeiras. Com a criação do livro, devido a modernização das técnicas de impressão, a posse do mesmo indicava não somente sabedoria, mas também riqueza. Nesse contexto, o objeto excedeu seu valor material, sua funcionalidade transcendeu devido a atributos imateriais, entre eles status social. Quando pensamos na bibliofilia de Frederick e Michael Traumann, a Biblioteca é mais do que um simples aglomerado de livros, ela é guardiã de obras clássicas e leituras triviais, expressa em sua composição fragmentos do cotidiano e dos ideais familiares. Ela é afirmação cultural de uma elite intelectual, herança que foi legada a Michael Traumann por seu pai. De acordo como ele mesmo:

Na casa dos meus pais aprendi a gostar dos livros. Na minha família todo mundo lia. Olha, isto aqui é uma pequena parte. Tenho livros por todo lugar. São livros de literatura, filosofia, história. Os livros são uma herança de sabedoria humana, uma comunicação com outras mentes. Através dos livros a gente fica conhecendo os diferentes rituais, pensamentos e valores culturais (IPAC, 1995, p. 42).

O amor de Michael Traumann pela leitura foi tão grande que ele ampliou a Biblioteca herdada de seu pai, a ponto de afetar o espaço físico da fazenda Gilgala:

Figura 02 – Biblioteca I



Fonte: Rolândia - A Casa dos Alemães. IPAC, 1995 p. 43.

Figura 03 – Biblioteca II



Fonte: Rolândia - A Casa dos Alemães. UEL, 1995 p. 43.

A primeira imagem retrata a casa dos livros, que seria a antiga sede da fazenda, onde encontram-se até hoje boa parte dos livros da família. Já a segunda foto, é de parte da Biblioteca localizada dentro da nova sede. Como já dito, a Biblioteca Traumann em posse do NDPH não está completa, os livros que estavam na sede nova da fazenda foram coletados, o que não ocorreu com a casa dos livros. Devido a extensão da Biblioteca, o acervo do NDPH não comportaria todos livros. Mesmo com a limitação da Biblioteca catalogada, por meio desta análise, pudemos compreender sua importância para Michael Traumann. Após a morte de seus pais, além de manter a Gilgala, preocupou-se em dar continuidade a Biblioteca de sua família, e não só a manteve como também a ampliou e a transformou¹⁹. Portanto, a Biblioteca Traumann é elemento de grande importância na constituição das identidades de Michael Traumann, frente a uma memória familiar que optou por preservar.

2 EX-LIBRIS

A palavra *bibliofilia* é utilizada para denominar o colecionismo de livro e a paixão pela leitura. O termo em questão não enquadra um mero acumulador, mas sim um indivíduo que contempla no livro um tesouro, visão que abrange a materialidade e imaterialidade do mesmo. Para Marco Soares (2015), a família Traumann pode ser enquadrada como bibliófila, principalmente ao se falar de Frederick. A paixão por seus livros ficou marcada em sua materialidade, devido à presença de *ex-libris*, que seriam selos pessoais com estética própria para demonstrar o proprietário. Segundo Soares (2015), o *ex-libris* é encontrado com mais frequência nas Bibliotecas de bibliófilos, geralmente em todos os exemplares como afirmação de proteção e posse. Dorethée Bruchard ao comentar sobre o assunto afirma que:

Por meio do *ex-libris* é que os bibliófilos, ou os leitores que prezam os seus livros e se orgulham da sua Biblioteca, costumam personalizar cada um dos seus volumes. Daí, justamente, a origem do nome: em latim, *ex-libris* significa ‘dentro os livros de’, ‘da Biblioteca de’. A expressão- às vezes também se usava *ex dono* ou *ex Biblioteca*- inscrita no corpo da obra seguida do nome do proprietário, indicava a sua proveniência (BRUCHARD, 2008, p. 11).

Antes de nos aprofundarmos nessa investigação, é necessária a contextualização do objeto discutido aqui. Sabemos que a Biblioteca, para a sociedade ocidental, esteve associada por muito tempo às elites intelectuais e financeiras. Dessa forma, o livro torna-se objeto de

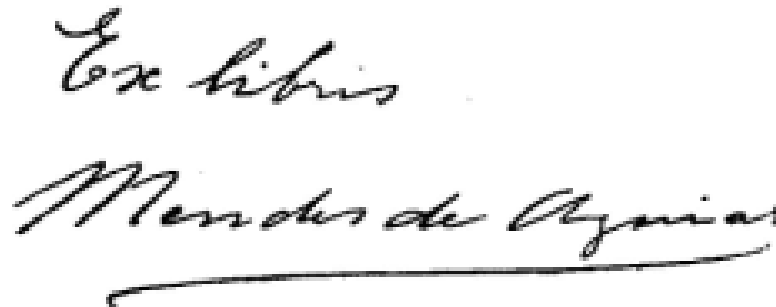
¹⁹ Por meio de uma análise das publicações, é perceptível que a maioria das leituras em língua inglesa foram publicadas após 1940, mesmo período de seu casamento com Jane Traumann.

cobiça e de valor inestimável para aqueles que o possuem e o *ex-libris* surge como mecanismo de demarcação, como afirmou Bruchard. É incerto afirmar início do seu uso, mas para alguns teóricos sua origem é na antiguidade com selos talhados em tijolos ou madeiras. Já para outro grupo, seu início está diretamente associado com a modernização da técnica de impressão criada por Gutemberg (MIRANDA, 2009; BRUCHARD, 2008).

Apesar da função atribuída ao *ex-libris* ser simples, o valor simbólico a ele atribuído possui maior complexidade. Os seus modelos são variados e muito pode falar sobre o seu proprietário. Sua tipologia, de acordo com Miranda (2009), está dividida como:

- Manuscritos: são aqueles que seu portador escreve ou desenha nas primeiras páginas do livro;
- Encadernados: são fixos ao livro, postos no momento de encadernação;
- Gravuras: São *ex-libris* mais complexos em sua estética e frutos da modernização das técnicas de impressão;
- Móveis: são etiquetas tipográficas coladas no impresso, geralmente nas páginas iniciais.

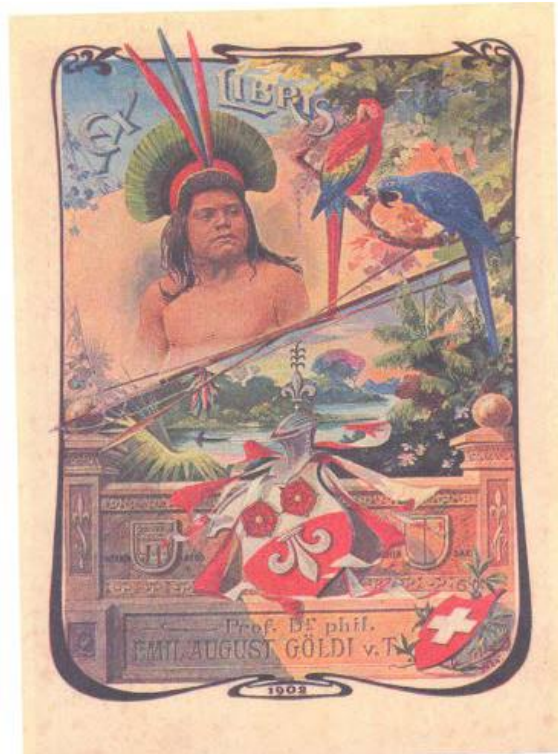
Figura 04 – *Ex-libris* manuscrito de Mendes de Aguiar



The image shows a handwritten ex-libris in cursive script. The text reads "Ex libris" on the first line and "Mendes de Aguiar" on the second line, which is underlined with a decorative flourish.

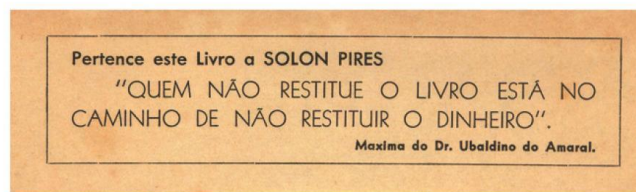
Fonte: MIRANDA, 2009, p. 35 apud ESTEVES, 1956, p. 54

Figura 05 – *Ex-libris* (gravura) de Emil August Göldi



Fonte: MIRANDA, 2009, p. 37 apud MARTINS FILHO, 2008, p. 79.

Figura 06 – Etiqueta tipográfica do General Olympio Silveira



Fonte: MARTINS, 2008, p. 25.

Além dessas tipologias, o *ex-libris* também é dividido por temas, abaixo alguns deles segundo a compreensão de Miranda (2009):

- Heráldicos: neste grupo, estão enquadrados aqueles que tem como desenho insígnias familiares ou individuais, como brasões;
- Simbólicos: os *ex-libris* deste grupo transmitem ideais subjetivos presentes na gravura, a fazer referência à trajetória de seu proprietário;
- Faunísticos: as representações são dadas a partir de animais, a ser estes relacionados ao nome do portador do *ex-libris* ou que demonstre simples gosto pessoal.

Ainda temos *ex-libris* paisagísticos, macabros, mistos, entre outros. Esta última imagem é uma “junção de dois ou mais temas” (MIRANDA, 2009, p. 42). Durante o século XVIII, o *ex-libris* torna-se muito popular na Europa, o que resulta em um desenvolvimento estético do mesmo ao ponto de ser considerado obra de arte (BRUCHARD, 2008). A partir dessa valorização, ele deixa de ser um simples demarcador e torna-se expressão do artista que o compôs em conjunto com o bibliófilo (MIRANDA, 2009). Pós século XVIII, torna-se comum uma maior presença de *ex-libris* com gravuras e desenhos mais compostos. Sobre isso, podemos afirmar que: “sabe-se que os *ex libris* estão ligados a manifestações de ordem estética e que sua imagem é capaz de revelar o lado psicológico de seu proprietário, denunciando gostos, grupo social, costumes e a cultura” (MIRANDA, 2008, p. 43), uma vez enquadrado como objeto histórico muito pode informar sobre seu possuidor.

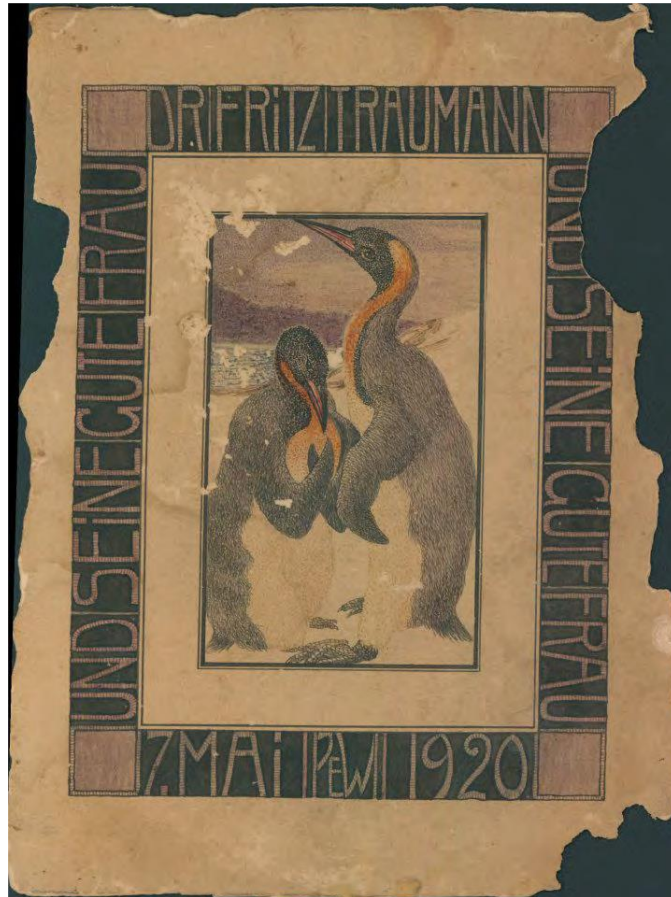
Já demos início a discussão sobre o *ex-libris* de Frederich Traumann no capítulo anterior. Com base naquelas informações e no que foi apontado aqui, podemos enquadrá-lo na tipologia simbólica, pois sua confecção traz elementos que representam sua trajetória como judeu alemão emancipado e intelectual (IDEM, p. 5). A estampa escolhida por ele não foi a primeira a ser composta. O *ex-libris* de Traumann foi feito pela desenhista Ilna Carolina Ewers-Wunderwald que, segundo Soares, era:

pintora, ilustradora e desenhista, tinha grande destaque na cena artístico-literária da Alemanha no início do século XX. Era casada com o escritor e dramaturgo Hans Heinz Ewers, e havia marcado sua presença nos círculos vanguardistas que se desenvolveram na Europa na virada do século (SOARES, 2015, p. 690).

Antes da ilustração escolhida por Traumann, Ilna Ewers-Wunderwald fez uma composição distinta da utilizada na Biblioteca. A anterior era formada por um casal de pinguins

imperiais, ambos ao centro da imagem. Na borda superior tem a inscrição “Dr. Fritz”, na parte inferior tem a data “7. Mai 1920” e ao centro identificação da artista. Em ambas as laterais “*und seine gute Frau*”, que tem como significado “e sua amada esposa” (SOARES, 2015, p. 691).

Figura 10 – Primeiro ensaio de ex-libris para Frederich Traumann



Fonte: SOARES, 2015, p. 692.

A tipologia dessa estampa é mista, pois é carregada de elementos simbólicos representados por meio da fauna. Os pinguins imperiais, dentre outras características, são conhecidos pelo seu relacionamento monogâmico, ao escolherem seu parceiro continuam com ele ao longo de sua existência. As inscrições nas bordas reforçam esse imaginário, já que na parte superior revela o proprietário da estampa “Dr. Fritz” e, aos lados, faz referência a “sua amada esposa”, desta forma a reforçar o ideário de amor para toda vida entre o casal e deles para os livros. Apesar de não sabermos ao certo o motivo da não-aceitação da primeira estampa, é provável que Frederich Traumann tenha optado por um *ex-libris* que o representasse enquanto indivíduo, a narrar sua trajetória pessoal sem a relacionar com sua esposa Else Traumann.

Em seus livros, o *ex-libris* está presente apenas em alguns exemplares, tidos como raros por ele, como três impressos de Eurípides, todos em capa dura e com edição de 1876 pela editora Winters'sche (SOARES, 2015).

Figura 11 – Ex-libris Frederich Traumann



Fonte: SOARES, 2015, 694.

A presença dos *ex-libris* nas edições de Eurípides se justifica pelo empenho de Frederich Traumann em comungar do pensamento alemão do século XIX, momento em que o clássico grego é de extrema importância para aprofundar-se nos universos da literatura e das artes. A preocupação em criar um selo próprio para seus livros, “mesmo que só para os considerados raros, demonstra cuidado com os impressos” (SOARES, 2015, 692).

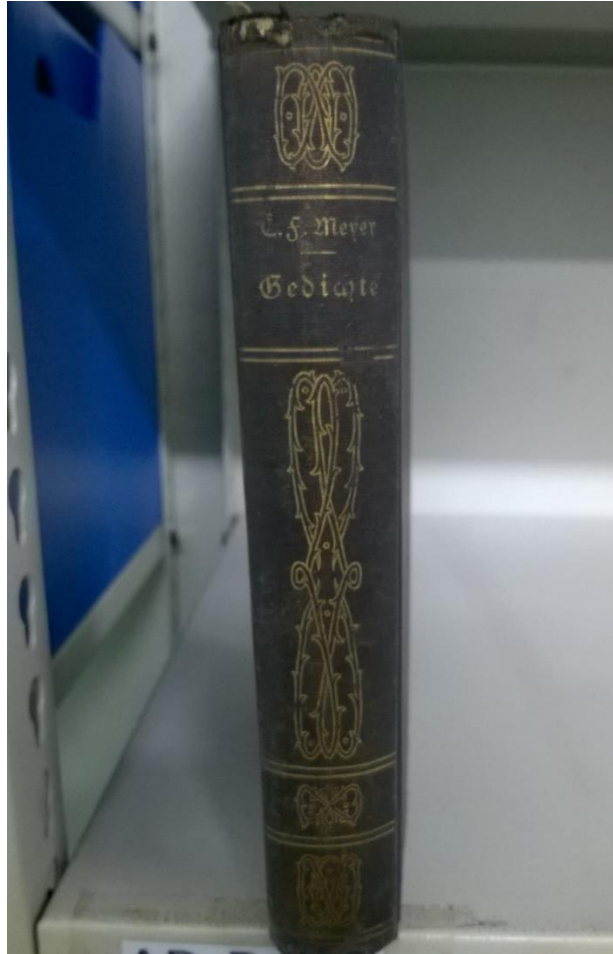
O *ex-libris* não se encontra presente em todos os exemplares da Biblioteca Traumann. A princípio, pensa-se que a explicação está no compartilhamento da Biblioteca entre os familiares, como indicam os livros *The Brothers Karamazov* (Os Irmãos Karamazov) (s.d), de Dostoiévsky, e *Leibniz* (1951), de Kurt Huber, que pertenciam a Else Traumann. Ambos os livros, entre outros, estavam presentes na Biblioteca, mas nenhum deles pertenciam a Frederich

Traumann, o que indicaria a falta de *ex-libris* nesses volumes. Contrariamente a essa afirmativa, pudemos perceber que no quadro geral do que foi até então catalogado da Biblioteca Traumann, 526 livros, apenas 22 contém *ex-libris*. O baixo número dos selos nos volumes indica uma direção contrária a simples demarcação de posse, nela o *ex-libris* demonstra algo além.

As edições que o possuem, foram publicadas entre o final do século XIX e os primeiros trinta anos do século XX. Apesar de eles estarem presentes nas edições mais antigas, este não é motivo de sua presença, pois muitos volumes publicados no início do século XX não o têm. Por exemplo, o livro *Buddenbrooks*²⁰, de Thomas Mann, autor de grande importância para a literatura alemã, publicado em 1920 pela editora G. Fischer. O volume presente na Biblioteca está em língua alemã, foi escrito por um renomado alemão e mesmo assim não possui *ex-libris*. Em contrapartida, temos o livro *Gedichte*, “Poemas”, escrito pelo sueco Ferdinand Conrad Meyer. Este volume foi publicado no ano de 1919, em Zurique, na Suécia. Ele é um *hardback* com a lateral externa danificada, o seu miolo está bem conservado, as páginas são de papel e encontram-se levemente amareladas. *Gedichte*, além dessas características, possui o *ex-libris* de Frederich Traumann, diferentemente da obra de Thomas Mann.

Figura 12 – *Gedichte* (1919)

²⁰ Livro com a primeira publicação em 1901, narra a trajetória de uma família de comerciantes ricos, os Buddenbrooks. Thomas Mann neste livro desenvolve a história desta família por quatro gerações, a demonstrar a decadência financeira da mesma.



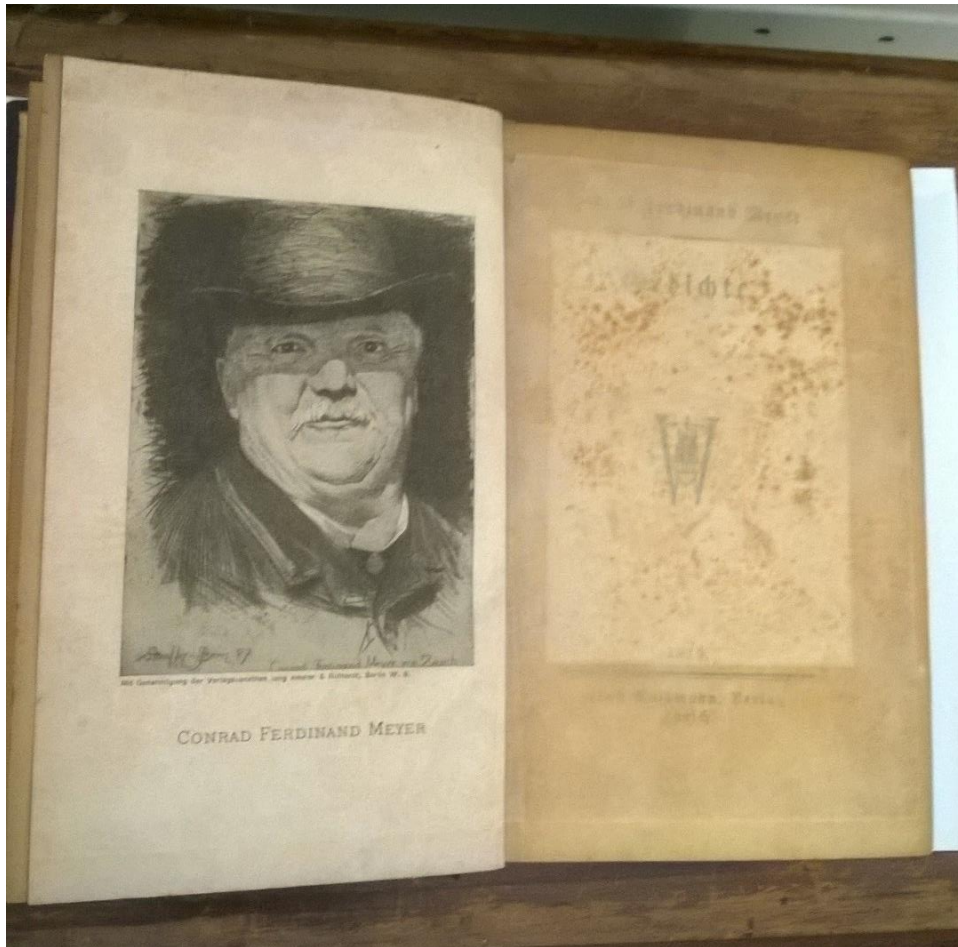
Fonte: Biblioteca Traumann- NDPH (2016)

Figura 13 – Ex-libris na folha de rosto do livro *Gedichte*



Fonte: Biblioteca Traumann - NDPH (2016)

Figura 14 – Contra capa de *Gedichte* - a ilustração no livro é do seu autor Conrad Ferdinand Meyer



Fonte: Biblioteca Traumann- NDPH (2016)

Ambos os autores são nomes expressivos na literatura alemã, e, podemos deduzir pela data de publicação, os dois exemplares foram adquiridos antes da imigração da família em datas próximas um próximo do outro. Por intermédio dessas informações, é possível a compreensão de que a presença do ex-libris está mais ligada à ideia de apreço à obra ou ao autor, do que a um carimbo estilizado. A julgar pela importância de Thomas Mann para a cultura alemã, seria mais do que esperado a presença do ex-libris na obra *Buddenbrooks*, mas Frederich Traumann optou pelos poemas de Meyer, provavelmente por estes lhe serem mais caros. Esta seletividade provém de sua subjetividade, daquilo que aos seus olhos é precioso.

Michael Traumann pode ter herdado de seu pai a bibliofilia, como já demonstrado no trecho de sua entrevista à ETN. Traumann procurou cultivar-se entre os livros e escolheu por ampliar a Biblioteca herdada de seus pais. Outro fator importante que demonstra a preocupação de Michael Traumann com sua herança é a tentativa de reparo das obras de Eurípidés, marcadas com o ex-libris do pai. As capas dos impressos que se desgastaram com o

tempo e as separaram do restante, foram recolocadas e seladas com fita adesiva. Para Soares, esta atitude “denota um apreço especial pelo conjunto, não apenas pelo que representou para os estudos clássicos germânicos, mas, sobretudo pela possibilidade de o título remontar a Julius Caesar, pai de Friedrich” (SOARES, 2015, p. 693).

Figura 15 – Eurípides - Biblioteca Traumann



Fonte: SOARES, 2015, p. 696.

A presença dos ex-libris nos volumes de Eurípides pode demonstrar algo além do afeto por uma obra específica do autor. Para prosseguirmos esta investigação, é necessário que abramos parênteses e foquemos nosso olhar, mesmo que de forma breve, em uma adaptação efetuada por Michael Traumann. Ela nos ajudará a compreender a importância do clássico grego e romano para a família Traumann. Além de manifestar características identitárias de Michael Traumann que estão intimamente ligadas a uma memória social e familiar.

A produção em questão é *Alkestis*, de Eurípides, tragédia grega em que o herói Herakles luta contra a Morte para resgatar a princesa Alkestis, que foi dada como sacrifício para poupar a vida do rei Admetos. Ao escrever a peça teatral, Traumann fez uso de suas leituras, experiências e memórias. Transcreveu no papel sinais de sua visão de mundo, como por exemplo, seu carinho pela tragédia grega ao escolher adaptar uma obra de Eurípides. *Alkestis* nos serve então como indicativo dos caminhos efetuados pela leitura, visto que esta não pode ser compreendida enquanto arbitrária, mas passa pelos universos do leitor o que resulta em uma produção independente, como afirma Certeau:

O mesmo se dá com o leitor: seu lugar não é aqui ou lá, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora perdendo tanto um como o outro misturando-os, associando textos adormecidos, mas que ele desperta e habita, não sendo nunca seu proprietário. Assim, escapa também à lei de cada texto em particular, como à do meio social (CERTEAU, 1998, p. 270).

Certeau coloca o leitor como agente viajante, não como servo submisso ao objeto lido, mas como construtor de uma interpretação própria e subjetiva que escapa a intenção do autor (CERTEAU, 1998). Dos diversos motivos que conduziram Eurípides a escrever *Alkestis*, de certo nenhum deles visava à adaptação de Michael Traumann, a transformação de seu texto segundo as experiências de seu leitor. Portanto podemos compreender um distanciamento entre autor e leitor, entre o texto escrito e o texto lido. Por mais que um livro impresso seja um produto que tenha formato físico e linguístico que conduzem a uma ordem narrativa (CHARTIER, 1991), o leitor sempre a escapa:

O leitor é produtor de Jardins que miniaturizam e congregam um mundo, Robinson de uma ilha a descobrir mas ‘possuído’ também por seu próprio carnaval que introduz o múltiplo e a diferença no sistema escrito de uma sociedade e de um texto. Autor romanesco, portanto. Ele se desterritorializa, oscilando em um não lugar entre o que inventa e o que modifica (CERTEAU, 1998, p. 269).

Michael Traumann transcende a categoria de leitor e se impõe enquanto autor e coloca a sua leitura na terceira categoria citada por Certeau utilizando Barthes, aquela “que cultiva o desejo de escrever” (CERTEAU, 1998, p. 272). As leituras efetuadas por M. Traumann resultaram em um desejo pela própria escrita, por externalizar suas interpretações e criar algo seu. A adaptação discutida é um bom exemplo desse desejo, em que seu autor transformou sua leitura em algo novo e independente da obra original.

A personagem Herakles, após vencer a Morte e resgatar Alkestis em um diálogo na caverna gelada que conduzia aos poucos a princesa à morte, faz um comentário que nos permite levantar algumas questões:

E agora preciso caçar gigantes e dragões e monstros e readquirir um pouco de autoestima novamente. Que droga, porque será que os gregos ainda não tinham uma pinga? Um café com cogaque iria bem agora (TRAUMANN, [s.d.], p. 22).

Ao observarmos essa fala de Herakles, devemos atentar sobre dois elementos: o café e a pinga. Encontramos aqui um elemento anacrônico, uma intrusão do presente na obra.

O autor, ao colocar essas palavras nos lábios de Herakles, o tornou atemporal, retirando-o da Grécia antiga e transportando-o para sua contemporaneidade.

Para além da atemporalidade efetuada por Michael Traumann no trecho citado acima, podemos questionar a presença dos elementos *café* e *pinga* nesse diálogo entre Herakles e Alkestis. Originalmente, a livre adaptação de *Alkestis* está em alemão e foi traduzida posteriormente para o português por Sibylle Wendel, amiga da família. Na versão em alemão a palavra utilizada para pinga foi *Schnaps*, que faz referência a licor ou aguardente. Por mais que no original *Schnaps* indica qualquer bebida com alto teor alcoólico, não podemos desconsiderar um Herakles abasileirado, pois os elementos utilizados pelo autor, mesmo com a traição que ocorre em toda a tradução, estão presentes no cotidiano do brasileiro. Tanto o café quanto a pinga, em momentos históricos diferentes, foram, e muitas vezes ainda são, utilizados como referencial das identidades do brasileiro.

Outro fator importante da presença destes componentes na adaptação está na experiência. Ora, para saber que café e conhaque reanimam e que pinga aquece é necessária à experimentação. Seja através do tato e paladar, provando em sua própria pele, ou a partir da observação de quem o faz e de suas defesas sobre o poder reanimador de um café com conhaque e um gole de pinga. Ambas as possibilidades são válidas e, independentes de qual seja a mais provável, é sabido que as duas são frutos de seu cotidiano e de sua vivência. São memórias importantes o suficiente para uma personagem herói, pertencente à antiguidade, ter necessidade de degustá-las para ter de volta seu ânimo.

Em outro trecho da peça, novamente o anacronismo se faz presente. Na primeira cena, a personagem Morte em um monólogo questiona a plateia: “você conhecem a música da Morte em Flandres?”. O anacronismo presente nesta indagação é a região de Flandres, localizada na região norte da Bélgica que tem como língua o neerlandês. Ao sul da Bélgica, fica Valônia onde o francês e o alemão é comumente utilizado por seus habitantes.

Flandres na antiguidade clássica ainda não existia, período em que Eurípides escreveu *Alkestis*, mas a Morte faz questão de deixar esta informação clara: “Flandres, na época dessa estória ainda nem existia, ali era tudo lama e matagal”. A fala anacrônica dada à personagem por Michael Traumann mostra a elasticidade de suas fronteiras étnicas²¹ (BARTH, 1998) e sua afirmação enquanto europeu. Mesmo que Flandres não esteja próxima à fronteira

²¹ Segundo Barth (1998) as fronteiras étnicas não são limitadas pela geografia e nem pela genética, mas sim pelo pertencimento. Por exemplo, é possível ter nascido na América do Sul e ter mais proximidade com as culturas do Oriente Médio. Desta forma as fronteiras são elásticas, os indivíduos podem esticá-la segundo a sua subjetividade.

com a Alemanha, como é o caso de Valônia, a região ainda pertence à Europa, da qual Traumann afirmou pertencer.

A canção entoada pela Morte é esta:

A Morte, cavalos e garanhões podem montar, E com os belos moços pode bailar, O Tambor vai tocar, o tambor vai tocar, Tróia está em perigo! Pela Morte está sendo perseguida! Pois é lá em Tróia, que a morte está ceifando (TRAUMANN, [s.d.], p. 2).

A presença desta música, na livre adaptação de Michael Traumann demonstra que ela passou por sua vida em algum momento. Seja ouvindo-a nas escolas que frequentou na Alemanha, cantada por seus pais, ou retirada de algum livro por ele lido, o importante é que o marcou de forma significativa para ele rememorá-la em sua obra. A partir desta análise retornamos a questão da leitura, pois como afirma Chartier:

Na Alemanha reformada assim como na América puritana, a Bíblia constitui, evidentemente, o alimento primeiro dessa prática plural do escrito. Enfim, nesse estilo antigo, a leitura é reverência e respeito pelo livro porque ele é raro, porque está carregado de sacralidade mesmo quando é profano, porque ensina o essencial. Essa leitura intensa produz a eficácias do livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar. Uma relação atenta e deferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu ser mais íntimo a letra do que leu (CHARTIER, 2001, p. 86).

Apesar do excerto acima se referenciar a leituras de caráter religioso, toda a leitura tem a capacidade de se introjetar em seu leitor e de se misturar à subjetividade dele. As leituras tornam-se referências pessoais ou familiares, como é o caso da coleção de Eurípides com ex-libris presentes na Biblioteca Traumann. Essas leituras intensas caminham junto às experiências e são construtoras das identidades do indivíduo, manifestas em suas produções culturais, como na montagem de uma Biblioteca, discoteca ou na produção aqui discutida (GUINZBURG, 1987; MENESES, 1992; POLLAK, 1992).

Ao voltarmos para a canção da personagem Morte, podemos questionar a sua presença na adaptação para além de seu caráter europeu. Vejamos novamente um trecho dela: “O Tambor vai tocar, o tambor vai tocar, Tróia está em perigo! Pela Morte está sendo perseguida! Pois é lá em Tróia, que a morte está ceifando”. É possível observar que a música não só é europeia como faz referência a um período da antiguidade, a guerra de Tróia, o que nos leva a indagação da importância da antiguidade clássica para Michael Traumann. Se pautarmos esta análise a partir da catalogação de sua Biblioteca, encontraremos certas barreiras,

pois parafraseando Chartier (2003), livro lido não é necessariamente livro possuído, muito menos o livro possuído é necessariamente lido. A leitura e suas práticas escapam a uma análise catalogal, portanto para que compreendamos a importância do universo clássico para Michael Traumann devemos focar nosso olhar no conceito *Bildung*.

2.1 CONCEITO DE *BILDUNG*

Segundo José Weber, o conceito *Bildung* está intimamente ligado ao pensamento “o que é ser alemão?”, questão recorrente pré-unificação dos Estados Alemães:

Poder-se-ia dizer que a radicalidade da pergunta ‘O que é alemão?’, grande questão para os alemães desde Lutero, forma-se e ganha intensidade sob o influxo do tema *Bildung*. [...] Assim, a despeito das diferenças, a proeminência do conceito, da ideia de *Bildung*, encontrava-se vinculada ao movimento do ‘tornar-se o que se é’, ou seja, ao movimento de constituição da própria identidade (WEBER, 2011, p. 50).

Em um território não unificado politicamente surge a questão de quem é o alemão, como ele se constitui perante os outros e o que os diferencia. Para sanar essas questões, são procurados elementos de unificação como a língua, que se estabelece como fator de união. Os territórios primeiramente se uniram pelo falar, tanto que muitos pensadores, que contribuíram para a formação da filosofia alemã, eram do território hoje conhecido como Áustria (GUINSBURG, 1970; SOARES, 2012). Em segundo lugar, foram utilizadas as produções em língua alemã: a literatura, as artes e a filosofia foram colocadas como monumentos do espírito alemão, tornando alemão aquele que comungava desses espaços:

Os campos da literatura, da filosofia e das artes em geral foram tidos como importantes forças de aglutinação. Goethe, Schiller, Kant, Beethoven tornaram-se amalgamadores deste fenômeno de construção identitária e considerados patrimônio nacional alemão (SOARES, 2012, p. 40).

Por mais que o princípio da *Bildung* fosse voltado para a experiência do indivíduo no mundo, este conceito não foi motivo de atraso político no pensamento alemão. A preocupação em cultivar/formar-se a partir das artes, filosofia e ciência não pode ser compreendida como apolítica, pois é “uma crítica radical das falsas promessas da modernidade política, filosófica, social, econômica e educacional” (WEBER, 2011, p. 37). Logo, estes princípios encontram-se “presentes muito mais do que meras anedotas fantásticas e fantasiosas,

revelando-se, antes, como sismógrafo de tendências e acontecimentos políticos” (WEBER, 2011, p. 37).

O conceito *Bildung* foi determinante para a formação do pensamento “o que é ser alemão?”, a visar à educação como meio para esta compreensão. Por isso, o incentivo, por parte de von Dohm, à educação secular dos jovens judeus do final do século XVIII (GUINSBURG, 1970), por meio da qual este grupo excluído poderia comungar dos princípios alemães. Não se pode negar que sua intenção lhe rendeu bons frutos pois, juntamente com a *Haskalah*, *O aperfeiçoamento civil judaico* possibilitou a assimilação dos judeus alemães, aos campos espirituais de seus irmãos de território físico (SOARES, 2012).

Esse princípio da educação é mantido principalmente pelos burgueses, mas não só por eles:

Esta motivação da classe burguesa alemã já se fazia sentir em 1806/1807, após a derrota da Prússia para o exército de Napoleão Bonaparte. À derrota militar, seguiu-se um sentimento de desalento, superado gradativamente por uma intensa valorização da educação, da cultura como resultado da educação. Se é certo que na Alemanha, tal valorização é bem anterior ao início do século XIX, foi neste período que se afirmou com toda a intensidade o princípio da educação enquanto ‘cultivo de si’, *Bildung* (WEBER, 2011, p. 44).

A educação é tida como condutora da cultura alemã, por meio da qual se formam cidadãos. Logo, a *Bildung* exerce uma função formadora de pensamento político também, pois quanto mais o indivíduo se cultiva, mais cidadão da Alemanha se torna. É importante frisar que a educação citada não é somente aquela instituição formativa, muitas vezes a recusa à instituição, formação burguesa, também tem um caráter formador, como assim é citado nos *bildungsroman* (WEBER: 2011: 52).

Dentro do contexto da *Bildung*, encontramos o romance de formação, *Bildungsroman* que, por meio da literatura romântica, demonstrou o processo de construção por meio de seus personagens. Goethe enquadra-se como um desses autores e também é visto como um dos precursores desse movimento, com a sua obra *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. A personagem central de Goethe torna explícito o espírito da *Bildung*, atribuindo a Wilhelm Meister anseio pela formação de seu ser.

Wilhelm compartilhava do mesmo espírito de muitos dos seus compatriotas do universo não literário. Mantinha o mesmo desejo de construção do seu íntimo, que se dava externamente, a partir da comunhão dos campos espirituais, dos teatros, das óperas, das Bibliotecas e das vivências no mundo:

Instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância. Ainda conservo essa disposição, com a diferença de que agora vislumbro com mais clareza os meios que me permitirão realizá-la. Tenho visto mais mundo que tu crês, e dele me tenho servido melhor que tu imaginas. Atente, portanto, àquilo que digo, ainda que não vá ao encontro de tuas opiniões (GOETHE, 1994, p. 286).

Goethe, através da fala de Wilhelm Meister, demonstra o maior anseio do cidadão alemão que comunga dos princípios da *Bildung*, o *instruir-se a si mesmo*, conhecimento que se adquire de si, que permite o cultivar-se. Essa construção dava-se pelo lançar-se no mundo, pelas dimensões metafísicas do mundo das artes e, muitas vezes, do clássico.

Os romances de formação acabam por difundir o modelo da *Bildung* clássico, a formação enquanto caráter pedagógico e a valorização da bela forma, estética grega representada nas artes plásticas nas tragédias gregas. Diferente do modelo clássico, o romântico compreende a formação como abstrata demais. O cultivar-se apresenta de maneira mais clara neste conceito, pois faz referência a processos subterrâneos do próprio ser que necessitam ser cultivados para alcançar a luz. Já o modelo trágico questiona a superficialidade do modelo clássico em seu retorno à Grécia Antiga da bela forma, creditando a *Bildung* pela responsabilidade não só da atividade particular de dar forma, mas também ao processo de constituição do próprio ser das coisas. Não ocorre à negação da bela forma grega, estética perfeita profunda e suave, mas esta é vista como parte da cultura Grega, a outra parte é a imagem sonora, o poema e a música que dão forma às artes plásticas (WEBER, 2011, p. 52-53).

Apesar da diferença entre os três modelos de *Bildung* e crítica do modelo trágico ao clássico, a Grécia não deixou de ser extremamente importante para a constituição das identidades do alemão, pois:

O que significa propriamente ser alemão? Embora as respostas tenham sido inúmeras, e elas continuam sendo dadas, poucos foram os que não disseram indiretamente: ser alemão é uma forma nórdica de ser grego! Nós germanos, os puros, espiritualizamos a Grécia (WEBER, 2011, p. 54).

É do retorno do pensamento alemão à Grécia que está a importância do clássico grego para Michael Traumann e sua família. Como indivíduo que procurou se constituir primeiramente enquanto cidadão alemão, ele fez recurso aos monumentos que foram utilizados para a construção das identidades da Alemanha e de seus cidadãos, logo retornou também à Grécia para construir-se.

A personagem construída por Goethe, Wilhelm Meister, encontrou no teatro os caminhos para sua formação. A partir da encenação, das leituras dos clássicos, seja o grego ou do inglês Shakespeare, a personagem pode formar-se em contrapartida do mundo moderno, objeto de sua crítica. A trajetória narrada por Goethe tem início com Wilhelm em uma conversa com sua bela Mariana e com a anciã que a acompanhava. Nesse momento, a personagem retorna ao passado ao lembrar-se de como se deu sua paixão inicial pelo teatro, nascida do teatro de bonecos. Antes de instruir-se Wilhelm Meister deparou-se com o teatro de bonecos que, segundo suas palavras:

foram os primeiros momentos de felicidade que desfrutei! Na nova casa vazia; ainda os trago na memória [...] vieram nos ordenar que sentássemos diante de uma porta que dava acesso a um outro cômodo. Ela se abriu, mas não como das vezes anteriores, permitindo que as pessoas por ela circulassem; a entrada estava agora tomada de uma solenidade imprevista. Havia erguido um portal, coberto por uma cortina mística (GOETHE, 1994, p. 12).

Esse portal, que tanto encantou Wilhelm, ao ser aberto trouxe vida a personagens bíblicos: em sua frente surgiu o profeta Samuel, o rei Saul, o rubro herói Davi e o maldoso gigante Golias. A cada passo que a trama dava, mais atento ficava o pequeno Meister e mais cativado tornava-se o teatro. Segundo sua mãe, foi neste momento que teve início os desapontamentos que este jovem causaria a uma mãe preocupada com os cuidados domésticos e a um pai burguês (GOETHE, 1994).

Wilhelm Meister encontrou no teatro o mundo e por ele tornou possível não só a leitura de obras clássicas como *Hamlet*, de Shakespeare (GOETHE, 1994), mas também como sua atuação. Por meio da leitura internalizava e, através da atuação, as externalizava. Da mesma forma que através da atuação, atribuía vida ao texto, durante a atuação, os bonecos que teve contato em sua infância tomavam vida pelo texto. Um simples boneco de madeira tornava-se Davi, Golias, Romeu ou Julieta, todas as formas e vidas cabiam dentro dele.

O anseio pelo cultivar-se, que o alemão pertencente à *Bildung* tinha, movimentou as atitudes de Wilhelm Meister:

Mas não vou negar-te que a cada dia se torna mais irresistível meu impulso de me tornar uma pessoa pública, de agradar e atuar num círculo mais amplo. Some-se isso a minha inclinação pela poesia e por tudo quanto está relacionado com ela, e a necessidade de cultivar meu espírito e meu gosto, para que aos poucos, também no deleite dessas coisas sem as quais não posso passar, eu tome por bom e belo o que é verdadeiramente bom e belo. Já percebes que só no teatro posso encontrar tudo isso e que só nesse elemento posso mover-me e cultivar-me à vontade (GOETHE, 1994, p. 288).

Para a personagem, compreender que seria pelo teatro que se cultivaria livremente, ela fez recurso da memória. Para Meister, “relembremos os velhos tempos e os inocentes erros [...] de onde podemos olhar ao redor de nós e apreender o caminho percorrido” (GOETHE, 1994, p. 16), proveitoso seria para seu presente. Wilhelm retornou à sua infância e às suas primeiras leituras, retornou ao teatro de bonecos, mesmo sem saber que esta compreensão sobre seu passado se deu no momento de sua rememoração, ou seja, no presente (MENESES, 1992), a memória foi elemento constituinte de sua formação identitária (POLLAK, 1992) e assim também o foi para Michael Traumann.

Por mais que a grande preocupação em valorizar a cultura tenha partido da burguesia alemã do século XIX “como uma forma de fortalecimento do próprio ideário burguês, para qual a educação teria um papel decisivo na construção de sua própria hegemonia política, econômica e cultural” (WEBER, 2011, p. 44), Goethe, em *Os anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*, critica a sociedade burguesa alemã e não somente esta, como afirma Georg Luckács em comentário sobre a obra:

Por isso, a crítica à burguesia não é aqui apenas crítica a uma pequenez e estreiteza especificamente alemãs, mas também e ao mesmo tempo uma crítica à divisão capitalista do trabalho, à excessiva especialização do ser humano, ao aniquilamento do homem por essa divisão do trabalho (LUCKÁCS, 1994, p. 596).

Por isso que Wilhelm Meister procura construir-se por meio das artes, em contrapartida da formação acadêmica, e escolhe o caminho do teatro em negação a sua criação burguesa. De certa forma, Michael Traumann sempre teve interesse em partilhar do universo acadêmico, mas “este caminho lhe foi negado com sua retirada da Alemanha” (TRAUMANN, 2008, p. 2), o que não o impediu de cultivar-se no espírito alemão, como o fez Wilhelm.

Ao adaptar *Alkestis*, da mesma forma que Wilhelm Meister, Michael Traumann fez uso constantemente de sua memória: ele reapropriou a tradição europeia que teve contato enquanto criança e não fez isso somente através do texto da peça, mas em toda sua estrutura. Ele adaptava as peças para teatro de bonecos, o que pode indicar resgate de sua vivência infantil. A partir das memórias de Wilhelm Meister, mesmo esse sendo um personagem fictício ele é fruto da mente humana, suas memórias foram atribuídas por um terceiro que vivenciava o espírito de sua época, podemos supor a importância do teatro de bonecos no cotidiano alemão do século XVIII/XIX. Apesar do teatro de bonecos ter nascido no Oriente, chegou à Europa

com os mercados e das trocas comerciais e culturais, sua popularização se deu por ser um bom instrumento de evangelização e catequizaçã²².

As dimensões que o teatro de bonecos abordava encantavam seu público e as leis da física eram postas de lado: o boneco voava, o céu, o mar e as montanhas cabiam em um pequeno espaço, o que permitia de forma lúdica o aprendizado e a catequizaçã, a ser popularizado posteriormente sem intenções religiosas. O teatro de bonecos, para os alemães, estava plenamente presente em seus ciclos sociais, tanto que foi preservado pela memória dos imigrantes alemães no Brasil, em Santa Catarina, na cidade Jaraguá do Sul, mantendo o caráter pedagógico existente nos teatros de bonecos (BELTRAME, 2003).

Assim como Wilhelm Meister, Michael Traumann retornou a um passado que vivenciou ou desejara ter vivenciado, sendo possível uma tentativa de retorno a territórios culturais que fora expulso por causa de seu sangue judeu. Tanto para Wilhelm Meister, quanto para Michael Traumann o retorno ao passado possibilitou o *construir-se*.

Traumann, assim como o homem alemão do século XVIII e XIX, recorreu às artes, às leituras, aos temas clássicos – sejam estes greco-romanos ou europeus –, ao teatro, às óperas e, como ele mesmo observou em sua entrevista, comungou dos espaços culturais europeus com um ramo alemão. Por meio disso, podemos compreender sua preocupação em restaurar, mesmo que amadoramente, as obras de Eurípides, também caras ao seu pai. Compreendemos que tanto a presença do *ex-libris* nos volumes de Eurípides, quanto o cuidado exercido para manter o impresso inteiro, transcende a análise inicial efetuada por Soares (2015). O carinho pelos livros em questão não é fruto somente de uma apropriação familiar devido ao título da obra, que remonta há um ancestral, mas também faz jus a cultura de formação do pensamento alemão, intimamente ligado ao clássico grego.

Essa breve análise nos proporciona uma visão mais ampla, sobre as identidades de Frederich e Michael Traumann manifestas no *ex-libris*. Comumente, em uma Biblioteca de um bibliófilo, todos os exemplares presentes nela possuem o *ex-libris* e quando não, é porque a estampa está reservada aos livros raros. O conceito de livro raro para a bibliologia²³ é investigado por meio da materialidade do impresso, pela sua composição e idade, quais elementos foram utilizados em sua construção, número de publicação e valor histórico, por

²² Info Escola: Teatro de bonecos. Acessado em: 21 out. 2013.

²³ “É a ciência do livro, o corpo teórico da Análise Bibliológica que, por sua vez, implica o exame minucioso, beneditino, o colacionamento do livro raro página-por-página” (CALHEIROS; COSTA; RODRIGUES, 2007, p. 3).

exemplo, os incunábulos que são livros impressos no início do desenvolvimento da prensa tipográfica. Sua composição é diferenciada dos livros modernos:

a inexistência da página de rosto; o início do texto na primeira página; presença de iluminuras; ilustrações xilogravadas; falta de paginação e reclamos; título de partida indicado por Incipit (“*aqui começa*”, em latim) e colofão indicado por Explicit (“*aqui termina*”) e geralmente era impresso sobre papel artesanal ou pergaminho (CALHEIROS; COSTA; RODRIGUES, 2007, p. 6).²⁴

Além da materialidade do livro e sua contextualização social, é necessário observar as práticas de leitura, os sinais presentes na obra que são pós-publicação causados pelo seu possuidor, a demonstrar sua subjetividade:

Os elementos acrescentados a unidades bibliográficas em período posterior a sua publicação, personalizando o exemplar, devem ser indicados, após a análise detalhada do livro, através de notas específicas para a catalogação de livros raros. Tais elementos são, por exemplo: “[...] marcas de propriedades: *ex libris*¹⁴, *super libris*, *ex dono*, assinaturas, indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidades famosas e/ou importantes” (PINHEIRO, 1989); anotações manuscritas e marcas de leitura como a *frontis* (CALHEIROS; COSTA; RODRIGUES, 2007, p. 13).

Por mais que para a bibliologia determinar um livro como raro é necessário que este tenha um valor histórico social amplo, como ter pertencido e ter sinais de leitura de grandes personalidades. Ou, então, que tenha formatos determinados e composições específicas, como ao invés de papel o livro ser composto por papiro. Os impressos que possuem *ex-libris* na Biblioteca Traumann, em sua maioria, não podem ser considerados raros em sua composição. Eles são *hardbacks* ou brochuras em papel convencional de sua época de produção, não foram ou possuem sinais de pertencimento ou contato com alguma grande personalidade. O valor

²⁴ “Iluminura: arte que nos antigos manuscritos, e em alguns incunábulos, alia a ilustração e a ornamentação, por meio de pintura a cores vivas, ouro e prata, de letras iniciais, flores e folhagens; figura e cenas, em combinações variadas, ocupando parte do espaço comumente reservado ao texto e estendendo-se pelas margens, em barras, molduras e ramagens. Xilogravura: A xilogravura é um processo de gravação em relevo que utiliza a madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. Reclamo: modo de expressar a ordem progressiva das folhas (Literal reclamantis), que consiste em escrever na margem inferior da última página de um fascículo as primeiras palavras do seguinte. Colofão: palavra grega que significa *traço final*. Além das informações respeitantes aos títulos do livro, ao nome do autor, do impressor, ao lugar e data de impressão, contém notas sobre o editor que corrigiu e preparou o texto, o patrono que tornou possível a publicação do livro etc. Papel artesanal: papel feito a partir de trapos de linho. Pergaminho: material fabricado de peles preparadas de animais, principalmente de carneiros ou de vitelos. O melhor era feito da pele destes últimos e era conhecido por velino. Privilégio: concessão outorgada pelo soberano, que dava a um impressor direito de exclusividade para executar certa obra, durante tempo previamente estabelecido” (CALHEIROS; COSTA; RODRIGUES, 2014, p. 6).

atribuído a eles é dado segundo a vivência de Frederich Traumann, a raridade nessa Biblioteca está ligada à subjetividade de seu possuidor.

Como demonstrativo disso, temos o livro *Salomon Maimon Lebensgeschichte* (1911), de Jakob Fromer. Essa obra conta a história de vida de Salomon Maimon, filósofo judeu de língua alemã, nascido na Polônia em meados do século XVIII. Maimon foi integrante da *Haskalah* e contemporâneo de Moses Mendelssohn, logo enquadra-se como um judeu emancipado e iluminista judaico. A presença deste exemplar na Biblioteca, juntamente com os símbolos manifestos pelo ex-libris de Frederich Traumann, discutidos no capítulo anterior, demonstram a importância dos movimentos emancipatórios do judaísmo alemão para a família. As (re)construções de suas identidades perpassam pela *Haskalah*, sua judeidade está intimamente ligada ao ser cidadão alemão, mesmo quando este título lhes é negado.

Figura 16 – Exterior do livro *Salomon Maimon Lebensgeschichte* (1911), de Jakob Fromer



Fonte: Biblioteca Traumann-NDPH (2016)

Figura 17 – Ex-libris no livro *Salomon Maimon Lebensgeschichte* (1911), de Jakob Fromer



Fonte: *Salomon Maimon Lebensgeschichte* (1911), de Jakob Fromer

2.2 A AFINIDADE ELETIVA

Se nos voltarmos a *bildung*, poderemos compreender melhor a seletividade nas escolhas de Frederick Traumann, no momento de uso do ex-libris. No início do século XIX, popularizou o conceito de afinidade eletiva, isso devido ao romance *Die Wahlverwandtschaften* (1809), “Afinidades Eletivas”, de Goethe. Nesta obra, Wolfgang Goethe utilizou o conceito químico, da alquimia, para narrar a trajetória de um casal envolto em amores e atrações proibidas: “para Goethe, há uma afinidade quando dois seres ou elementos “procuram um ao outro, atraem-se, apoderam- -se um do outro e, em seguida, em meio a essa união íntima, ressurgem de forma renovada e imprevista” (LÖWY, 2011, p. 130).

Esse conceito que transitou da química para a literatura, sofre nova transformação e alcança a sociologia por intermédio de Max Weber, na obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (1905). O conceito popularizado por Goethe define como afinidade eletiva, atrações recíprocas e transformadoras, algo que resulta na transformação do elemento. Em seu

romance, isso significa o fim trágico resultado de um amor proibido. Quando Weber se apropria desse termo comum à sociedade alemã, ele o dá maior profundidade:

Weber não define o conceito; todavia, podemos propor a seguinte definição, com base no uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa (LÖWY, 2011, p. 141).

O conceito de afinidade eletiva, tanto no uso literário de Goethe quanto na sociologia de Weber, nos possibilita certas compreensões sobre o uso do ex-libris. Anteriormente, discutimos o carácter elitista da Biblioteca Traumann, como sua composição, manutenção e os relacionamentos que intermedia a tornam uma Biblioteca de elite. Além disso, a presença do ex-libris corrobora com tal afirmação. Nesta análise, podemos fazer uso da conceituação explicitada por Löwy (2011), historicamente a intelectualidade está ligada a fatores econômicos. O valor simbólico atribuído ao livro e a leitura, por muito tempo, foi expresso na materialidade com alto custo do mesmo ou dificuldade de acesso.

O ex-libris em uma Biblioteca transportada da Europa, e carinhosamente mantida e ampliada no interior do Paraná em meados do século XX, na zona rural cercada por mata atlântica, em uma cidade em desenvolvimento e distante dos centros urbanos desenvolvidos, está na afinidade entre poder econômico e intelectualidade. Por mais que na entrevista de Michael Traumann, ele descreva certas dificuldades logísticas e financeiras na nova moradia, essas situações não impediram a ampliação da Biblioteca da família, nem as reuniões voltadas à cultura europeia, que ocorriam na sede da Gilgala. Mesmo em um local improvável, a família Traumann, juntamente com a comunidade de exilados, conseguiram cultivar sua intelectualidade graças a sua prosperidade financeira.

As reuniões que ocorriam nas fazendas dos Traumann ou de seus vizinhos eram pautadas pelas discussões de suas leituras e por suas vivências no mundo, seja o rural de seu cotidiano ou aquele presenciado em suas excursões em outros países ou estados. Segundo Maier (1977), era comum que os participantes dessem palestras sobre suas viagens recentes, livros recém adquiridos, assuntos recorrentes na Europa. Todas essas informações e experiências foram possibilitadas pelo dinheiro, por isso relacionamos a intelectualidade da família Traumann, e de seu contexto social, ao seu poder econômico, que deu acessibilidade à viagens e livros que não eram vendidos no Brasil, ou que estavam distantes da Gleba Roland.

Para além do uso weberiano de afinidade eletiva, temos aquele atribuído por Goethe, o da aproximação transformadora entre os elementos. Podemos dizer que a alma de Frederich Traumann foi atraída a certos exemplares nos quais se reconheceu, como é o caso das obras de Eurípides ou da que narra a trajetória de Maimon. O hábito de apropriação manifesto pela família Traumann torna-se claro por intermédio de seu ex-libris. Seja pela composição que expressa símbolos da cultura alemã e europeia, que seu dono tomou para si e as tornou representações de suas identidades ou, então, pela escolha dos exemplares que os possui, atribuindo a eles elementos de sua trajetória, a fazer uso da memória.

Desse modo, o ex-libris aqui discutido é expressão das identidades de seu possuidor e é designado a livros específicos nos quais Frederich Traumann se viu representado ou sentiu-se atraído de alguma forma, seja pela história por trás da obra, pelo seu autor ou simplesmente por sua estética. Independentemente de quais os motivos específicos foram utilizados na hora de uso de sua marca pessoal, podemos afirmar que esse é mais do que uma simples demarcação, ele está ligado à subjetividade de seu titular.

A Biblioteca Traumann nos oferece alguns exemplares que podem corroborar com essa análise. Nela estão presente dezenove volumes da coleção literária de Walter Scott, autor escocês de romances históricos. Em todos os volumes encontramos a presença do ex-libris pertencentes a Marta Carst, mãe de Margot Ranke esposa de Eugênio Ranke, proprietários da fazenda Marta, que foi nomeada em homenagem a matriarca Carst. Por mais que não tenhamos acesso à Biblioteca de Carst, e que o comparecimento dos ex-libris nas obras de Scott seja fruto do apreço dela pelo autor, podemos deduzir que número extenso da vinheta está mais ligado ao conjunto da Biblioteca do que à obra.

É possível, nesse sentido, considerarmos que a estampa é utilizada de maneira diferente de Frederich Traumann. Talvez para Carst, todos os exemplares que possui são dignos de sua marca, não havendo assim a distinção – mesmo que subjetiva – de livros raros, a utilizar o ex-libris em todos os livros de sua Biblioteca, ação comum entre os bibliófilos. Mesmo que limitadamente as obras de Scott podem servir de contraste ao uso do ex-libris, entre o senhor Traumann e a senhora Carst.

Figura 18 – Coleção Walter Scott



Fonte: Biblioteca Traumann-NDPH (2016)

Figura 19 – Ex-libris de Marta Carst nas obras de Walter Scott



Fonte: Biblioteca Traumann-NDPH (2016)

Para reforçar essa análise podemos utilizar a biografia de Napoleão Bonaparte *Napoleon. Der Feldherr, Staatsmann und Mensch in seinen Werken*, “Napoleão. O comandante, estadista e o homem através de suas obras”, editada por Friedrich Kircheisen e publicada pela editora Robert Voos de Stuttgart. Segundo Soares, o ex-libris na biografia de Napoleão, foi motivada pela presença francesa na cidade natal de Frederich Traumann, Colônia (SOARES, 2015). Colônia foi uma das cidades alemãs conquistadas por Napoleão Bonaparte e, neste período, o judeu alemão desta região conquistou maior autonomia social, mas também perderam a universidade de Colônia, “fechada por seu recente conquistador, ela só foi reaberta em 1919” (SOARES, 2015, p, 694).

Novamente podemos observar que as escolhas do senhor Traumann para uso de sua marca pessoal está unida à sua memória. As construções de suas identidades se deram no relacionamento entre memória individual e coletiva, a fazer uso de símbolos construídos como mecanismo de união para a formação do Estado alemão e elementos que fazem referências à suas trajetórias pessoais (MENESES, 1992; POLLAK, 1992).

Frederich Traumann é fruto do aperfeiçoamento civil judaico, como já observamos, a estampa utilizada em seus livros expressa as identidades de um judeu emancipado, logo se viu representado nas obras sobre Salomon Maimon, Mendelssohn e Eurípides. Os dois

primeiros abriram o caminho para emancipação, o terceiro é apropriação e reafirmação do pertencimento à cultura alemã, já que o clássico grego é de grande importância para a mesma. Nisso vemos o fluir da memória coletiva, ele faz parte de um contexto e neste molda suas identidades no contraste de sua memória individual. Ao mesmo tempo que Eurípides é importante para a cultura alemã, para ele o é também por fazer referência ao seu pai. A biografia de Napoleão tem sua importância, tanto na influência desse na sociedade europeia como conquistador, como também por ter dominado sua cidade natal. Sua afinidade eletiva é mediada pela memória, sua alma é atraída por aquilo que o marcou, seja em grau pessoal ou coletivo.

3 PRESERVAÇÃO DA BIBLIOTECA: INSTINTOS E CAMINHOS

Pudemos observar no decorrer dos capítulos anteriores, o interesse de Michael Traumann em preservar uma memória familiar pautada na cultura europeia e alemã. Seu esforço teve como resultado a manutenção da Biblioteca herdada de seus pais e a conservação de diversos livros, caros ao seu pai, que faziam referência a sua trajetória enquanto cidadão alemão e judeu emancipado, sendo esses marcados com o ex-libris de Frederich Traumann. Neste capítulo investigaremos quais caminhos conduziram a este instinto de preservação e observaremos quais seus resultados frente a comunidade no qual estava inserido.

Em primeiro lugar devemos observar o que conduziu ao mantimento da manutenção de uma extensa Biblioteca em um local pouco provável, na zona rural de uma cidade em nascimento no interior do Paraná. A prática de leitura, nos moldes manifestos pela família Traumann, não era uma característica somente particular. Obtivemos essa compreensão devido à circulação de livros entre as Bibliotecas de Gleba Roland, comprovada pela presença de diversos exemplares de outras famílias na Biblioteca Traumann, o que indica a existência de Bibliotecas familiares nas fazendas vizinhas de Gilgalla. Para Soares (2012), os livros se estabeleceram como ponto de interação entre os refugiados, além de ser expressão das identidades que eles manifestavam, “a preocupação no intenso cultivo da intelectualidade” (SOARES, 2012, p. 140) e o temor pela deterioração da cultura alemã, sendo esse último resultado das experiências com a guerra vivenciadas por essas famílias, motivo também de interação das famílias.

O medo de um possível desaparecimento da cultura alemã causada pela perseguição da doutrina nacional-socialista (SOARES, 2012) resulta na preservação de elementos que lhes são considerados sagrados, que entre os refugiados de Gleba Roland eram os livros.

Chovia dentro de casa e nossos livros sofriam – todos nós, imigrantes tínhamos nossa Biblioteca. Dávamos muita importância aos livros. Não queríamos deteriorar intelectualmente. Mantivemos viva a cultura alemã, que na Alemanha estava destruída. Queimada literalmente (FISCHER, 2005, p. 43 apud SOARES, 2012, p. 141).

As Bibliotecas, para essas famílias, são tidas como museus do pensamento alemão e europeu da época. O depoimento de Hertha Levy demonstra que os livros são humanizados, a ponto de sofrerem com as goteiras da casa. Estabelece-se uma aura sagrada na Biblioteca, pois mantém o que está sendo queimado na Alemanha. Esse sentimento declarado pela senhora Levy, e vivenciado por sua comunidade, insere uma nova funcionalidade à Biblioteca. Além de guardar o conhecimento que os livros expressam, ela é guardiã da memória e da cultura que vivenciaram em território alemão (SOARES, 2012, p. 141).

3.1 COMUNIDADE EXILADA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

As memórias e identidades construídas pela família Traumann e pela comunidade da qual fazia parte, estavam intimamente relacionadas com a guerra que afligia a Europa. O compartilhar de experiências parecidas resultou no fortalecimento de uma memória coletiva e na prática de ações comuns. Mathilde Maier, esposa de Max Maier, em seu relato de vida (1977) compreende que os acontecimentos vivenciados comumente era o grande fator de união do grupo, juntamente com a forma como eles reagiram a esses eventos.

Michael Pollak (1992) afirma que episódios vividos em conjunto ou por tabela²⁵ são determinantes nas construções identitárias. Mathilde Maier explicita que a comum atitude das sessenta famílias da zona rural de Rolândia também era motivo de união. Mas quais são esses atos comuns? Pelos relatos de vida dos participantes deste grupo, incluindo Michael Traumann, a união se dava pelo compartilhamento das mesmas leituras e livros, músicas e peça teatrais, por comungarem do mesmo espírito europeu:

A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p. 3).

²⁵ Seria o caso dos imigrantes que vieram bem pequenos ao Brasil ou nasceram em terras brasileiras.

Entre as preocupações que estavam em pauta para os refugiados em Gleba Roland, uma delas era a de manter viva a cultura europeia em terras brasileiras. O pensamento alemão não poderia ser destruído por causa da guerra e da fuga de seu país, o empenho em manter esta memória parte de todos os membros do grupo de exilados. Dessa forma, por mais que os anos continuassem a afastar essas famílias de sua terra natal, eles jamais deixariam de ser alemães. A *Heimat* foi evocada pelas famílias refugiadas, pois pátria não é somente aquela que está delimitada fisicamente, mas também aquilo que está unido no campo de espírito. Ou seja, por maior que seja a distância entre Gleba Roland e Alemanha, se constituiu nessa comunidade e entre as famílias um sentimento de pertencimento à cultura alemã e europeia, mesmo com o afastamento forçado de seu território:

Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo [...] A memória...pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento (POLLAK, 1992, p. 3).

A expulsão desse grupo de imigrantes da Alemanha e sua aglomeração em um mesmo território permitiu a construção de uma memória social importante relacionada à Alemanha. Dá-se em terras vermelhas a (re)construção da cultura alemã e europeia, a partir da memória dos indivíduos que aqui se fixaram. Memória que transforma Goethe em herói, já que a experiência²⁶ tão “pregada pelo poeta é vivenciada por parte de seus fiéis leitores” (MAIER, 1977, p. 55).

Dessa forma, Michael Traumann enquadra-se em um contexto social onde a preocupação em salvaguardar uma memória voltada para a cultura europeia e alemã estava constantemente presente, o que pode explicar o porquê de seu empenho na preservação da mesma. Segundo Nora (1984), esse esforço é fruto de uma memória em migalhas, os elementos que a constitui encontram-se em degradação, disto vem a salvaguarda dos bens materiais. Izabela Tamaso, ao discutir sobre os escritos de Nora, afirma que:

Tendo perdido a memória como suporte de continuidade e preservação do social, as sociedades pós-industriais deram início, segundo Nora (1989) à criação dos “lugares de memória”, no sentido de que neles se recupera a sua existência (TAMASO, 2012, p. 29).

²⁶ A experiência pregada por Goethe está intimamente relacionada a *Bildung*, as obras de Goethe enquadram-se em *bildungsroman* que seriam romances de formação, onde a personagem principal se constrói enquanto herói a partir da experiência no mundo, como é o caso de seu livro Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister (1795).

Isso corrobora com o relato de Herta Levy, que vê nas Bibliotecas familiares dos exilados fragmentos que recuperam a existência da cultura alemã, que se encontrava em degradação devido à Segunda Guerra Mundial. Trabalharmos com o acervo Michael Traumann, em especial sua Biblioteca, permite-nos entender diversos obstáculos tantos teóricos quanto metodológicos. Primeiramente, por se tratar de uma Biblioteca ainda em catalogação. Em segundo lugar, a pluralidade e a aparente desorganização da Biblioteca que apresenta, já que a ela foi utilizada por diversos membros da família. Independentemente dessas dificuldades, podemos caracterizá-la como local onde as identidades da família e de seu mantenedor Michael Traumann estão manifestas, portanto são lugares de memória, pois estes são:

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual (NORA, 1984, p. 21).

Por mais que Nora compreenda, como lugares de memória, aqueles que estão vinculados à construção de identidades nacionais, a Biblioteca Traumann estabelece-se como um destes lugares pois ela é material em seu princípio, já que é a aglomeração de livros e possui conteúdo demográfico. É funcional porque mantém e transmite lembrança, como visto anteriormente nas edições de Eurípedes, marcadas com ex-libris por Frederich Traumann, como prova de carinho pela peça. Seria como um carinho transmitido à geração futura e observado na intervenção por parte dos novos mantenedores da Biblioteca em restaurar as três edições (SOARES, 2015). O cuidado em tentar preservar não somente as edições de Eurípedes, mas como vários outros livros, demonstra a intencionalidade da Biblioteca em cristalizar e transmitir determinadas lembranças. Enfim ela é simbólica visto que traz consigo, as experiências vivenciadas pela família Traumann, carregada de uma aura simbólica que remete à Alemanha, à expulsão de sua terra, ao medo da destruição da cultura alemã e à esperança de manter e transmitir vestígios desta cultura (NORA, 1984).

Traumann expressa seu temor pelo fim da cultura que vivenciou por meio de seus inscritos. Seu receio era gerado não apenas pelo impacto da guerra, mas era fruto também da crescente modernidade que o alcançava. No comentário sobre o conto *Swineherd* (1841), “O Guardador de Porcos”, do irlandês Hans Christian Anderson, podemos observar isso. No conto

de Hans Anderson, um príncipe se finge de guardador de porcos, a fim de conquistar uma princesa arrogante. O príncipe toma tal decisão após ter seu presente negado pela princesa, pois o passáro e a flor que lhe foi dada eram verdadeiros, sendo sua preferência pelas coisas artificiais, por aquilo que era construído pelo homem. O temor de Michael Traumann estava na substituição das coisas verdadeiras, a seu ver, pelas artificiais:

Nesta história há um tema que Anderson usou muitas vezes: Como a classe superior não conseguia mais apreciar as coisas naturais, tudo tem de ser mecânico e artificial. Por exemplo, na história do Rouxinol- onde o rouxinol artificial é mantido em um palácio, mas o rouxinol vivo canta a morte para longe do doente imperador da China. Como Anderson teria odiado o rádio, o gravador, os filmes, a televisão e todas as engenhocas artificiais das quais nós estamos cercados. E com certeza o contador de histórias tem pouquíssimas chances em nosso mundo do entretenimento. É difícil para a contação de histórias competir com as imagens da televisão e do cinema. E se as mães não contarem histórias para suas crianças de tempo em tempo, as histórias estariam mortas e esquecidas. E isto seria uma grande perda para nossa cultura²⁷ (TRAUMANN, [s.d.], p. 24).

Michael Traumann receava o fim do universo fantástico do qual comungou não só em sua infância, mas também em vida adulta. Temos aqui uma crítica ao constante avanço tecnológico, à modernidade esmagadora que, segundo a sua fala, avançava no interior do Paraná. Ele temia os entretenimentos modernos, a televisão e o cinema, tudo que a seu ver era artificial e não transmitia a beleza do verdadeiro. Comparava as tecnologias ao falso rouxinol, uma vez que elas não tinham o poder de afastar a morte, para ele as tecnologias eram superficiais e turvavam o olhar impedindo a vista do real e belo. Da mesma forma que a princesa não se encantou pela flor, Traumann temia que as histórias que cresceu ouvindo não encantassem mais as crianças, talvez por isto exerceu grande esforço em propagar diversos contos infantis, além de adaptar para as crianças histórias clássicas da antiguidade.

Ao encerrar seu comentário, Michael Traumann deixa claro que cabem às mães e aos ancestrais a transmissão das histórias, pois por meio da contação de contos é que se mantém a cultura. Seu maior medo era o fim de sua cultura, por isso ele estabeleceu-se como guardião, colocou-se como agente de seu contexto social por temor de seu fim. Não foi somente por meio da Biblioteca que Michael Traumann se constituiu enquanto guarda de identidades culturais, construídas a partir da manutenção de memórias pessoais e/ou grupais (POLLAK, 1992; MENESES, 1992), mas também a partir dos contos e histórias que lutou para manter. As adaptações feitas por ele podem ser vistas, como instrumentos de preservação das identidades

²⁷ Tradução de Letícia Guiraud.

que construiu. Por meio delas, procurou preservar suas expressões culturais. O pavor de perder tudo o que lhe era caro resultou na iniciativa de transmitir as futuras gerações àquilo que ouviu de seus pais, mesmo que esta transmissão resulte em transformações ou questionamento às obras originais.

Quando trabalhamos com arquivos pessoais devemos considerar que eles carregam consigo as expectativas daqueles que o compõem, neles se despontam os caminhos efetuados pela memória para sua imortalização (ou tentativa de), processo que sempre é efetuado no presente. Ao analisarmos a Biblioteca Traumann e observamos as produções textuais de Michael Traumann, podemos problematizar os símbolos que compõem esses elementos, já que fazem parte de sua trajetória de vida, pois como afirma Regina Abreu:

Numa perspectiva, antropológica, história banais ou extraordinárias encerram significados. Significados que não se encontram imediatamente revelados ao nível da experiência sensível, mas que demandam um complexo trabalho de decodificação, análise, interpretação [...] Por meio da problematização desse fenômeno é possível desvendar aquilo que lhe é subjacente: crenças, valores e visões de mundo singulares (ABREU, 1996, p. 28).

Através da problematização das experiências, análise essa possibilitada pelo arquivo, é possível desvendar as visões de mundo de seu mantenedor/constituente. A decodificação do cotidiano conduz à sua interpretação do mundo, da forma como o absorve e de como se manifesta nele. Schmidt, ao discorrer sobre o assunto, indaga:

Por que, então, eleger o cotidiano como foco privilegiado de análise? Em primeiro lugar, porque esta perspectiva traz para a biografia sua matéria mais extensa, a vida diária. O cotidiano é a vida de todos os dias, dos gestos, ritos e ritmos repetidos diariamente, Seu espaço é o do automático, da rotina, do instintivo, do familiar, do conhecido (SCHMIDT, 1996, p. 187).

O autor citado comenta sobre o gênero biográfico presente na historiografia e aponta como solução a *ilusão biográfica*, apresentada por Bourdieu (1983), para a problematização do cotidiano. Os relatos de vida, análises biográficas, são passíveis da ilusão de que as histórias se encerram em si mesmas. Que a investigação na trajetória de vida do indivíduo é dada de forma linear e constante (BOURDIEU, 1983), essa compreensão é um equívoco pois as ações de determinada personagem social está intimamente ligada ao seu contexto, suas construções identitárias são frutos de uma constante lembrança efetuada no presente. Por isso que Schmidt apresenta a investigação do dia-a-dia como fuga ao problema apresentado por Bourdieu.

Destacamos também que a perspectiva da vida cotidiana permite ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto o que, como apontamos anteriormente, é um dos grandes desafios deste gênero. Afinal, esta dimensão universal, rotineira, heterogênea e hierarquizada da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, descolada das demais relações sociais. Os elementos, ritmos, temporalidades e espaços que constituem e onde se desenvolve a cotidianidade se tornam plenamente compreensíveis quando inseridos em redes mais amplas de práticas e representações (SCHMIDT, 1996).

3.2 A BIBLIOTECA E O SEU CONTEXTO SOCIAL

O motivo de entrarmos nessa discussão biográfica está justamente na cotidianidade em que a Biblioteca é mantida, na constante construção das identidades manifestadas nela e por ela construída, lembrando que a investigamos enquanto aculturada e aculturante, produto e produtora de cultura (CHARTIE, 2003). Logo, não podemos separar a Biblioteca de seu contexto social, nem a observamos enquanto inerte. Para discorrermos sobre cotidiano também devemos problematizar o conceito de identidade(s) e sobre a construção de si. O acervo Michael Traumann nos possibilita, mesmo que de forma complexa, essa análise. Por exemplo, em suas produções textuais, seu habitual e as identidades que construiu são expostas, como no caso de seu esforço enquanto guardião do que compreendia como cultura, exposto em *Swineherd*. Além desse conto, podemos analisar seu cotidiano e identidades na história de *Androclus and the Lion*. Nessa história, ele apresenta aos seus leitores uma antiga lenda cristã que posteriormente foi adaptada como peça pelo romancista Bernard Shaw.

O texto narra a saga de Androclus, cristão fervoroso que é condenado à morte pelo império romano justamente por causa de sua fé. Androclus, em sua peregrinação cristã, encontra-se um dia com um leão ferido e com bondade em seu coração contribui para a cura deste animal. Posteriormente, ambos são capturados pelos romanos e postos frente a frente em uma arena de batalha. Segundo a história, o leão ao reconhecer Androclus, não o mata e desta forma contribui para o crescimento da fé cristã entre os romanos.

Traumann, ao comentar essa história, que provavelmente já serviu como instrumento de catequização cristã, escolhe não vangloriar o cristianismo, mas criticá-lo, primeiramente questiona a lógica da narrativa:

Existem duas improbabilidades na história: 1. Que um leão selvagem permitiria um estranho fazer uma séria operação nele. (Eu tiro espinhos de porcos-espinho da boca de cachorros, e mesmo que os cachorros me conheçam a vida toda e eu os alimento todos os dias, eles não ficam quietos.) E 2. O mesmo leão estar na mesma arena quando Androclus está prestes a ser morto e comido. E o leão o reconheceria mesmo depois de vários meses? Um milagre, um milagre!²⁸ (TRAUMANN, [s.d.], p. 9).

Sua primeira observação está pautada em sua vivência na fazenda Gilgala. A rotina de fazendeiro muito lhe ensinou a ponto de entender que mesmo alimentando seus cachorros todos os dias isto não facilitava a retirada de espinhos deles. A segunda compreensão está na improbabilidade de um animal selvagem reconhecer um benfeitor anônimo, após uma improbabilidade maior ainda de os dois caírem na mesma arena.

Michael Traumann era de fé cristã, sua criação luterana indicaria que a seleção desta história, para sua obra, serviria como instrumento de cristianização das crianças. A narrativa poderia ser posta como elemento evangelizador por parte de seu comentador, assim como ela pode ter sido utilizada por muitos catequizadores, como exemplo de boas ações de um cristão.

Contrariamente a essas afirmações, Traumann optou por problematizá-la segundo as suas vivências. Isso é observado não só pelo que foi dito nos parágrafos acima. Em outro comentário, ele torna sua crítica à história mais pessoal e contundente: “Me parece que, o cristianismo era uma religião melhor, quando seus fiéis morriam por sua fé, do que quando se tornou a religião estadual e começou a perseguir e matar seguidores de outras religiões”²⁹ (TRAUMANN, [s.d.], p. 10).

Nesse pequeno comentário, critica sua própria fé e questiona a transformação do cristianismo de religião perseguida para perseguidora. Por mais que sua criação cristã nunca tenha sido abandonada, o fato de sua família ser de ascendência judia foi motivo de seu exílio. Logo, a ascensão do nazismo e a Segunda Guerra Mundial o torna judeu e cristão. Traumann, como judeu, sentiu a dor da perseguição, sendo muitas vezes legitimada pelo cristianismo alemão, o que pode resultar em um sentimento de abandono, tornando-o mais crítico em relação a sua fé cristã, como ele demonstra nos comentários.

A partir da ótica historiográfica, vemos ressaltar o dia-a-dia de Michael Traumann e expressões de suas identidades em seus escritos, alemão e judeu, fazendeiro e intelectual. Ao mesmo tempo em que comenta suas leituras, expressa suas ações cotidianas na Gilgala, da

²⁸ Tradução de Letícia Guiraud.

²⁹ Tradução de Letícia Guiraud.

mesma forma que se compreende enquanto cristão e luterano, isso observável em seu relato de vida, sua identidade judaica também é manifesta, judeu refugiado e alemão expatriado.

Em sua adaptação de *Alkestis*, discutida no capítulo anterior, no momento em que a personagem Herakles traz uma fala anacrônica, sobre a falta de pinga e café para reanimá-lo após vencer a Morte, além da atemporalidade efetuada por Michael Traumann no trecho, podemos questionar a presença dos elementos café e pinga nesse diálogo entre Herakles e Alkestis. Originalmente, a livre adaptação de *Alkestis* está em alemão e foi traduzida posteriormente para o português por Sibylle Wendel, amiga da família. Na versão em alemão, a palavra utilizada para pinga foi *Schnaps*, que faz referência a licor ou aguardente. Por mais que no original *Schnaps* indica qualquer bebida com alto teor alcoólico, não podemos desconsiderar um Herakles brasileiro, pois os elementos utilizados pelo autor, estão presentes no habitual do brasileiro. Novamente observamos expressões de seu cotidiano em seus escritos e demonstrações das construções identitárias que efetuou. Sobre identidade é necessário frisarmos que:

[...] que a ideia de identidade é um constructo que tem como elemento de sustentação discursos, objetos e práticas, simbólicas que nos posicionam no mundo e que dizem nosso lugar em relação ao outro (outros pontos de referência, outros lugares). Ao fazer isso, a identidade também marca e estabelece uma posição, o lugar que efetivamente construímos e no qual nos inserimos. Ela se constrói, assim, nessa interseção entre discursos que nos posicionam e o nosso movimento de nos posicionarmos enquanto sujeitos no mundo (SILVEIRA, 2010, p. 69).

Apesar de Silveira tratar inicialmente as identidades como posicionamentos, não podemos abstrair delas sua capacidade de constante articulação e transformação. Afinal, como o autor disse, elas se constroem e reconstroem nas movimentações. Em seu relato de vida, Michael Traumann afirma que as identidades construídas por sua família eram de cidadãos alemães e luteranos, mesmo com a compreensão de sua judeidade: “o meu avô foi batizado né, e o meu avô se batizou para ser juiz na Alemanha, e meu pai estudou é claro, mas já frequentava uma igreja cristã né, Luterana, aliás. Na Alemanha era unida, uma mistura de reformismo e luteranismo” (TRAUMANN, 2008, p. 03).

Por isso considerou como um choque, não só para si como para muitas famílias, ver a identidade judaica ser atribuída a eles forçadamente:

Um choque, um choque para eles de repente ser considerados judeus de novo né. Aliás, os meus professores, eu tinha os professores que primeiro aqui em Rolândia, imigrantes também, eles acharam que uma tarefa deles seria de

ensinar esses jovens “judeus” que de judaísmo não sabiam mais nada, de ensinar de novo as suas raízes, porque eles de repente tinham perdido não é, a conexão com a Alemanha. Eles eram alemães sem pátria né, e então ensinavam a eles a tradição judia (TRAUMANN, 2008, p. 4).

Sua narrativa demonstra que a compreensão de ser judeu na Alemanha dos séculos XIX e XX estava mais em uma lembrança distante ou escondida dentro das famílias de judeus emancipados, disso vem o espanto com a segregação. Com a ascensão de Hitler ao poder, as famílias judias vivenciaram intensamente o antissemitismo que sempre esteve presente na Alemanha, mas não nas proporções que se encontrava antes da Segunda Guerra.

O afastamento da cultura judaica resultou em um estranhamento, por parte de diversas famílias judias, que se compreendiam plenamente como alemãs. Podemos ver isso no relato de Leni Altmann, apresentado no livro de Soares:

Leni, outra filha de Oscar Altmann, de forma bem objetiva pondera que foram educados no luteranismo e que ignoravam sua ascendência até chegar os momentos de exceção. Ela afirma: ‘Em casa, recebemos educação luterana. Não sabíamos que éramos judeus até Hitler chegar. Meus pais eram alemães, cristãos e não se falava nisso. Não tinha importância nenhuma’ (FISCHER, 2005, p. 91). Ou seja, ignorar as ascendências, sobretudo a judaica, era um fato comum, assim como reivindicar um reconhecimento público como alemão e cristão (SOARES, 2012, p. 52).

Devido ao distanciamento, ocorre a necessidade de aproximação com a cultura judaica durante o exílio, o que explica o nome da fazenda Traumann – Gilgala – que faz referência ao primeiro assentamento dos judeus pós-êxodo do Egito, como narra a tradição judaica. Ou o empenho dos professores em ensinar às crianças exiladas o que é ser judeu e sua cultura. Nisso vemos a maleabilidade das identidades, mesmo que forçadamente a família Traumann e muitos de seus vizinhos refugiados tiveram que incorporar em sua trajetória uma judeidade até então abandonada.

Nesse caso, vemos o diálogo entre a memória e as construções identitárias. A família Altman havia excluído de sua memória familiar sua ascendência judia, a resultar dessa forma numa identidade alemã. As identidades manifestas por muitos dos exilados em Rolândia foram reconstruídas em novo território, isso devido ao recorte de sua ancestralidade efetuado por muitas famílias, frutos da *Haskalah* e do aperfeiçoamento civil, sendo necessário a rememoração e reconstrução das identidades judaicas:

Em virtude disso, tentar idealizar um discurso identitário único, coeso e completo em si mesmo se torna uma fantasia, posto que o sujeito, através de

seus posicionamentos, assume identidades múltiplas nos diversos momentos e espaços onde sua história de vida adquire sentido e encontra ressonância (SILVEIRA, 2010, p. 70).

Por meio das discussões efetuadas aqui, compreendemos que as identidades apresentadas por Michael Traumann são múltiplas, sendo fruto de constantes lembranças e de seu contexto social. A Biblioteca Traumann, enquanto local de constante manutenção, nos permite a investigação dos caminhos utilizados pelas construções identitárias de Michael Traumann e as memórias que manifesta, já que ela pode e deve ser compreendida como lugar de memória e cuja:

função social está diretamente ligada à missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e os insumos de conhecimentos concebidos por nosso fazer racional. Ou seja, enquanto “lugares de memória”, as Bibliotecas tendem a reafirmar os saberes e a torna-los móveis, traduzíveis, permutáveis, enfim, tentam dar sentido ao saber e a fazer com que o mesmo se torne um instrumento de reafirmação da “identidade” individual ou coletiva humana (SILVEIRA, 2010 p. 69).

A Biblioteca Traumann nos apresenta amplamente a valorização da cultura europeia. Mesmo com sua característica cosmopolita, nela encontramos uma extrema valorização da língua alemã e os livros de Gabriel Garcia Márquez e Jorge Amado, em alemão, demonstram isso. As identidades que procurou construir, por mais universal que fossem, sempre estiveram relacionadas à cultura germânica. Além de sua Biblioteca, podemos observar isso se retornarmos à suas produções textuais.

Na primeira história de seu livreto *10 histories for childreni*, é possível essa observação. No conto que tem por título *Clumsy Bungly Unlucky and Princess Happychild*, Michael Traumann primeiramente preocupou-se em contar a história de seu autor Richard von Volkmann-Leander que:

Na Guerra Franco-prussiana, 1870-1871, no grande cerco de Paris, um doutor alemão foi alocado em um antigo castelo francês. Durante o dia, ele curava as pessoas machucadas e moribundas no hospital de guerra, mas a noite ele sentava em frente à uma fogueira e criava contos de fada. E os publicou sob o título de *Dreams in the Front of French Fire Places*³⁰ “Sonhos na frente de fogueiras francesas” (TRAUMANN, [s.d.], p. 5).

³⁰ Tradução de Letícia Guiraud.

Volkman-Leander foi um médico germânico que escreveu histórias infantis em um contexto de guerra³¹, motivo de encanto para Traumann, que afirmou o contraste presente entre a realidade do autor e sua escrita fantasiosa (TRAUMANN: SD: 05). A importância disto para este trabalho, não está necessariamente na história contada, mas na presença dela nas leituras de Michael Traumann.

Ao escrever o comentário, sua ênfase permaneceu na pessoa de Volkman-Leander, isso pode significar uma lembrança de histórias que ouviu em sua infância, e decidiu compartilhar com seus filhos e as crianças de sua convivência, a valorizar dessa forma produções alemãs. Também pode representar uma proximidade construída por Traumann, ao autor aqui discutido, pois da mesma forma que Leander produziu obras infantis em um contexto de sofrimento e guerra, Michael Traumann produziu peças e textos infantis em seu exílio voluntário.

As adaptações efetuadas por Traumann podem ser analisadas como frutos de sua leitura. Por mais que uma análise catalogal não compreende a totalidade das leituras do indivíduo, não podemos desassociar suas produções de sua Biblioteca, a frisar novamente na sua constante circulação entre as outras Bibliotecas familiares de Gleba Roland. O contexto que em Michael Traumann enquadra-se como produtor de cultura por meio do texto é em uma região distante dos centros urbanos, mesmo considerando seus anos iniciais na Alemanha. Por isso, conjecturamos que o que produziu está intimamente relacionado com as tradições orais e textuais que comungou na zona rural de Rolândia. Dessa forma, seus textos são bons caminhos para a investigação de sua visão de mundo juntamente com sua Biblioteca. Abaixo discutiremos outro conto e o que manifestou de seu universo nele.

Ao comentar a historieta *The fisherman and his wife*, Traumann critica os contos de fadas, que a seu ver são contra as mulheres. Nesse conto dos irmãos Grimm, certo pescador captura um peixe dourado, que lhe diz ser um príncipe mágico. O pescador decide por libertar o príncipe Peixe. Ao contar o ocorrido para sua esposa, o pescador é questionado por não ter pedido nada em troca, por causa disso retorna ao encontro do peixe e este lhe concede seu desejo: uma linda casa. No decorrer da história, a mulher do pescador, sempre insatisfeita, deseja o mundo causando irritação no peixe mágico e ele retira tudo que deu ao pescador e sua esposa.

³¹ C.S Lewis também se enquadra como um escritor que produziu histórias infantis período entre as guerras mundiais. Por mais que não acha sinais de que Michael Traumann leu suas obras, vale a compreensão de que as experiências no contexto social, acabam por ser expressas nas produções textuais, como é o caso de as Crônicas de Nárnia (1956), onde o universo fantasioso de Nárnia torna-se uma fuga da guerra, para os protagonistas da série literária.

A crítica de Michael Traumann está na ganância que é conferida à personagem da esposa. Segundo ele, essas características são certamente masculinas. Seu posicionamento é contra as figuras de mulheres vilãs que sempre são apresentadas nos contos de fada – a bruxa má, a invejosa, a madrasta sem coração. Para Traumann, essa característica está presente porque “os estabelecimentos literários serem dominados por homens”³² (TRAUMANN, [s.d.], p. 17). Para exemplificar isso, Michael Traumann comenta sobre a produção de um romancista alemão chamado Gunter Grass que, na obra *Der Butt* (1977), traz a cena as personagens do conto dos irmãos Grimm. Nessa história, o pescador vive em uma caverna e a ganância pertence a ele e não a sua esposa. O pescador em seu infinito desejo pelo poder, ao conseguir seus desejos, torna-se poderoso demais e deseja uma arma que possa destruir tudo, com este desejo ele destrói tudo o que tem.

Traumann afirma que essa versão não se tornou popular devido à supremacia masculina no campo literário, que acabam por valorizar histórias que mantenham a boa imagem do homem – o herói, príncipe. Essa discussão não visa atribuir a ele um caráter feminista, mas demonstrar a proximidade dele com os contos de fada e a literatura, em geral, a ponto de sentir-se no direito de criticá-las e readaptá-las da mesma forma que as peças e as histórias discutidas até aqui. Também podemos indagar se a crítica que efetuou é fruto de uma Biblioteca universalizada, que o possibilitou diferentes visões sobre o mundo, tornando-o mais crítico a certas questões sociais.

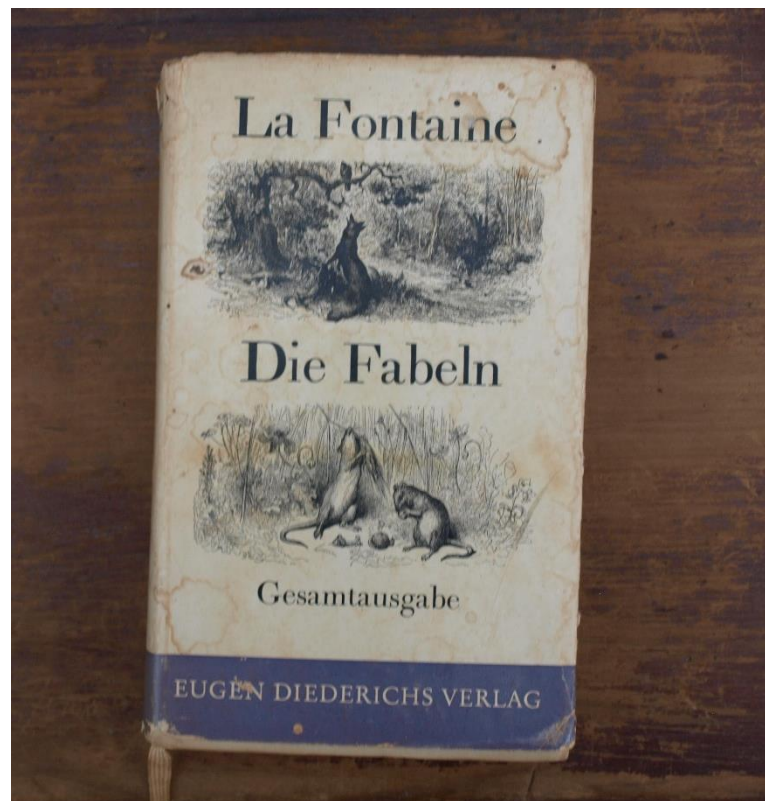
Por exemplo, no conjunto de livros catalogados temos uma obra de Simone de Beauvoir, *L'invitée*, primeiro romance da autora que narra diversos conflitos de uma mulher de trinta anos. A autora é conhecida por seu discurso em prol da autonomia e valorização feminina. Sua inclusão nas leituras da família e de Michael Traumann pode explicar sua postura no conto do príncipe Peixe. Ou ainda, ela pode estar relacionada às suas experiências, já que enquanto judeu emancipado, em contrapartida da sua contemporaneidade, conviveu com mulheres instruídas nas universidades (SOARES, 2012), não atribuindo assim uma visão simplória e caricatura da figura feminina, prática comum de seu tempo.

Independente do motivo, Michael Traumann compreendeu que ele tinha o poder de transformar as histórias, tudo o que estava feito poderia ser refeito e problematizado. A cada linha reescrita, a cada crítica datilografada, ele manifestou um pouco de si, externalizou medos, anseios, indignações e alegrias. Na Biblioteca, aqui analisada, encontramos a presença de dois exemplares de literatura infantil que nos permite fortalecer a compreensão de que suas

³² Tradução de Letícia Guiraud

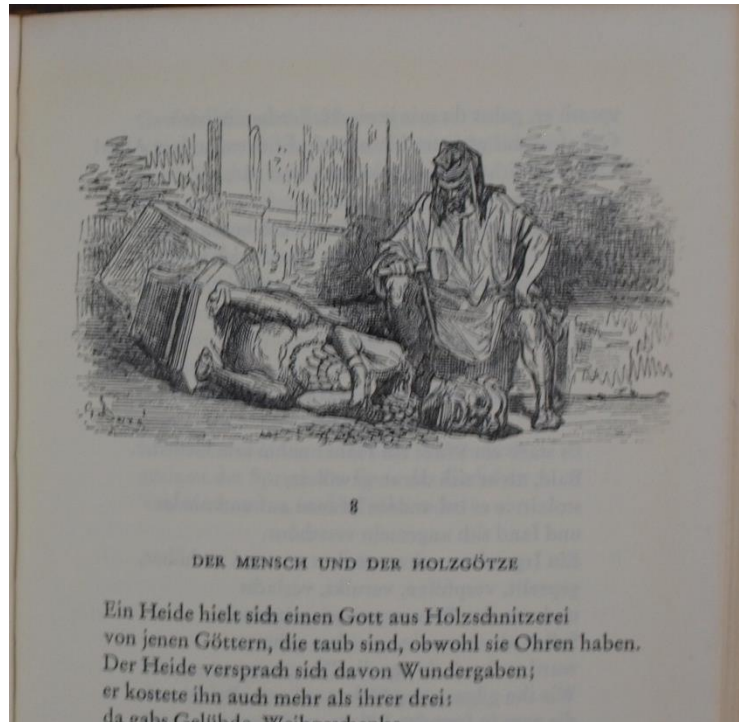
produções textuais são frutos de suas leituras. Por exemplo, entre os livros catalogados encontramos a fábula de Jean de la Fontaine *Die Fabeln*, um *hardcover* de cor cinza, com um jacket de papel ilustrado e com pequenos esboços ao longo da obra. Foi encontrado também *Hansel und Gretel: Ein Märchen der Brüder Grimm* (João e Maria: um conto dos irmãos Grimm, 1944). O livro é um brochura de capa dura com ilustrações coloridas no corpo texto, as páginas encontram-se levemente amareladas, mas o impresso está em bom estado de conservação. Mesmo que adaptações discutidas não sejam sobre esses exemplares, podemos elucubrar a influência dessas bibliografias em seus escritos, principalmente por serem contos e fábulas, estilos muito utilizados por Traumann.

Figura 20 – *Die Fabeln*



Fonte: Biblioteca Traumann (2016). NDPH/UEL.

Figura 21 – Ilustração no miolo do livro *Die Fabeln*



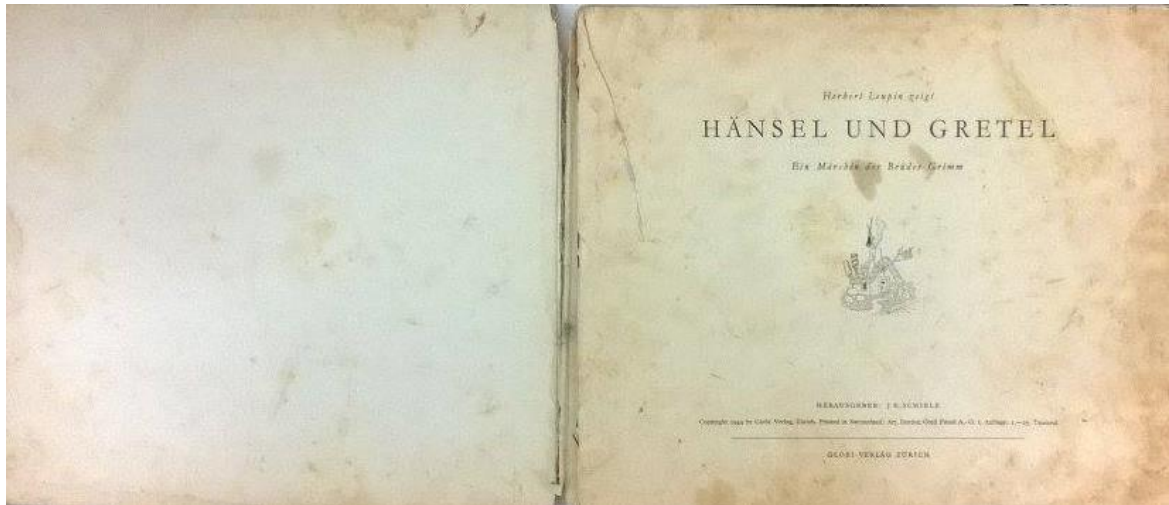
Fonte: Biblioteca Traumann (2016) - NDPH/UEL

Figura 22 – *Hansel und Gretel*



Fonte: Biblioteca Traumann (2016) - NDPH/UEL

Figura 23 – Folha de rosto do livro *Hänsel und Gretel*



Fonte: Biblioteca Traumann (2016) - NDPH/UEL

Figura 24 – Ilustração no corpo do texto

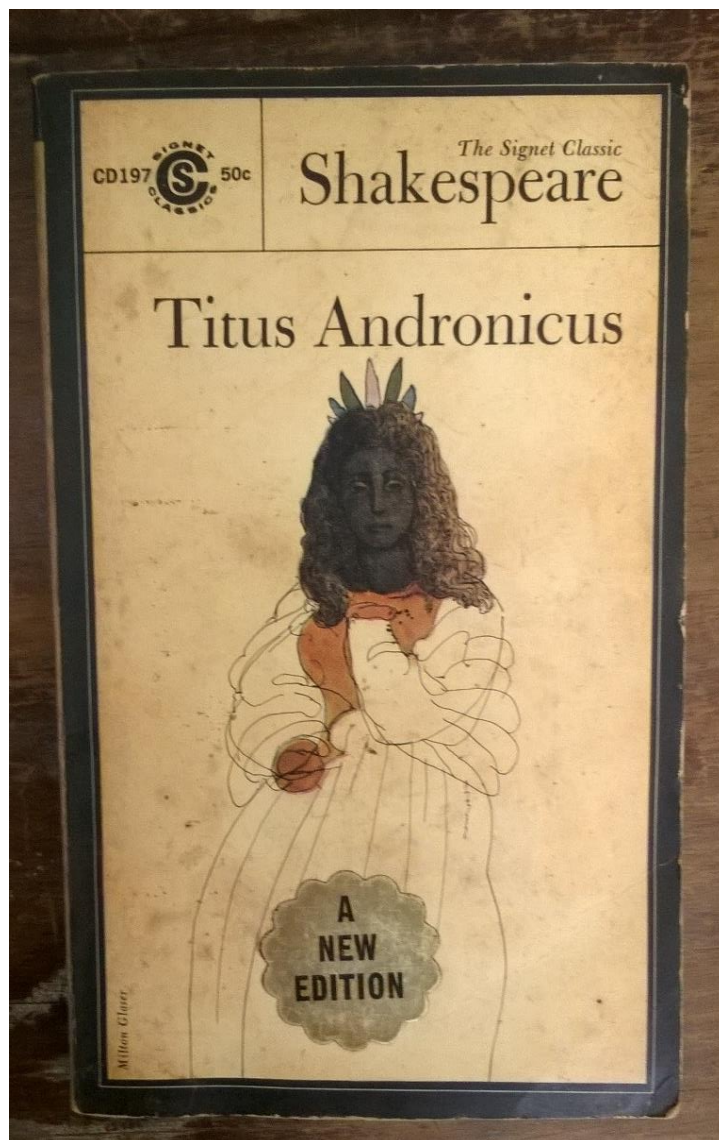


Fonte: Biblioteca Traumann (2016) - NDPH/UEL

Afora os exemplos dados, podemos aferir sobre as adaptações teatrais feitas por Michael Traumann. No capítulo anterior, vimos a importância da literatura greco-romana para ele e para a cultura alemã, isso foi observado por intermédio das adequações que efetuou nas obras de Eurípides, com foco em *Alkestis*, além da discussão sobre Wilhelm Meister e o teatro, especificamente o de bonecos. A paixão que Traumann manifestou pelo teatro tornou-se visível em sua Biblioteca com a assiduidade de peças teatrais que ela contém, é o caso de *Titus Andronicus*, de William Shakespeare, brochura com a capa suja provavelmente de barro e com marcas de umidade na folha de rosto, foi publicada por *The New American Library of World Literature*, em Nova York no ano de 1964, e está em inglês. Outra do mesmo autor é *Much Ado*

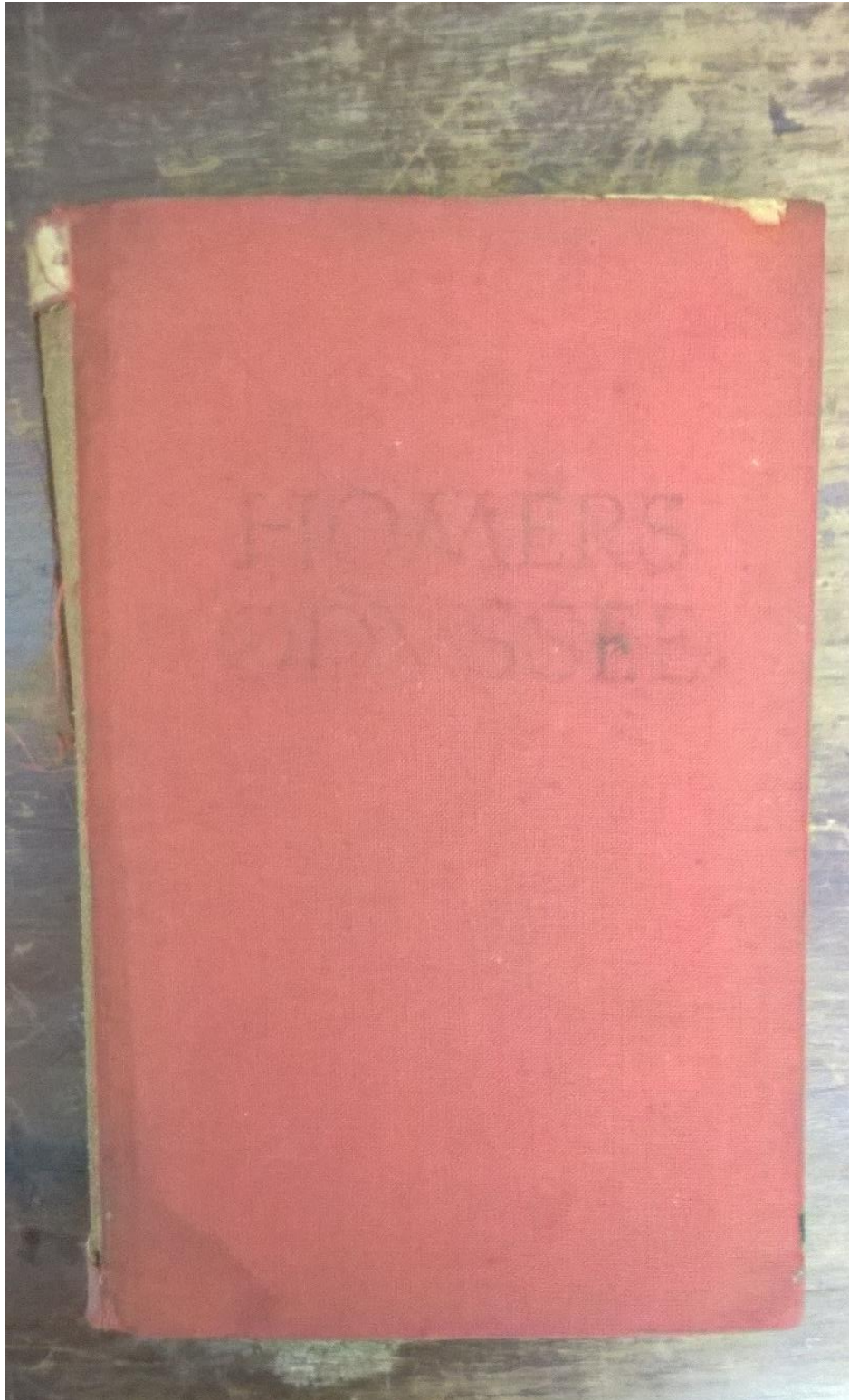
About Nothing, da mesma editora e do mesmo ano. Além da presença de produções importantes para a cultura inglesa, temos a epopeia grega *Homers Odysse*, brochura bem desgastada com páginas amarelas e grifos no corpo do texto, foi publicada em alemão pela editora Reclam-Verlag de Stuttgart e não contém data de publicação. O poema épico de Homero é tido como clássico Ocidental, sendo muito valorizado pela cultura alemã, o que fortalece a discussão sobre a escolha de Traumann da nossa personagem, objeto desta pesquisa, em adaptar composições gregas.

Figura 25 – *Titus Andronicus* de William Shakespeare (1964)



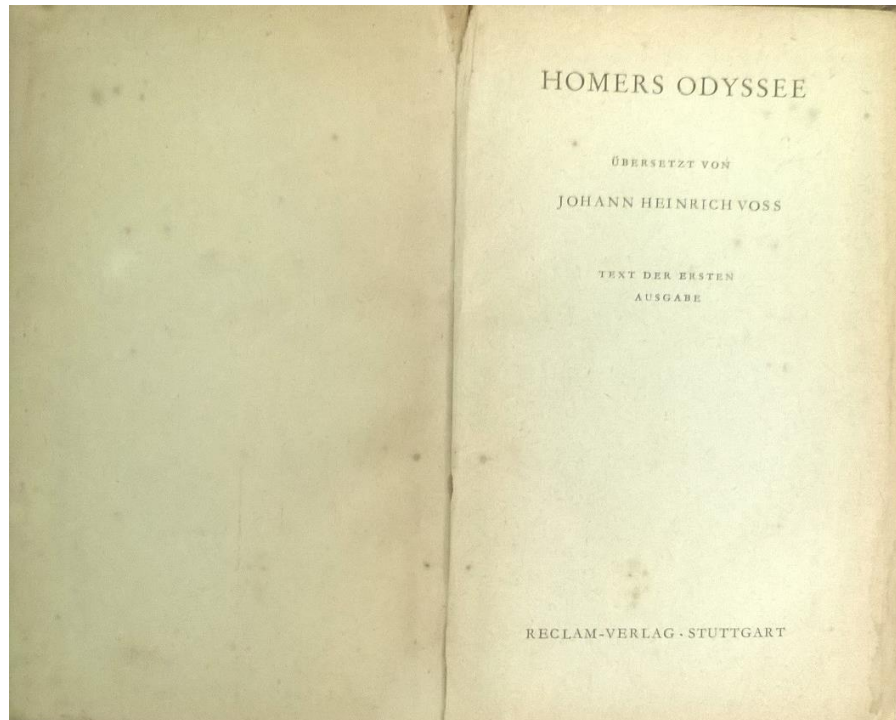
Fonte: Biblioteca Traumann (2016)- NDPH/UEL

Figura 26 – *Homers Odyssee* [s.d.]



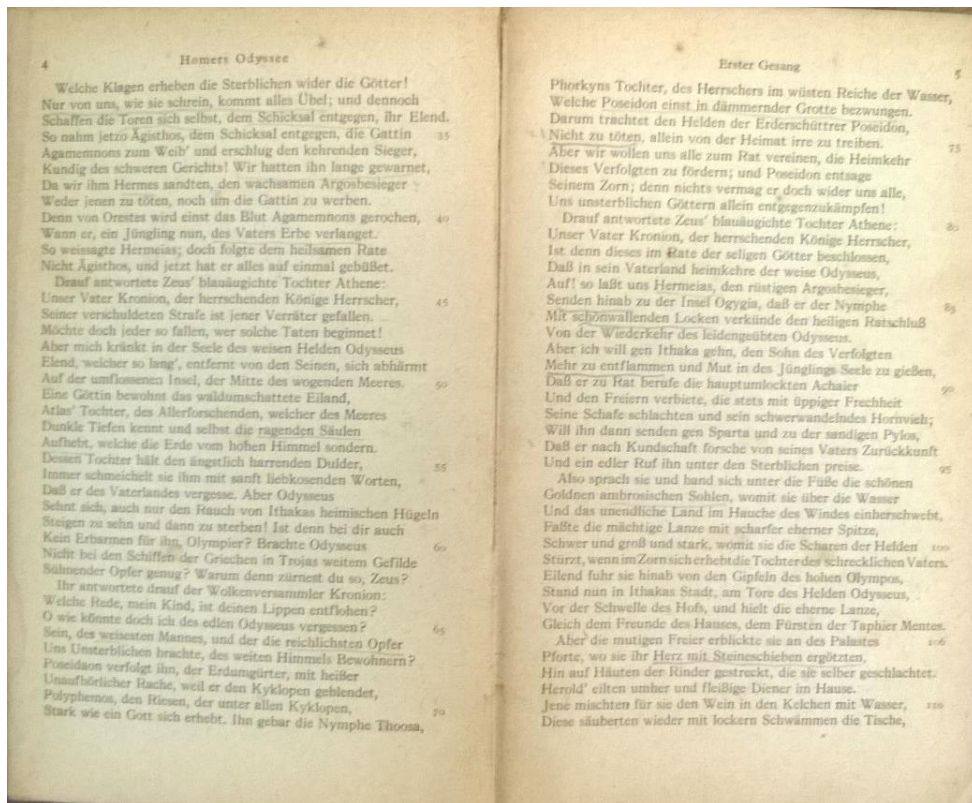
Fonte: Biblioteca Traumann (2016)- NDPH/UEL

Figura 27 – Folha de rosto de *Homers Odyssee* [s.d.]



Fonte: Biblioteca Traumann (2016) - NDPH/UEL

Figura 28 – Grifos no corpo do texto de *Homers Odysse* [s.d.]



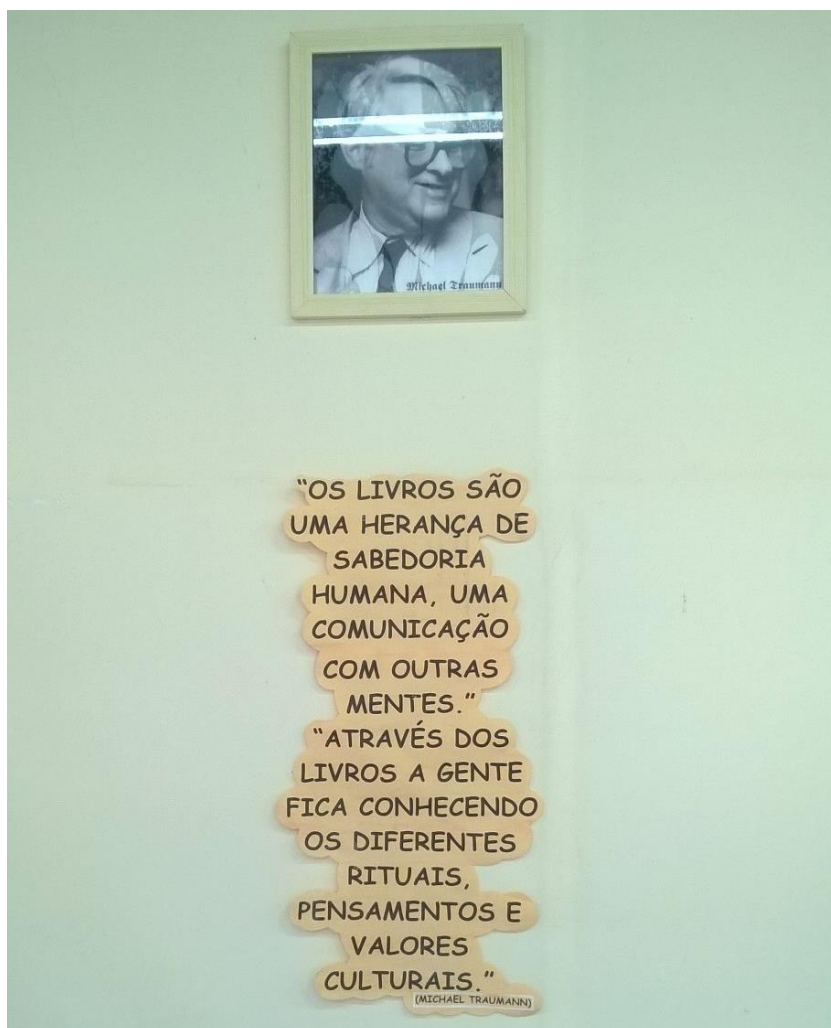
Fonte: Biblioteca Traumann (2016) - NDPH/UEL

Até agora problematizamos o empenho de Michael Traumann na manutenção de uma Biblioteca que exala uma cultura cosmopolita, com enfoque na europeia e de ramo alemão. Observamos que suas produções textuais estão relacionadas com suas leituras, bem como sua Biblioteca nos permitiu esta análise, mesmo que tenha sido por fragmentos e sinais das prováveis leituras que efetuou. A questão que nos é posta agora é sobre os resultados, em nossa contemporaneidade, de seu esforço em manter viva o que compreendia como tradição, isto é, o hábito de ler que herdou de sua família e tanto lutou para preservar em seu contexto social, seja por meio de suas adaptações ou do apoio à circulação de livros entre seus vizinhos de fazenda (SOARES, 2012).

Em 2011, dois anos após o falecimento do Traumann, foi inaugurada na cidade de Rolândia a Biblioteca Cidadã Michael Traumann, com o intuito de incentivar a prática da leitura entre os cidadãos da cidade e fornecer acesso livre à internet para fins educacionais. A criação da Biblioteca que carrega seu nome pode ser analisada como resultado de seu empenho para a preservação do ato de ler. Além disso, ela oficializa sua memória enquanto cidadão rolandiense e intelectual.

Em um texto explicativo sobre a inauguração do novo espaço, o prefeito afirma que: “com relação a escolha do Michael Traumann, trata-se de uma justa homenagem a um homem que foi um verdadeiro ícone de inteligência e pioneirismo da nossa cidade” (LEHMANN, 2011). Além da fala prefeito, a Biblioteca Cidadã apresenta sinais que fortalecem essa imagem atribuída a ele, é o caso de um texto colado na parede, abaixo de uma foto sua, com uma suposta frase de Michael Traumann. já que não apresenta data, nem de onde foi extraída:

Figura 29 – Foto e frase de Michael Traumann na Biblioteca Cidadã



Fonte: CARVALHO (2016). Biblioteca Cidadã Michael Traumann, Rolândia-PR

A presença da foto e da frase em conjunto corroboram o imaginário de um homem intelectual, que focou sua vida no culto ao livro. Isso também é observável em uma entrevista com Susana Behrend, presente na Biblioteca. A entrevista não possui data e foi transcrita por José Carlos Farina, morador da cidade:

Ele escreveu muito, inclusive peças teatrais, na maioria sobre mitologia grego/romana. As peças de teatro com uso de fantoches foram apresentadas para inúmeras pessoas. Era um conhecedor profundo da Bíblia e durante muitos anos presidiu a comunidade Luterana [...] Era um apaixonado por livros. Lia muito, as vezes até cinco livros por semana. Sempre compartilhava o que aprendeu com familiares e amigos. Sempre dizia que o livro era o melhor amigo do homem por permitir que a imaginação florescesse na mente dos leitores. Ao morrer, a sua Biblioteca com cerca de 4.000 volumes foram doados para a Universidade Estadual de Londrina. Foi uma pessoa admirável por todos que tiveram o prazer de conhece-lo (BEHREND, [s.d.])

Para fortalecerem o imaginário sobre Michael Traumann, fizeram uso das memórias de outra pioneira da cidade, Susane Behrend, que com ele conviveu. Novamente vemos atribuição de um carácter intelectual sendo atribuído a ele, o que podemos afirmar como resultado de seu comprometimento em se construir enquanto indivíduo espiritualizado, ou seja, voltado para as artes e leituras, para o universo não-palpável do conhecimento, mas que é materializado por intermédio de sua Biblioteca e de suas produções textuais.

Na entrevista da senhora Behrend, vimos que em sua memória sobre o Traumann ela fala sobre seus teatros de bonecos, algo que ficou latente em suas lembranças. A Biblioteca Cidadã aparentemente fez uso delas na montagem de suas atividades voltadas ao público infantil, pois um dos mecanismos que utilizaram para incentivar foi um projeto de *contação* de histórias, a fazer também de fantoches:

As crianças do 1º ano B, das Escola Municipal Sebastião Feltrin, de Rolândia, visitaram a “Floresta Encantada” da Biblioteca Cidadã Michael Traumann na quarta feira (26). A visita faz parte do projeto de incentivo à leitura, desenvolvido pela pedagoga Angelita Maria Teotônio, junto à Secretaria Municipal de Educação. Acompanhados pela profa. Ana Paula Sinotti e pelas educadoras Letícia Oliveira e Ângela Mazia, os alunos ouviram a história “Mordidinhas 1,2,3, vamos contar”, contada por Angelita, e conheceram a Floresta Encantada montada dentro da Biblioteca com materiais alternativos e recicláveis (Jornal nº 1, 2015).³³

Esse recorte sobre a reportagem, encontrado na Biblioteca Cidadã, corrobora com a discussão feita até aqui. A memória, que Michael Traumann foi veemente em manter, está sempre relacionada à cultura europeia e ao ato de ler, à *contação* de histórias e ao teatro de bonecos. Um de seus temores era o fim dos contos que ouviu quando criança e dos meios de transmiti-los como vimos na historieta *Swineherd*, em que ele manifesta seu anseio para que as gerações futuras não abandonassem as práticas verdadeiras, “as histórias e as formas de contá-las, por aquilo que era falso, os mecanismos da modernidade, rádios e televisões” (TRAUMANN, [s.d.], p. 24). Mesmo com seus temores concretizados, afinal o espaço que o homenageia é um ponto de acesso livre à internet e as coisas que, para ele, eram falsas e mecânicas, nesse mesmo lugar o hábito de contar histórias e apresentar teatros permanecem vivos, mesmo que seja para um pequeno público.

³³ Jornal nº 1 de Rolândia, 28 de agosto de 2015, p. 17.

Figura 30 – Floresta Encantada



Fonte: CARVALHO (2016). Biblioteca Cidadã Michael Traumann, Rolândia-PR.

Figura 31 – Floresta Encantada II



Fonte: CARVALHO (2016). Biblioteca Cidadã Michael Traumann, Rolândia-PR.

Figura 32 – Interior da Biblioteca Cidadã



Fonte: CARVALHO (2016). Biblioteca Cidadã Michael Traumann, Rolândia-PR.

Figura 33 – Exterior da Biblioteca Cidadã



Fonte: CARVALHO (2016). Biblioteca Cidadã Michael Traumann, Rolândia-PR.

Figura 34 – Paineis em Homenagem a Michael Traumann (autora Regina Kempf)



Fonte: CARVALHO (2016). Biblioteca Cidadã Michael Traumann, Rolândia-PR.

Em contrapartida da preservação dessa memória mantida por Michael Traumann voltada aos livros e à cultura da leitura, observamos o abandono de boa parte de sua Biblioteca ainda presente na antiga fazenda Gilgala. Como foi dito na entrevista de Behrend, a Biblioteca em sua totalidade foi doada à Universidade Estadual de Londrina, mas algo que não consta na entrevista é que devido à falta de verbas somente uma parte foi levada para a instituição. Os volumes restantes permaneceram na fazenda, agora em posse de uma transportadora de grãos. Esses impressos, que estavam localizados na casa dos livros, foram transportados para antiga sede da fazenda, o seu antigo hábitat foi transformado em residência para os trabalhadores da empresa.

A sede da fazenda Gilgala foi construída com madeira em um estilo próprio da região, mas a composição de seu telhado assemelha-se aos modelos alemães, Kehbalkensparrendach (telhado atirantado).

Figura 35 – Antiga sede da fazenda Gilgalla



Fonte: CARVALHO (2016). Fazenda Gilgalla, Rolândia –PR.

Mesmo com a compra de toda a fazenda, os proprietários atuais mantiveram a antiga sede, local que serviu de depósito para os livros. Já na parte externa, visualizamos sinais de abandono da estrutura física, mas é em seu interno que constatamos o descaso com os livros que foram de grande importância para Michael Traumann.

Figura 36 – Interno da antiga sede



Fonte: CARVALHO (2016). Fazenda Gilgalla, Rolândia –PR.

Figura 37 – Interno da antiga sede II



Fonte: CARVALHO (2016). Fazenda Gilgalla, Rolândia –PR.

Investigamos ao longo deste capítulo o motivo do esforço de Michael Traumann em preservar uma cultura da leitura e quais foram seus resultados. Observamos que suas produções textuais são frutos desse empenho na preservação, já que por meio delas ele prolongou o alcance de obras antigas às novas gerações. Além disso, analisamos quais os frutos em nossa contemporaneidade e pudemos observar que ao mesmo tempo em que a cidade oficializa uma memória intelectual que ele tanto se empenhou para construir e preservar, ela ignora a constante deterioração de boa parte de seus livros e da antiga sede da fazenda Gilgala. Talvez esse enquadramento se dê por aquilo que os represente, é importante para as políticas públicas da cidade o incentivo à leitura, neste caso as identidades que Traumann construiu e aquilo que manifestou frente a sociedade lhes cabem como modelo para as futuras gerações.

Já a sua Biblioteca, que é composta em sua grande maioria por livros em alemão e de autores não populares para a população contemporânea, em si não é de muita importância. O que vemos aqui é o valor simbólico atribuído à imaterialidade dos livros e da leitura, mas não necessariamente a sua materialidade, diferença nítida da importância que Michael Traumann atribuía à sua Biblioteca. Talvez esse abandono se dá devido a não-representação com os símbolos que ela expressa, por exemplo, seu corpo exala cultura alemã e europeia, sendo ela

mantida entre os primeiros habitantes da cidade, o que pode não mais fazer sentido às futuras gerações, como é o caso dos novos proprietários da fazenda que, por não se verem representados nos conjuntos de livros, os deixaram de lado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, investigamos as construções identitárias de Michael Traumann, manifestas em sua Biblioteca e quais os caminhos que ele utilizou para tal construção. Questionamos o motivo de seu intuito de preservação e de quais memórias fez uso para a realização dessas constituições. Segundo Ulpiano Meneses, a memória é reorganizável e ela não se confunde com história, ou seja:

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social (MENESES, 1992, p. 22).

Essa capacidade da memória foi observada nas reconstruções identitárias efetuadas pela família Traumann, juntamente com os demais judeus emancipados exilados. Foi necessário para essas famílias a reformulação das identidades judaicas até então deixadas de lado, devido aos processos de assimilação (SOARES, 2012). No uso do ex-libris por Frederich Traumann e na manutenção a eles, efetuada por Michael Traumann, visualizamos o diálogo entre as memórias e as identidades, como é o caso das obras de Eurípides, momento em que utilizaram uma memória familiar em um diálogo com suas identidades alemãs, considerando a importância da literatura greco-romana para a cultura alemã.

As identidades constantemente (re)formuladas por Michael Traumann também foram expostas em suas produções textuais, sendo frutos daquilo que leu, tidas para nós, nesta pesquisa, como resultado de sua Biblioteca. O ato de ler por si só já traz consigo a interlocução entre autor e leitor, sendo que ambos são produtores de cultura (CERTEAU, 1998; CHARTIER, 2003). Ao se tratar de produções, o leitor pode externalizar esse diálogo interno, que transpassa a sua subjetividade. Traumann, em suas adaptações, expôs fragmentos de seu universo, demonstrou suas alegrias, temores e anseios. No ato da escrita rememorou suas vivências e leituras, tentou eternizar aquilo que lhe afligia ou lhe dava prazer, como deixou claro no conto *Swineherd*, e manifestou seu cotidiano, observável em seu teatro de bonecos sobre *Alkestis* e na historieta de *Androclus and the Lion*. Em todos esses momentos rememorou e transformou suas

experiências, atribuiu roupagem nova ao seu passado, mesmo que de forma inconsciente, pois a memória se organiza e reorganiza no presente, permitindo dessa forma a maleabilidade das identidades (MENESES, 1992; POLLAK, 1992). Por exemplo, ele é leitor erudito e fazendeiro, é alemão, brasileiro e judeu, além de cidadão do mundo.

Nos sinais que deixou de seu cotidiano, expressou todas essas identidades, ao mesmo tempo em que critica o relacionamento improvável entre Androclus e o leão. Tal feito por si já demonstra intimidade com a história, o que ele fazia com base em sua vivência na fazenda, narrando aos seus leitores a dificuldade em tirar os espinhos dos cachorros que alimentava todos os dias. Ao se compreender enquanto cidadão alemão, não negou sua ascendência judaica muito menos suas identidades brasileiras, talvez por isso considerava-se cidadão do mundo, já que comungou de diversas pátrias, seja fisicamente ou nos campos espirituais. Ele quer se expressar de forma cosmopolita.

As identidades construídas por Michael Traumann tornam-se visíveis em sua Biblioteca, ele a transforma em lugar onde retém as memórias que procurou manter de seus pais, e as identificações culturais que procurou significar como sua herança e legado. Por isso consideramos que ela é:

Lugar da memória nacional, espaço da conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma Biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento. É um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor do conhecimento, a serviço da coletividade inteira (JACOB, 2000, p.9, apud SILVEIRA, 2010, p. 79).

Michael Traumann fez uso da materialidade e imaterialidade da Biblioteca na construção de suas identidades, para tal atribuiu a ela uma função de lugar de memória, na qual:

Enquanto ‘lugares de memória’, as Bibliotecas tendem a reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis. São instituições que nos permitem, por intermédio de seus acervos, acessar as experiências comuns a toda humanidade, bem como as razões e os intentos de cada um de seus usuários em particular (SILVEIRA, 2010, p. 79).

Nesse sentido, a Biblioteca Traumann se constitui como ponte para uma memória familiar voltada para a intelectualidade e elitismo cultural, referência esta que muito empenhou-se em manter e que tiveram seus resultados, como observamos no último capítulo. A construção da Biblioteca Cidadã Michael Traumann, em Rolândia, pode ser vista como

consequência de seu esforço. Tanto no espaço físico da Biblioteca quanto nas justificativas do nome escolhido, é atribuída ao pioneiro rolandiense uma identidade intelectual. Justificam que sua vida girava em torno dos livros e da leitura, o que no universo prático não é totalmente viável, devido ao seu cotidiano na fazenda, mas mesmo assim a memória que enquadraram foi a de cidadão espiritualizado, deixando de lado suas identidades como fazendeiro. Esse enquadramento também exclui o valor que ele atribuía à literatura alemã e estrangeira, pois tanto a sede da antiga Gilgala, como muitos livros em línguas estrangeiras encontram-se abandonados, não sendo significativos para memória oficializada pela comunidade de Rolândia.

Portanto, esta pesquisa nos possibilitou a compreensão das construções identitárias de Michael Traumann e das memórias que (re)formulou em sua trajetória, além de observamos os seus resultados frente a sua comunidade. Seu empenho em manter o legado intelectual herdado de seus pais, teve como resultado a criação de uma Biblioteca em sua homenagem, mas ao mesmo tempo que manteve transformou essas identidades, pois o caráter cosmopolita, ou o foco na cultura alemã e europeia, perdeu-se sendo preservado somente as características gerais sobre sua paixão pelos livros e leituras. Ele torna-se um belo exemplo da negociação das identidades e as construções de memórias, em um passado recente, que acabou por legar suas impressões sobre a cidade de Rolândia. A forma como manifestou-se e cultivou-se frente à sociedade rolandiense, permitiu que seu legado fosse de um homem intelectual, mesmo que não se tenha uma associação direta ao seu trabalho enquanto escritor, envolto de si permaneceu uma aura de erudição que torna-se oficial por meio da construção da Biblioteca Cidadã.

FONTE

TRAUMANN, Michael. **10 Stories for Children: retold and with comentary**. [s.d.], n. 11-20.

_____. **Alkestis: um teatro de bonecas numa adaptação livre de Eurípedes**. [s.d.], 1-22

_____. **Entrevista ao projeto Etnicidade e Morte/ETN**. Londrina-PR. 2008.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco. 1996.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BELTRAME, Valmor. **O Trabalho do Ator-Bonequeiro**. Revista NUPEART, Florianopolis, SC, v.2, n.2, p. 33-52, set. 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

BRUCHARD, Dorothée. **Ex-Libris: Belas histórias de artes, de vida e de amor aos livros** In: MARTINS, Plínio filho (Org). **Ex-libris: Coleção Livraria Sereia de José Luís Garaldi**. Ateliê Editorial. São Paulo, 2008.

CALHEIROS, Mariana Fernandes; COSTA, Patrícia da Silva; RODRIGUES, Alessandra Hermógenes. **Análise bibliológica de livros raros: a preservação ao “pé da letra”**. In: Anais da Biblioteca Nacional. Vol. 123, 2003. 2007.

CARVALHO, Naor Franco de. **CAMINHANDO ENTRE DOIS MUNDOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ALKESTIS ADAPTADA POR MICHAEL TRAUMANN**. 2013. 40 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)- Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. Estação Liberdade: São Paulo, 1996.

_____. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

GOETHE, Joham Wolfgang von. **Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister**.- São Paulo: Ensaio, 1994.

GUINSBURG, Jacó (org.). **O judeu e a modernidade: súmula do pensamento judeu**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IPAC (1995). **Rolândia: A casa dos alemães**. Londrina: IPAC-UEL; MEC-SESU.

MAGNUS, Shulamit S. (1997) *Jewish emancipation in a German City, Cologne, 1798-1871*. Stanford: Stanford University Press.

LOEB-CALDENHOLF, R. **Memorien**. Rolândia: Edição particular, 1993.

LÖWY, Michael. **Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber**. In *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011, pp.129-142.

MAIER, Mathilde. **Os Jardins da minha vida**. São Paulo: Massao Ohno, 1981.

MAIER, Max H. **Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira: relato de um imigrante (1938-1975)**. Rolândia: Gráfica Velox, 1977.

MARTINS, Plínio filho (Org). **Ex-libris: coleção Livraria Sereia de José Luís Garaldi**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A história, cativa da memória? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, 1992, p.9-24.

_____. Memória e Cultura Material: documentos pessoais nos espaços públicos. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 2, 1998.

MIRANDA, Camila Santos. **Ex libris: uma perspectiva histórica e contemporânea**. Brasília: UNB, 2009.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo (10). Dez. 1993.

PAZIANI, Ribeiro. **Problemas, limites e possibilidades: os desafios do paradigma biográfico**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, vol. 2 N° 4, Dezembro de 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

REDE, Marcelo. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.4 p.265-82 jan./dez. 1996.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**. Porto Alegre, n.6, pp. 165-192, dez. 1996.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 3, p. 67-86, set./dez. 2010.

SOARES, Marco Antonio Neves. **A bibliofilia e a construção das identidades: o caso do ex-líbris de Friedrich** in Anais **Imaginários Sociais**. V ENEIMAGEM 19-22 maio. Londrina-PR. 2015.

_____. **Da Alemanha aos Trópicos- identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003)**. Londrina: EDUEL, 2012.

TAMASO, Izabela M. **Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade**. In: PAULA, Zuleide C. de; MENDONÇA, Lucia G.; ROMANELLO, Jorge L. (org.). **Polifonia do patrimônio**. Londrina: Eduel, 2012.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”, História e fantasmagoria**. 342 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1997.

WEBER, José Fernandes. **Formação (*Bildung*), educação e experimentação em Nietzsche**. Londrina: EDUEL, 2011.